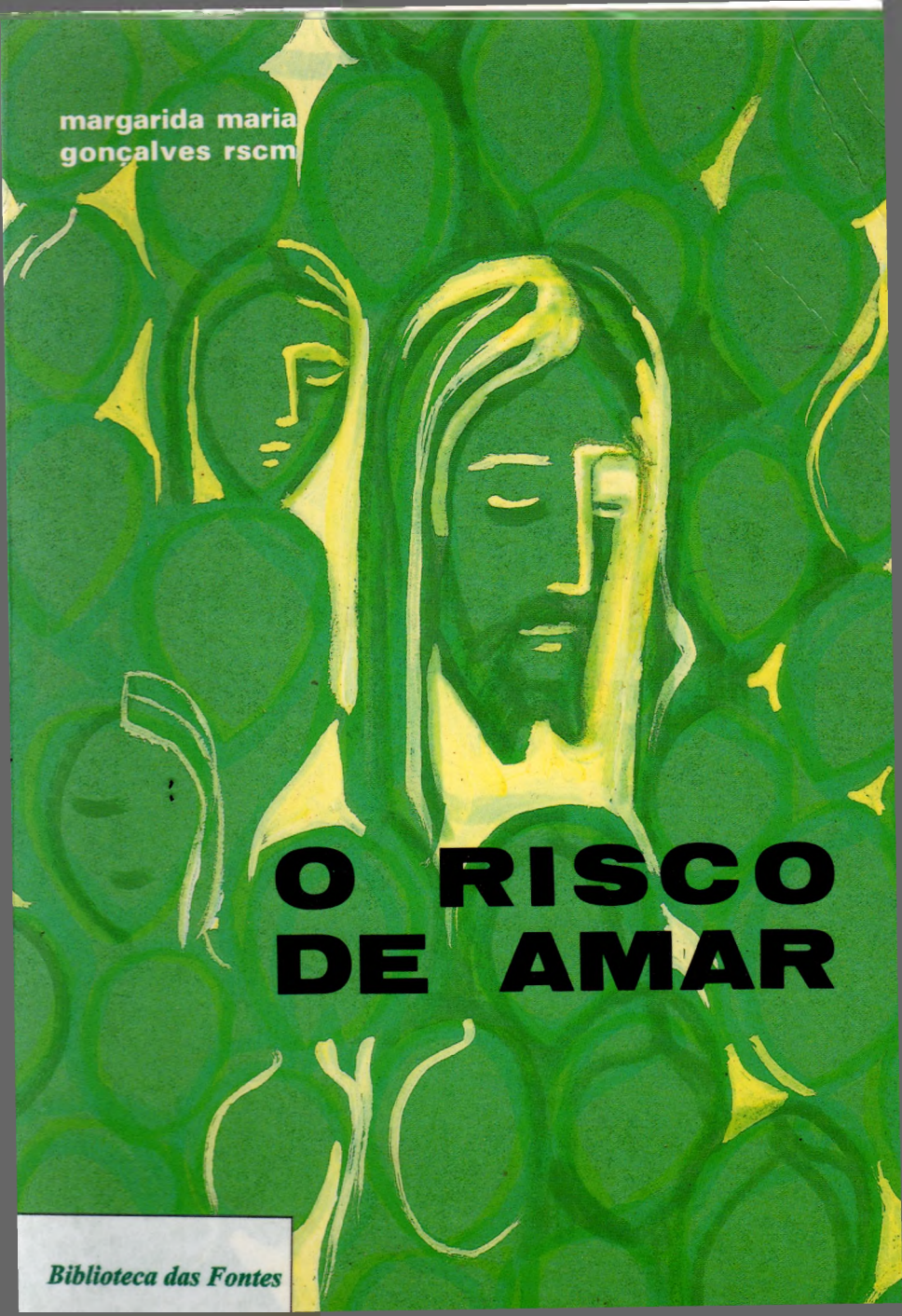
margarida maria
gonçalves rscm



O RISCO DE AMAR

Biblioteca das Fontes

O RISCO DE AMAR

BIBLIOTECA DAS "FONTES"
R S C M
PROVÍNCIA BRASILEIRA

Colecção «ORAÇÃO E VIDA»

1. **O Corpo e a Oração** – H. Caffarel
2. **Livro de Orações** – Orações de escritores clássicos portugueses, coligidas por Manuel Simões, S.J. (Esgotado)
3. **Senhor, ensina-nos a rezar** – Dário Pedroso, S.J. (5.ª ed.)
4. **Rezar com o Evangelho** – Dário Pedroso, S.J. (2.ª ed.)
5. **Eucaristia, pão de todos** – Dário Pedroso, S.J. (2.ª ed.)
6. **Aprender a rezar com a Beata Isabel da Trindade** J. Lafrance – (2.ª ed.)
7. **Firmes na Fé** – Dário Pedroso, S.J. (2.ª ed.)
8. **Desafios de Esperança** – Manuel Morujão, S.J.
9. **Oração interior** – H. Caffarel (3.ª ed.)
10. **Sarça Ardente** – Dário Pedroso, S.J. (2.ª ed.)
11. **Quarto de hora de Oração** – H. de Ossó
12. **Permanecer em Deus** – Jean Lafrance
13. **Tu e o teu destino** – A. Martins Barata, S.J.
14. **Tratar da Amizade – Aprender a Rezar** – M. Morujão, S.J.
15. **Mais forte que a Morte – Reflexões Cristãs** – J. Fragata, S.J.
16. **Reza ao Pai no teu íntimo** – Jean Lafrance (2.ª ed.)
17. **Divinizar o dia a dia** – Dário Pedroso, S.J.
18. **Com Maria em Oração** – Jean Lafrance (2.ª ed.)
19. **Vida em Oração** – Dário Pedroso, S.J. (2.ª ed.)
20. **Paisagens com Deus ao fundo** – Eloy Pinho
21. **Deus sempre presente** – André Simonet
22. **Em Espírito e verdade** – Manuel Simões, S.J.
23. **Rezar a Palavra** – Dário Pedroso, S.J.
24. **Tempo para Deus** – Dário Pedroso, S.J.
25. **Deus comigo** – Evaristo de Vasconcelos, S.J.
26. **O risco de amar** – Maria Margarida Gonçalves RSCM

Margarida Maria Gonçalves RSCM

O RISCO DE AMAR

Um perfil de comunhão
Irmã Maria do Socorro Bettencourt RSCM

EDITORIAL A. O. – BRAGA

Pode imprimir-se: *Manuel Morujão, S. J.*
Provincial

Imprima-se: † *Eurico Dias Nogueira*
Arcebispo Primaz

Capa de *Teresa Bock*

Depósito Legal N.º 50078/91
ISBN: 972-39-0257-5

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
L. das Teresinhas, 5 – 4719 BRAGA CODEX (Tel. 22485; Fax: 615631)

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA
Casa Provincial – R. Frei Tomé de Jesus, 12 – 1700 LISBOA

Maria do Socorro Moreira de Bettencourt

PREFÁCIO

A nossa caminhada na fé
como Religiosas do Sagrado Coração de Maria
é de total compromisso
no seguimento de Jesus Cristo,
na transformação pessoal nele
e na transformação do mundo. *(Const. 2).*

Um dos meios mais penetrantes para descobrir a acção do Espírito no Instituto, hoje, é partilhar umas com as outras, a nossa experiência do Deus vivo que continua a chamar-nos a uma caminhada na fé.

Os escritos da Irmã Maria do Socorro Bettencourt falam-nos da nossa fidelidade para com Deus e da fidelidade de Deus para connosco. São a história de uma caminhada na fé de uma de nós, profundamente sintonizada com Deus, confiante e disponível à sua vontade. São o testemunho de alguém cuja vida está enraizada em Deus, alguém com quem Deus pode contar, alguém que se abre totalmente ao poder transformante do Espírito de Deus, hoje.

Enriquecida por Deus na vida do Espírito, a Irmã Maria do Socorro não é menos humana. Sabe bem o que é o esforço de resistência permanente às dificuldades, o que é a dúvida, a incerteza, a ansiedade, o sofrimento intenso. Contudo, é através de tudo isto, que a sua fé profunda e forte lhe dá coragem para dizer SIM a todas as solicitações de Deus.

A Irmã Margarida Maria Gonçalves que a conheceu bem, presta-nos grande serviço dando uma ideia da caminhada na fé de Maria do Socorro captada na fonte preciosa das suas cartas pessoais, diários de retiros, etc. Através das próprias palavras de Maria do Socorro, podemos entrever a sua íntima relação com Jesus Cristo e abertura total ao amor transformante do Espírito na sua vida.

Lembrando as palavras de S. Paulo aos Coríntios sobre os diferentes dons concedidos a diferentes pessoas, para a edificação do corpo total, tenho consciência de que este trabalho sobre a Maria do Socorro é hoje especialmente oportuno para nós, pois como membros de uma congregação religiosa apostólica, estamos convencidas, mais do que nunca, da necessidade permanente de desenvolver e apoiar um espírito profundamente contemplativo, em nossas vidas excessivamente activas.

Pelo testemunho da sua vida, como se refere nestas páginas, Maria do Socorro lembra-nos que, se o nosso trabalho é verdadeira obra de Deus, então as nossas vidas devem ter a Jesus Cristo como centro.

Roma, 2 de Maio de 1991

Patricia Connor
(Superiora Geral)

APRESENTAÇÃO

Não é uma biografia da Irmã Maria do Socorro que se pretende escrever, mas apenas levantar um pouco o véu que encobre o seu caminho espiritual e venda o mistério divino da graça que envolve e plenifica a sua vida.

A intenção é coligir apenas elementos dispersos dos seus escritos, que, reflectindo veladamente a imagem da sua imensa riqueza interior, despertem em nós, suas irmãs, o desejo de uma fidelidade cada vez maior ao Espírito Santo, que ela acolhe e escuta para O seguir fielmente, em todo o percurso da sua vida. Dom gratuito de Deus é a generosidade nunca desmentida com que ela percorre esse caminho e maior dom ainda é a revelação da infinita misericórdia de Deus, nos favores e graças de predilecção que lhe comunica.

Não é extraordinário o caminho da Irmã Maria do Socorro, salpicado aqui e além de graças que ultrapassam o nível comum. Extraordinária é a fé e o olhar com que ilumina a sua vida e a vive em intensidade crescente de amor, centrando-se em três atitudes fundamentais : encontrar Deus em tudo, deixar-se amar por Ele *e* fazer em tudo a sua vontade. *"Burrinho carregado de joias" gosta ela de se considerar.*

Não é de admirar então que Deus lhe conceda graças tangentes aos fenómenos místicos, como veremos mais tarde.

E não será oportuno perceber que os dons místicos não se esgotam nem esgotarão na Igreja de Deus que os

faz transparecer, através de alguns dos seus filhos? Numa época de materialismo e racionalismo como a nossa, em que tudo tem que ser discernido à luz da razão e dos critérios do eros, da posse e do poder, uma vida de total interpenetração *divina, em tensão permanente para Deus e para os outros, parece ser mensagem para o nosso tempo.*

Se atendermos a que a Irmã Maria do Socorro, de saúde precária, desenvolve até à doença final, nos últimos dois anos da sua vida, uma actividade apostólica intensa, compreenderemos nós também que os dons místicos possam viver lado a lado com a missão da Igreja, concretizada no carisma do nosso Instituto e no chamamento específico de uma determinada irmã.

Não é fácil isolar as diversas vertentes da sua rica espiritualidade, porque elas se interpenetram, em feliz tendência de unidade, e se sobrepõem constantemente, deixando perceber como estão sempre presentes e actuantes na sua vida as atitudes fundamentais, que a conduzem à comunhão profunda com Deus e com os irmãos.

E não se esgotam nos limites deste livro, nem as notas íntimas da Irmã Maria do Socorro, nem as suas reflexões, nos últimos Exercícios Espirituais. Estamos ainda muito perto de acontecimentos que lhe são relativos, para citar circunstâncias muito concretas.

Também não será fácil aperceberem-se os leitores da progressividade da sua caminhada, porque a maior parte das suas cartas não têm data. No entanto, não foi impossível localizar algumas, nos primeiros anos da sua vida religiosa e é interessante notar que os mesmos anseios, as mesmas exigências perpassam, como filão de oiro, através dos anos, amadurecidos no entanto, pelo sofrimento, nos últimos tempos.

Este trabalho, por simples que seja, não podia ter sido feito sem o concurso de irmãs do Sagrado Coração de Maria e de alguns sacerdotes que me enviaram cartas da Irmã Maria do Socorro e sobretudo me exprimiram as suas impressões sobre ela.

Em especial, porém, o meu agradecimento vai para a Irmã Maria de Deus, O.C.D. que, enquanto religiosa do Sagrado Coração de Maria, conviveu íntima e espiritualmente com a Irmã Maria do Socorro durante sete anos na mesma comunidade, em Lisboa, nos primeiros tempos de vida religiosa de ambas e depois, por correspondência, quando a Irmã Maria do Socorro é enviada para o Porto.

Tal relação continua-se, embora de maneira diferente, depois da transferência da Irmã Maria de Deus para o Carmelo de Fátima, por meio de uma correspondência bastante assídua. É esta e outros escritos que dela possuía, que a Irmã Maria de Deus põe gentil e generosamente ao serviço deste trabalho.

Por fim desejo que este livro seja uma homenagem pessoal de gratidão e amizade à memória do P. José Craveiro, S.J. que ainda fez a revisão dos primeiros capítulos e que foi, acima de tudo, o forte e insistente impulsionador deste trabalho.

CAPÍTULO I

INFÂNCIA E PRIMEIROS ANOS NOVICIADO – DOM EM MISSÃO

A 19 de Julho de 1927, nasce no Porto, na freguesia de Massarelos, a Maria do Socorro Moreira de Bettencourt que é baptizada a 31 do mesmo mês. É a data que ela prefere para celebrar a vida – verdadeira Vida que Deus lhe comunicara naquele dia e que ela não cessará de fazer crescer durante toda a sua existência.

São seus pais Camilo de Bettencourt e Emília Moreira Pinto Caldeira de Bettencourt, aquele, delegado na Companhia dos Tabacos. Têm três filhos: Maria do Socorro, a primeira, Maria do Carmo e Carlos Alberto.

Desde muito pequenina, pelos seus três anos vai com sua irmã Maria do Carmo, viver com uma tia avó, Maria Emília da Silva Marinho Moreira, senhora de grande piedade e formação religiosa. Por volta dos seus seis, sete anos, vão ambas, como alunas externas, para o Colégio de Nossa Senhora do Rosário, dirigido pelas religiosas do Sagrado Coração de Maria, no Porto.

De grande sensibilidade artística, a Maria do Socorro revela desde criança um forte talento musical e cedo começa no colégio as suas lições de música. Mais tarde ingressará no Conservatório Nacional de Lisboa onde fará o curso superior de piano.

É uma criança muito alegre, gosta de brincar e sabe

descobrir o lado cómico das situações. Um dia, – ia ela para o colégio com a irmã – encontra na rua um carvoeiro com o seu carro. Espontânea como é, sobe para o carro e faz assim parte do trajecto, naquele dia. É inútil sua irmã procurar dissuadi-la. Já então revela uma vontade tenaz, mais tarde totalmente identificada com a vontade de Deus, que ela seguirá sempre, tenazmente também.

É muito traquina. Estraga os brinquedos do irmão, nomeadamente um pião de que este gosta muito. E chega ao ponto de partir umas jarras inglesas de estimação. Tendo metido, uma vez, o dedo na marmelada, deixa acusar a filha de uma empregada que, por isso, é punida. Só mais tarde a Maria do Socorro se acusa de que fora ela.

A par de tudo isto, a Maria do Socorro revela, desde pequenina, inclinação para a oração e silêncio. Muitas vezes, enquanto os irmãos e os primos brincam, ela vai para o quarto rezar a sós com Deus. E à medida que cresce torna-se afável e acolhedora. É o testemunho de religiosas e companheiras de colégio que se referem à Maria do Socorro entre os seus 10 e 18 anos.

Por esta idade, a graça divina começa a agir nela, operando transformações sucessivas a que ela se abre em ritmo de fidelidade sempre crescente, acompanhado pelo dom de si mesma ao amor, que a toma desde então.

No colégio faz parte da JECF, Apostolado da oração e Congregação mariana e ali inicia uma relação filial com Nossa Senhora, a qual virá a tornar-se, pela vida fora, comunhão profunda com o Coração Imaculado de Maria.

Já então a Maria do Socorro vai revelando, aos olhares atentos de quem a observa, uma tendência acentuada para se tornar presente à Presença que a habita e a centra no mais íntimo do seu coração, para começar a revelar-lhe os segredos do seu Amor.

O que se passa nela quando o Senhor a convida a uma entrega total ao seu Amor e serviço, é segredo que a Maria do Socorro nunca revelou. Sabe-se que, terminados 12 anos no colégio, fica em casa algum tempo, entrando em seguida no noviciado das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Braga, aos 20 anos, a 22 de Agosto de 1947.

A determinação firme de viver com grande exigência a sua vida consagrada, revela-se desde logo de início e a prova é uma informação que a mestra de noviças dá acerca dela, ao Conselho Provincial:

Motivos antes de entrar: procurar a glória de Deus pela salvação das pessoas.

Virtude por que sente atractivo: a pureza.

Características: igualdade e bom humor, grande amor à vocação, boa, delicada, simples, respeitadora, fervorosa, dócil, carácter forte, activa, inteligente.

Obediência: submissa, de boa vontade, pronta, exacta.

Pobreza: fiel ao voto, humilde, agradecida.

Desde o noviciado mostra-se cheia de caridade e muito fiel nas pequenas coisas, dando a impressão de viver num grande silêncio interior, que já então denuncia a sua vida em Deus e no Espírito. Na vestição recebe o nome de Maria do Espírito Santo que, depois do Concílio Vaticano II deixará para voltar ao nome de baptismo pelo qual a designaremos sempre, para maior clareza do texto.

"Quando rezava, – diz uma irmã que foi noviça no seu tempo – pressentia-se o mistério escondido que a absorvia em oração humilde, diante de Deus".

O silêncio como então se observava, é respeitado com leveza e simplicidade, mas não hesita em o transgredir diante da caridade em que já então é exímia. Se vê em alguma noviça sinais de sofrimento e preocupação, lá vai ela levar-lhe palavras de fé e confiança.

Na obediência, é sua convicção forte que obedecer é fazer a vontade de Deus, daí a intransigência diante da manifestação da vontade divina, através das superioras.

Findo o noviciado, a Irmã Maria do Socorro é enviada para o Colégio do Sagrado Coração de Maria, em Lisboa, onde é responsável pela formação das alunas de uma classe de internato, fazendo o curso superior de piano no Conservatório. Frágil de saúde, como é, e muito doente, custa-lhe imenso o estudo intensivo e repetitivo dos exercícios musicais, que, longe de estimularem o seu talento, a extenuam. Mas certa de que por ali passa a vontade de Deus, arregaça as mangas do hábito e atira-se para o piano de olhos fechados, como quem abraça o próprio Deus. É assim que, humildemente, serenamente, como quem cumpre uma missão, a Irmã Maria do Socorro, depois de provas finais brilhantes, passa de aluna a professora.

O estudo intensivo e monótono, como já vimos, que lhe ocupa a maior parte do seu programa diário, o isolamento que esse estudo requer, são causa de solidão difícil que ela não esconde e grande prova para o seu temperamento comunicativo e sensibilidade delicada.

Em 1962 é transferida de Lisboa para o Porto, onde continua as suas actividades de responsável pela formação de alunas, professora de francês, organista e animadora da JECF.

Em 1964 numa sondagem feita às irmãs da Província, em vista de nomeação de novas superioras locais, dá como resultado:

Insigne em:

caridade
zelo
rectidão

fidelidade à oração
espírito sobrenatural
conhecimento da Regra
capacidade de ajuda espiritual
capacidade de governar sobrenaturalmente
liberta da ambição de governar

bem em:
humildade
mortificação
pobreza
atenção aos outros
vontade firme
prudência e discreção
independência da opinião alheia
capacidade de tomar decisões

E ainda: dá grande contributo ao bom ambiente da comunidade.

Como aspectos negativos: a pouca resistência física.

A superiora provincial emite então, como resultado desta sondagem, a seguinte opinião:

"É conveniente começar a fazer a experiência desta religiosa, como «assistente»".

Por isso, a Irmã Maria do Socorro é então nomeada assistente da superiora. Pelas vias da obediência ela encontra assim não só as alunas a quem se dar, mas a comunidade inteira e a superiora.

Em 1967 vai para Braga também como assistente da superiora, além de outras funções, como responsável do lar anexo ao colégio, professora de religião, organista, animadora da Congregação Mariana, e da JECF e encarregada das comunicações a nível de comunidade. Actividade

demasiada para uma saúde frágil e para quem, como ela, procura dar o máximo de si em tudo aquilo que sabe ser para ela a vontade de Deus.

Em 1970, nova sondagem à Província, em vista também da nomeação de superioras locais, dá a seguinte informação a seu respeito:

movida pela caridade e pela fé
compreensiva
humilde
aberta ao Espírito
aberta ao diálogo
interiormente livre
justa
humana
realizada na sua vocação
capaz de trabalhar em equipa
inteligente

Em 1973 volta para Lisboa como superiora da comunidade e professora de religião no colégio e aí permanece até 1976, tempo marcado por profundas transformações políticas e sociais no nosso País. Não lhes é indiferente a irmã Maria do Socorro que, às apalpadelas como ela dirá mais tarde, vai abrindo caminhos de renovação na comunidade.

Ao lado de exageros que a confusão do momento não ajuda a evitar, a rectidão e persistência em descobrir os desígnios de Deus em tudo, são a sua grande preocupação e a constante que a move a agir em todas as situações.

Nesta data é destacada para a fundação de uma das novas pequenas comunidades em Lisboa, na Avenida Sidónio Pais. Consciente de que uma pequena comunidade

deve ter um estilo de vida próprio, tudo empreende para criar esse estilo que deve ser de grande abertura e flexibilidade, menos formal na disciplina interna, mas exigente na caridade, no respeito mútuo e na missão, bem como na oração pessoal e comunitária.

Em fins desse mesmo ano é enviada para Aveiro como professora de religião, no colégio, além de outras actividades, como: professora de francês e responsável pelo acompanhamento e formação humana e espiritual de um grupo de alunas. E no ano seguinte é nomeada superiora da comunidade, sendo ainda presidente da FNIRF a nível regional. Aí fica até à extinção do colégio em 1981, sendo então transferida para o colégio de Fátima. Aqui é superiora da comunidade, professora de religião, dinamizadora da equipa de evangelização e professora de francês. Além de todas estas actividades é também nomeada presidente da FNIRF, cargo que desempenha com dinamismo e criatividade.

É aqui que se manifesta o cancro a que será operada em 1984, após um horrível sofrimento de zona no trigémeo que lhe ataca gravemente a cabeça e sobretudo os olhos e que ela aceita com grande fé e generosidade vendo em tudo um sinal de identificação com Jesus no Horto e comungando intensamente a vontade de Deus.

Coimbra é o último patamar da sua vida, do qual se lançará nos braços de Deus para sempre.

Como superiora da comunidade e apesar dos progressos que a doença vai fazendo sempre, não se poupa a cuidados com as irmãs e sobretudo com as juniores que ali estudam.

E numa manhã de Verão, a 23 de Julho de 1986, repousa tranquilamente em Deus, pelas 8 horas, movendo os

dedos, como quem quer executar a última sinfonia para o seu Senhor que ela amara e servira tão ardentemente durante a vida.

CAPÍTULO II

DOCILIDADE AO ESPÍRITO – ORAÇÃO E VIDA EM DEUS

A Irmã Maria do Socorro recebera na vestição, como já vimos, o nome de Irmã Maria do Espírito Santo. Assim providencialmente marcada, ela vive numa atenção permanente ao Espírito que, no concreto da vida, inspira todos os seus movimentos interiores e exteriores.

E não é sem dificuldade que, mais tarde, decide voltar ao nome do baptismo – Maria do Socorro. Ela mesma dá a justificação: *"mudei de nome, o que não pouco me custou, mas este é mais pobrezinho e o Senhor quer-me escondida"*.

A vida do Espírito Santo nela traduz-se numa alegria serena e na manifestação simples de grande maturidade espiritual, como o sol que faz desabrochar a flor.

> *"É formidável saber que o Espírito Santo está, que tudo vivifica e que o essencial é invisível aos olhos"*.

A presença do Espírito Santo é uma marca muito forte na sua caminhada espiritual e ela sabe explorá-la com simplicidade e lucidez, orientada sempre pela sua luz e moções divinas, (que ela faz passar pelo discernimento, com o director espiritual) e voltada intensamente para os outros:

"Sinto que Ele me pede um autêntico renascimento um só seguir Jesus Cristo e só a Ele, sim, mas indo ao encontro dele nos homens em quem vive hoje".

Ela sabe que a única fonte de amor é Deus e que só Deus é amor no Espírito Santo:

"O amor que nós havemos de dar ao Senhor é Ele mesmo, é o seu Espírito Santo. É Ele, pois, que tem de descer até nós para tomar posse da nossa alma. Temos de desejar essa vinda, de a desejar calmamente, segundo os seus planos. Temos de a esperar firmemente, na certeza de que também para nós há-de vir o Pentecostes, o dia da plenitude, o dia em que Ele há-de tomar posse total de nós. Se esta confiança for inabalável, atingem-se, mais cedo ou mais tarde, as culminâncias do amor, a doação total na caridade. Tudo nos deve partir do amor. Vivemos constantemente esmagados debaixo da sua misericórdia".

Num dos últimos Exercícios Espirituais escreve:

"Ao pensar e agradecer a acção do Espírito Santo a minha vida, Ele foi desenrolando a meus olhos muitos momentos dela, dizendo-me:

«Quem te ensinou a rezar em Igreja?

Quem te iniciou no mistério da Comunhão dos Santos?

Quem te faz viver essa comunhão?

Quem te moveu à oração nos momentos difíceis da tua vida?

Quem te tem conduzido sempre nas tuas meditações e orações?

Quem, senão Eu, o teu Defensor»"?

E ainda nos mesmos Exercícios, ousadamente acrescenta:

"O Espírito Santo conduziu a minha oração e disse-me: «Pela tua consagração e pelos teus esponsais, não só tu partilhas da vida de Jesus, de tudo o que Ele tem e É, mas também Ele partilha da tua vida, de tudo o que tens (miséria, pecado, limitações, morte, que sei eu? amigos...) e és *por Ele no mais profundo de ti e dele, nele. Nunca tinha pensado neste segundo aspecto, nesta maravilha inexprimível»".*

A sua fé leva-a também a descobrir a presença do Espírito Santo no nosso mundo:

"Não esqueçamos que o Espírito Santo impulsiona o nosso mundo e contemos verdadeiramente com a graça que é o amor. E então como diz o Senhor: «Já de nada me perguntareis» (cf. Jo 16,23). *Caminhemos para esse dia de plena luz, ainda que seja na escuridão sabendo que Ele está".*

Nos apontamentos de retiro de mês que ela faz no Linhó de 2 a 28 de Agosto de 1983, escreve numa das suas meditações:

"Depois de pedir ao Espírito Santo que me conduzisse, parei nesta frase: «Aquele que acredita em Mim possui a vida eterna» (cf. Jo 3,15). Aquele *que* acredita. *Mas acreditar é* pôr *a vida de Jesus Cristo na própria vida e deixar que Ele viva, em nós, pelo Espírito, os seus mistérios. É deixar-se conduzir pelo Espírito, e querer, como Ele, cumprir a vontade do Pai: amar, amar sempre, nos minutos do dia a dia. Aquele que assim fizer possui realmente a vida eterna porque a sua vida é Jesus Cristo e Ele é a Vida".*

Ela sabe ocultar o mistério íntimo que inunda o mais profundo do seu ser. Mas a paz que irradia, o seu sorriso,

como que iluminado pela graça, faz pressentir nela qualquer coisa de sobrenatural que se confirma ao vê-la rezar. Sentada aos pés do Mestre, como Maria, na capela da comunidade de Coimbra, ou em Fátima, onde gosta de rezar muito perto do Sacrário ou em qualquer outro lugar, a sua oração longa, oculta e silenciosa em solidão cheia de Deus, denuncia um abandono, uma interiorização, um encantamento em Deus, que não pode esquecer facilmente quem alguma vez a viu a rezar.

É grande o seu atractivo pela oração, que é para ela, uma conversa íntima, filial, simples e intensa com o seu Senhor.

A sua confiança na eficácia da oração faz com que muitas irmãs lhe entreguem intenções e ela mesma, espontaneamente, assume outras, como nos diz uma irmã a quem a Irmã Maria do Socorro contou o seguinte:

No encerramento do Colégio de Aveiro, uma irmã de grande virtude e de idade avançada tinha sido enviada para a Casa de irmãs idosas de Braga, por não haver lugar na Casa de Fátima, para onde ela muito desejava ir. Apesar de toda a sua virtude e obediência, a irmã tinha muita dificuldade em aceitar aquele envio. A Irmã Maria do Socorro que é a superiora, empenha-se fortemente na oração, para alcançar à irmã a graça da aceitação. E passados uns dias, a irmã em questão vem dizer-lhe que estava disposta a ir para Braga, onde veio a falecer santamente.

"A alta qualidade da sua partilha, na oração – testemunha uma irmã – fazia com que se sentisse Deus mais próximo. Todo o seu semblante era de interiorização profunda. Como a esponja que se deixa embeber pela água, assim a Irmã Maria do Socorro se deixava penetrar por Deus no Espírito Santo".

Muitas irmãs afirmam que a Irmã Maria do Socorro as marcou de maneira inesquecível, tal influência ela exer-

cia sobre as pessoas que viviam com ela ou com ela tinham alguma relação. "As suas conversas – diz uma irmã – eram sobre aquilo que permanece, como valores humanos profundos, a situação do mundo actual, a nossa missão hoje, a importância do testemunho junto dos alunos, a paz, a alegria etc. Não era pessoa do imediato, mas vivenciava tudo e em tudo comunicava vida".

De tudo se serve para inculcar uma mentalidade iluminada pela fé. Presidindo um dia a uma refeição das irmãs juniores, depois do funeral de uma irmã e contra todos os costumes, dá licença de falarem à mesa, dizendo que a morte não é motivo de tristeza, mas sim de festa e que se deve dar-lhe o verdadeiro sentido cristão.

Tudo nela é interiorizado e discernido na oração, centrada como sempre está em Deus. Dá a impressão de ter passado para o outro lado das coisas.

Como já vimos, fica horas em adoração junto do Sacrário, bem perto do seu Senhor e toda absorvida em Deus. Mas gosta também de orar no próprio quarto, ou até com uma ou outra irmã, no quarto desta.

Sendo ela superiora, sente grande preocupação com uma irmã que se afasta dela e que sofre. A Irmã Maria do Socorro assume interiormente esse sofrimento, orando e sacrificando-se. E numa sexta-feira santa entra decididamente no quarto dessa irmã – como quem tem um mandato de Deus – e convida-a a rezar. Rezam ambas durante duas horas, segundo essa mesma irmã, e de tal maneira a atitude humilde, simples e perdida em Deus da Irmã Maria do Socorro a impressiona, que tudo muda para ela. E passam a entender-se muito bem, o que é, para esta, de grande ajuda espiritual.

Vendo-a rezar, pressente-se, segundo muitos testemunhos, a irradiação da sua vida transformada pela fé. "Parecia-nos tocar o mistério de Deus presente nela" diz uma irmã.

Muitas irmãs afirmam que ela era uma pessoa de grande vida interior, oração e união com Deus – toda de Deus.

As alunas gostam de a ver rezar. Tocam-lhe e ela não dá conta. Um dia, em que algumas irmãs tardam em ir para um ensaio de canto, na capela, – ela é organista – enquanto espera põe-se em oração. De tal maneira se recolhe em Deus, que não mais se lembra de nada. E é preciso chamá-la e sacudi-la para a fazer voltar à realidade.

Impressiona pela coerência de vida, pelo que é e pela maneira como se situa face às coisas e aos acontecimentos, nos quais vê sempre Deus presente.

Refere uma irmã:

"A minha impressão, quando estava com a Irmã Maria do Socorro, era que ela estava sempre na presença de Deus e que todo o seu ser vibrava em intensidade de resposta a essa presença".

Esta presença de Deus em tudo, orientando a sua vida íntima e o seu agir, considera-a ela como uma "atitude fundamental de vida: saber e até sentir que Ele está em cada situação, qualquer que ela seja". Por isso acontece com frequência ouvirem-na falar sozinha. Conta uma irmã que, ao entrar-lhe inesperadamente no quarto, onde ela estava só, a ouviu dizer: "Como Tu sugeres".

Falando um dia com a Irmã Maria do Socorro, uma antiga aluna manifesta-lhe a sua admiração por sentir Deus tão presente nela e em tudo o que lhe diz. Então a Irmã Maria do Socorro, levantando serenamente o olhar, exclama: "Bendito sejas meu Deus por Te fazeres ver através de uma pedrinha tão fosca!" E ao terminar dá a essa antiga aluna uma estampa em que estava inscrita a seguinte mensagem: "O amor é como o perfume. Quem o tem já não o sente, sente-o quem se aproxima", como quem aceita humildemente a feliz realidade.

Dá a impressão de andar sempre na presença de Deus e a uma irmã com quem tem maior intimidade espiritual, confidencia, com muita humildade que assim é.

Diz dela um sacerdote: "Via-se que andava sempre alguém com ela, até pela rua", alguém com quem ela dialogava, ou no íntimo do seu coração ou pelas palavras a sós que, indiscretamente traíam a sua vida íntima. O mesmo sacerdote acrescenta: "Quando a encontrava, sentia-me imediatamente transportado a um ambiente de Deus".

Esta presença de Deus invade-a de tal maneira que, a quem a não conhece bem, dá a impressão de andar distraída, "mas as suas distracções, diz uma irmã, eram motivadas pela contínua e profunda união com Deus em que andava mergulhada e pela atenção ao Espírito Santo que se apoderara de todo o seu ser". Eram, com efeito, as reacções espontâneas de quem parece habitar um espaço de ordem diferente.

A sua vida pertence toda a Deus. Tem um coração aberto a tudo que é belo e nobre, mas secretamente reservado só a Deus. A abertura à beleza de que Deus a dotara, fá-la vibrar diante das maravilhas da natureza e da graça que se desdobram diante dela, levando-a à acção de graças e ao louvor, bem como ao dom total de si mesma sem reservar nada para si. Diz dela outra irmã: "A sua sensibilidade artística dava-lhe uma intuição da beleza do *estar* em Deus e o seu realismo levava-a a aceitar a cruz com o seu Senhor".

Bem sabe que tudo é graça e dom de Deus. Assim escreve:

> *"Preciso muito do dom da fortaleza e de um amor mais forte que me leve a seguir Jesus Cristo até às últimas consequências. Há sempre algo que reservo para mim e sei que Ele quer tudo sem condições".*

As últimas consequências vivê-las-á mais tarde quando a implacável doença (o cancro) a reduzir a um farrapo humano e a levar ao limite extremo da incapacidade psíquica e física. Antes, porém, a Irmã Maria do Socorro é, para as suas irmãs em religião, o sinal vivo de uma entrega incondicional, de uma presença escondida e actuante e de um despojamento profundo.

Numa carta de Natal ela escreve:

"Ele veio para que pudéssemos amar como Ele amou, mais ainda, com o seu mesmo amor. Para que pudéssemos agir segundo os seus critérios, ultrapassar a nossa imensa fragilidade e miséria. Ele mesmo disse: 'Aquele que acredita em Mim fará também as obras que Eu faço e fará obras maiores' (cf. Jo 14,12), 'se tiver fé como um grão de mostarda' (cf. Mt 17,20). *Que maravilha e que responsabilidade! Mas que confiança deve dar-nos!"*

A uma irmã escreve:

"A irmã engana-se, infelizmente, ao pensar que tenho vivido mergulhada em Deus. Quem dera que assim fosse! Sou apenas um trastezinho que Ele cumula com a sua misericórdia. Sou um burrito lazarento carregado de jóias. Que loucura se ele se vangloriasse das jóias que transporta! A única coisa que faço é procurar abandonar-me em tudo e sempre nas mãos de Deus, mas isso é ainda dom gratuito que me torna mais responsável. Preciso, portanto, muito da sua generosidade e ajuda. Peça-Lhe uma única coisa para mim: que eu seja completamente pobre para o deixar agir à sua vontade, sem raciocínios e numa entrega só de amor".

Um caminho como o seu, de exigência total e de extrema rectidão em todas as circunstâncias, não pode deixar de lhe trazer incompreensões.

"A incompreensão é preciosa para nos desprender e unir a Ele só e também para nos confirmar no caminho" – escreve ela à Irmã Maria de Deus, com quem se abre fraternalmente.

> *"Procuremos não esquecer nunca esta grande verdade: as criaturas não são mais que instrumentos (tantas vezes inconscientes) nas mãos de Deus, para fazer a sua obra em nós. Não esqueçamos que Ele é o Senhor e por isso encaminha as coisas, mesmo sem darmos por isso e quando menos contamos. Muito tolas somos quando não confiamos absolutamente! Isso acontece-me muitas vezes e sobretudo nestes últimos tempos. Mas temos de nos aceitar com toda esta fraqueza. Ajude-me a deixá-lo* ser *em mim para que O possa comunicar a todos os que de mim se aproximam. Temos que deixar que Ele nos santifique".*

Diz dela uma irmã: "A Irmã Maria do Socorro era daquelas pessoas que vive em Deus, n'Ele se move e existe (cf. Act 17, 28), comunicando-O com a maior simplicidade. Sempre me impressionou a aceitação simples e humilde de si mesma, da sua fragilidade física que lhe trazia sofrimentos e incompreensões. Tudo era integrado na fé, na entrega incondicional e no abandono ao amor".

A aceitação da própria fraqueza com tal simplicidade e confiança, vem-lhe das forças misteriosas e profundas que operam na sua alma a luz da graça divina e que a levam a identificar-se com Jesus Cristo.

Lemos na suas notas íntimas:

> *"Meu Deus que paz me dá o pensar que Jesus fez suas as minhas enfermidades e imperfeições. Obri-*

gada, Jesus, pela minha fraqueza, visto que ela é tua e atrai a misericórdia do Pai. Creio que é esta (a Misericórdia) a porta de acesso que o teu Espírito me abre. Não deixes que a perca nunca de vista".

Esse desejo de identificação com Jesus Cristo é o segredo da força interior e da calma a que os acontecimentos não resistem, mas antes, lançam nos braços da Providência, como ela escreve nessas suas notas íntimas, em 1962, quando é transferida de Lisboa para o Porto:

"Meu Deus, obrigada. Obrigada sobretudo porque me deixas viver nos braços da tua Providência. Perguntaram-me se não me custava sair de Lisboa. Talvez até me custasse, se eu pensasse nisso. Mas quando me vem algum sentimento, nesse sentido, penso imediatamente que és Tu que me chamas para lá. Penso no amor com que preparaste todos os meus caminhos desde o princípio. Penso que é lá agora o lugar onde Te darei a glória que esperas de mim e tudo o resto é nada, em comparação com a gratidão que me enche a alma. Deixo-me conduzir simplesmente. Tudo o que poderia preocupar-me, Tu o sabes e tudo farás em mim. Depois procuro viver momento a momento".

Fazer o que puder, sem lhe interessarem os resultados, é a sua atitude:

"Sei que a tua graça chegará sempre que me for precisa, pois Tu conheces bem toda a minha fraqueza e incapacidade e, se me mandas fazer isto ou aquilo é porque estás disposto a fazê-lo em mim e por mim. Eu farei tudo o que puder. Tu farás o resto e depois os resultados não me interessam, porque serão o que Tu quiseres. Dá-me

Senhor, a graça de pensar sempre assim. Não o mereço, mas por isso mesmo se manifestará melhor a tua misericórdia em mim. Bendito sejas, desde já, por tudo, ó meu Deus".

A sua aspiração a transformar-se em Jesus Cristo e a identificar-se totalmente com Ele, tem forçosamente de passar pela cruz e com a Irmã Maria do Socorro a falta de saúde é, como veremos, durante toda a sua vida, o cadinho em que Deus a quer purificar e preparar para a desejada transformação.

Aos 23 anos lança nas suas notas íntimas o seguinte desabafo:

"Senhor, agradeço-Te tudo o que me tem acontecido e tudo aquilo que não me acontece porque só Tu sabes o que é melhor. Mas sê a minha força, para que eu me abandone totalmente nas tuas mãos. Às vezes custa-me tanto sofrer sem saber qual a causa! E no entanto devia sentir-me feliz por nada saber, por sofrer a sós contigo, sendo assim mais perfeito e mais completo o meu abandono, mais puro o meu amor".

A transformação em Jesus Cristo e a sua identificação com Ele, vai buscá-las sobretudo à Eucaristia:

"Assim como a Eucaristia me vai transformando em Jesus Cristo, assim cada acto de amor na fidelidade à sua vontade O vai fazendo crescer em mim. Eu não tenho consciência, não sinto senão por um momento o gosto do alimento que tomo – e posso até não o sentir – e no entanto, ele vai-se transformando em células do meu corpo. Assim também, embora eu não sinta, a Sagrada Eucaristia vai-me transformando, com a diferença de que é a Humanidade de Jesus, a sua Carne e o seu Sangue que me vão assimilando. E por isso o cris-

tão é outro Cristo. É Jesus que o diz: 'O que fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a Mim que o fizeste' (cf. Mt 25,40). *E isto é assim com todos aqueles que têm a dita de O receber e se Lhe entregam totalmente. Simplesmente, muitos não têm consciência desta realidade maravilhosa. Não importa sentir, importa ter consciência de que é assim. Certamente todos os santos a tiveram e por isso foram fortes na sua fraqueza. Meu Deus, como a nossa vida se transformaria se pensássemos nesta maravilha do vosso amor! Que paz e que caridade! Dá-nos a todos essa graça, para que possamos tomar a vossa forma.*

Minha querida Mãe, obrigada, obrigada por aceitares dar uma Humanidade ao Filho de Deus".

E na mesma linha de pensamento da sua identificação com Jesus Cristo escreve nas suas notas íntimas:

"Senhor, por vezes na oração só sei que estás e me vês. Nada oiço, nada sei dizer. Sei, no entanto e com certeza que o teu olhar não pode deixar de me ir transformando. E esse olhar sinto-o muitas vezes pesar sobre mim. Mas mesmo que não sentisse, Senhor, ele não podia deixar de ser eficaz, uma vez que quero abrir-Te completamente a minha alma e deixá-la exposta a esse olhar".

CAPÍTULO III

"TOCAR EM ALGUÉM SÓ COM UMA PENA LEVE" DEIXAR-SE AMAR

A caridade é sempre a primeira virtude a ser mencionada, quando se faz referência à Irmã Maria do Socorro. Muitas irmãs são interrogadas sobre a sua pessoa – antes de se escrever este livro – e nunca tal insistência é desmentida.

Mas para a Irmã Maria do Socorro a caridade ou o amor tem sempre duas vertentes: Deus e os irmãos. Para ela, identificar Deus com os irmãos em delicadeza e serviço, é ponto assente desde sempre.

Ela própria conta um episódio que parece ilustrar bem a delicadeza da sua caridade.

Estava ela em retiro, em Soutelo e, num intervalo, saiu a passear um pouco pela quinta. Sentou-se por uns momentos e viu uma linda borboleta na qual quis tocar com a mão. Mas não o conseguiu, apesar de todas as tentativas. Estava ali, providencialmente, uma peninha de ave. Pegou nela e foi-lhe fácil acariciar a borboleta. E concluía: "*tocar em alguém, só com uma peninha leve*".

São inúmeros os testemunhos a atestar a sua imensa caridade: quer de sacerdotes, quer de irmãs, quer de antigas alunas ou outras pessoas que a conheceram.

Nos últimos dois anos da sua vida refere-se muitas vezes à ternura de Deus, relativamente às relações das

irmãs umas com as outras. A uma irmã escreve: *"peço que a ternura de Deus continue a passar através de ti para aqueles que te confia"*.

É de um extremo rigor quanto ao aspecto negativo da caridade. "Nunca, nunca, nunca falava mal de ninguém" diz um sacerdote que muito bem a conheceu. Dizia: *"falamos de vestir os nús e com frequência despimos os outros"*, referindo-se às obras de misericórdia e às faltas de caridade. Encontra sempre razões para justificar atitudes menos positivas, ou até negativas de irmãs ou de alunos.

Caminha lado a lado com as pessoas, dando-lhes grande atenção. A sua maneira de se situar, amiga, compreensiva e muito humana facilita a relação confiante, a confidência e a partilha de dificuldades e sofrimentos que ela acolhe e guarda em si, para os apresentar a Deus. E de tal forma desce ao nível das irmãs que, por vezes, partilha com elas idênticas dificuldades suas, o que as abre a uma confiança total e as leva a revelar-lhe os segredos mais íntimos.

Escreve a uma irmã: *"Ser fiel no amor e ajudar outros a sê-lo, deve ser o nosso maior desejo"*.

A sua grande preocupação, como superiora, é ajudar as irmãs a crescer nesse amor, na paz e na alegria. É na verdade um vínculo de união. Depois de uma reunião de comunidade um tanto difícil, mandou servir uns bolinhos com vinho do Porto, como que a tranquilizar os ânimos. Questiona as pessoas para provocar a paz dizendo: *"quem mais ama é que fica em baixo"*.

Escrevendo a uma irmã comenta:

> *"Desde que Cristo encarnou na nossa natureza humana, não podemos amar verdadeiramente a Deus sem amar o irmão. A comunhão sacramental sem a* comunhão *no irmão não tem sentido.*

Foi tão bom Ele fazer-se Homem! Creio que, se assim não fosse, se Ele não nos tivesse dado possibilidade de O encontrar e servir em cada irmão, seja qual for a raça ou a crença, seria bem difícil, por vezes, encontrá-Lo. E, ao mesmo tempo, (porque isso é bem difícil, apesar de tão simples), essa presença em cada um de nós, em quem Ele quer prolongar-Se ainda para servir, é a força da nossa fraqueza".

Amá-Lo nos outros, mais do que a si, é a ideia a que volta muitas vezes nos seus escritos ou cartas:

"Só quero uma coisa, ser capaz de O amar nos outros mais do que a mim mesma, porque sinto que, se assim for, serei muito livre de coisas que ainda me prendem e me impedem, por isso, de ser bem d'Ele".

Mais ainda, a sua aspiração é deixar que o Senhor viva nela o amor que Ele tem aos homens:

"Neste momento, só uma coisa peço ao Senhor: que Ele viva em mim e que eu O deixe viver, sem pôr obstáculos, o amor que Ele tem aos homens".

E pede a Nossa Senhora e ao P. Gailhac que o amor dela se concretize nos que lhe estão mais próximos e mais precisam:

"Ó Mãe, ajuda-me a corresponder às imensas graças do teu Filho, a esquecer-me completamente e a deixá-Lo ser o que Ele quer ser em mim, vivendo para os outros.

P. Gailhac, também vós fostes devorado pelo amor de Deus e pelo zelo pelos outros. Sou vossa filha. Pedi ao Espírito Santo que mude a minha vida e me faça arder no amor de Deus e dos meus irmãos, esquecendo-me totalmente de mim. Que seja um amor muito concreto no dia a dia e muito

especialmente àquelas irmãs ou alunos que sinto mais afastados. Que eu esteja atenta, pressinta quem precisa de mim e vá ao seu encontro".

O Senhor faz-lhe compreender a gratuidade do seu amor divino:

"Ainda não percebeste, minha filha, ser divino é amar quem não merece, é amar mesmo aquele por quem se sabe que não se vai ser amado. Tu deixa-te amar assim, deixa que em ti Eu ame assim os outros. Foi assim que fez minha Mãe: deixou-se amar, e nela deixou que Eu amasse os outros".

E ela conclui:

"É isto, deixar-me amar sem perguntas nem raciocínios. Deixá-Lo amar em mim sem perguntas, sem raciocínios".

A sua capacidade imensa de sintonizar com todos os homens e com todos os acontecimentos, leva-a a escrever por altura do 25 de Abril de 1974:

"Deus nos ajude a acolher tudo o que nele houve e há de bom e a pôr de lado o resto, para ajudarmos, na medida do possível, os que verdadeiramente desejam a paz e uma justiça mais fraterna".

Por isso também o seu "desejo grande de amar cada vez mais, de seguir melhor Jesus Cristo e muito concretamente nos homens, nossos irmãos".

Dois anos antes da morte, abrangendo sempre os outros no seu ângulo de visão, escreve à Irmã Maria de Deus:

"Que Ele nos faça compreender quanto nos ama, para que, como Santa Teresinha, não tenhamos outra resposta senão amar. Amá-Lo, *deixando que Ele nos ame em nós e nos outros. Se não formos santas na medida em que Ele o deseja de nós,*

quantas graças perdidas para muitos. Isto é terrível, na verdade.

Preciso cada vez mais da sua união para ser fiel a tudo quanto Ele quer de mim, não só por mim, mas por todos os que de mim dependem ou me cercam.

A sua vida agora, ou melhor, a sua preocupação agora é só a maior glória de Deus. E a sua ocupação amá-Lo a Ele só. Peça-Lhe que essa seja também a de todas as pessoas consagradas, através de todos os irmãos, em quem Ele está presente e em quem procuramos servi-Lo para sua glória.

Unamo-nos mais e mais, sobretudo agora que Ele nos deu uma fé mais viva e mais afectiva, para a tornarmos efectiva e deixarmos que Ele, em nós, salve a muitos. Assim a sua alegria invadir-nos-á para a comunicarmos aos outros".

É assim que alimentando, na verdadeira fonte da alegria, o seu coração transbordante de acção de graças, se dá a si mesma e comunica Deus, com grande serenidade e paz interior.

Pacifica os outros, ajuda a ser tolerante, a perdoar. Leva à reconciliação, quando necessário. E sempre com muita paciência e bondade. A sua grande capacidade de relação, o seu poder de comunicação, a serenidade permanente e semblante feliz fazem muito bom ambiente.

Respeita muito a dignidade e a privacidade das pessoas e dá uma atenção especial às irmãs que se marginalizam na comunidade. "Sofria muito, diz uma irmã, com as irmãs que sofriam na comunidade, por não se ajustarem às exigências comunitárias. Ia sempre em sua defesa e acreditava que, com a graça de Deus, elas podiam evoluir".

Comentando 1 Rs 19,12 percebe que deve escutar o Senhor e sintonizar com Ele no mais profundo do seu ser:

> *"O Espírito Santo fez-me perceber que é no mais fundo de mim mesma e com todos os meus sentidos, que O devo escutar. É no* murmúrio leve *que Ele Se encontra. Mas o mesmo acontece com os meus irmãos: é no mais fundo deles mesmos que eu devo procurar o Senhor. Elias percebeu o Senhor naquela brisa, porque* estava escutando *e, no mais profundo do seu ser,* sintonizou *com o Senhor. Também eu tenho de entrar em* sintonia *com Ele, por mais leve que seja a brisa".*

Diz Edith Stein: "Uma vez que uma pessoa se entrega totalmente nas mãos de Deus, não pode deixar de confiar e pensar que Ele a usará para alguma coisa".

Para quantas coisas usa o Senhor a Irmã Maria do Socorro, é segredo seu. Parece porém, que, do seu coração transbordante de amor, o Senhor se servirá antes de mais, para uma abertura total ao seu amor. Ele dotara-a com uma natureza de fogo que todavia ela sabe esconder, com uma riqueza de humildade silenciosa e secreta, ao fundo da qual seria preciso descer, para se intuir alguma coisa da sua força interior.

Ela própria define o seu caminho: *"deixar que Ele me ame, entregar-me em profunda comunhão a esse amor e à sua misericórdia".*

Na verdade, Deus é o centro luminoso da sua vida. Ele cumula-a com o seu amor e ela, em troca, ama-O com o seu ardor generoso, humildemente consciente das energias divinas de que dispõe por misericórdia divina.

Ela oferece-se e Deus pega-lhe na palavra. Mas nessa feliz troca de amor, os irmãos estão sempre presentes.

No que temos visto até aqui, é clara a sua atitude – uma das suas atitudes fundamentais: *"deixar-me amar, deixá-Lo ser como Ele quer em mim"*.

E nas suas notas íntimas escreve:

> *"Meu Deus, Tu que conheces o mais fundo de mim mesma, Tu sabes que o meu desejo, o meu querer (consciente) mais profundo é deixar-me amar por Ti, deixando que em mim ames os meus irmãos. Quanto ao resto, se é teu desejo, então que eu sofra mesmo, mas nada quero desejar que não seja do teu agrado"*.

Deixar-se amar é viver em Jesus Cristo e esta vida encontra-a sobretudo na Eucaristia:

> *"Todos os dias como o Corpo e bebo o Sangue de Jesus Cristo. Então vivo em Deus e Ele em mim. Vivo em Deus. Os meus irmãos também vivem em Deus! Esse Deus, sem limites, num pedacinho de pão para ser comido por todos, assim,* eu n'Ele, devo deixar-me ser pão para ser comido ou deixado".

Na sua pequenez acolhe este amor de Deus e percebe que Ele se estende a todos os homens:

> *"Ele mostrou-me que não tem limites e ama com amor infinito cada um dos não sei quantos biliões de homens no mundo. E cada um com amor diferente e sempre novo. Que me ama (repete)* me ama, me ama *com um amor infinito. Que me deixe assim ser amada na minha pequenez (repete)* pequenez, pequenez. *Quer de mim um amor delicado e uma confiança ilimitada no seu amor e misericórdia, como criança (repete)* criança, criança. *Se não vos tornardes como criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus"* (cf. Mt 18,3).

Deixar-se amar é portanto uma das atitudes fundamentais da vida como ela própria afirma. Consciente da sua fraqueza e sentindo-se muito pecadora, não lhe é conatural esta atitude. Além disso não é prática corrente na vida nem na doutrina cristã, como ela diz: *"falam-nos pouco do amor que Deus nos tem"*. Mas a Irmã Maria do Socorro insiste neste ponto fundamental da sua espiritualidade:

> *"Parece-me que sabemos pouco o quanto somos amados por Deus e como a sua misericórdia é infinita. Geralmente dizem-nos que é preciso amar a Deus e ao próximo. E está certo. Mas falam-nos pouco do amor que Deus nos tem e de como é, antes de tudo, Pai.*
>
> *Creio que foi sobretudo a consciência e experiência deste amor, que deu aos santos a coragem e capacidade de amar, com todas as suas forças, a Deus e aos irmãos"*

Continuando o mesmo pensamento, afirma:

> *"Sinto, na minha pobreza, que quanto mais me apercebo do amor de Deus por mim, mais me sinto impelida por Ele a amá-Lo e amá-Lo nos outros. Quando sou eu que tenho que amar, sinto-me tão pequena, tão frágil, tão impotente! Mas quando Ele me dá a consciência de que é Ele que me ama e me dá capacidade de amar, tudo se torna mais fácil"*.

Perfeitamente enraizada nesta vertente escreve:

> *"Creio que é Ele que me dá este desejo mais profundo: deixar que Ele me ame a seu jeito, para que Ele mesmo em mim possa amar todos os homens, a começar pelos que estão mais perto"*.

Também em Nossa Senhora, no mistério da Encarnação, ela vai encontrar a coerência de vida que Jesus quer viver nela:

"Meu Deus, se acreditássemos profundamente na tua presença em cada um de nós e nos outros pelo mistério da Encarnação, como tudo seria diferente! Não andávamos à procura daquele que possuímos (muitas vezes inconscientemente) e procuraríamos antes ser coerentes com essa vida que Ele quer viver em nós e por nós. Então, como teríamos de amar, sem peso nem limite, a todos *como Ele amou. Cada vez me convenço mais de que só o amor pode pôr as coisas no seu lugar.*

Estamos no mês de Nossa Senhora que compreendeu isto em plenitude e O deixou ser *nela, na simplicidade de uma entrega total".*

Numa visão cósmica de imanência e transcendência divinas, mergulha o olhar contemplativo no mistério da Encarnação:

"Que formidável, Senhor, saber que, desde a Encarnação cada energia do homem e da terra e do Universo, é penetrada por Ti e que em cada uma delas vais transformando o homem e o Universo. Saber que não nos podemos mover senão em Ti. Isto leva-me a tirar conclusões:

1. Segurança – *tudo, até mesmo o pecado, está de certo modo, ao teu serviço. Tu governas o mundo e estás connosco até ao fim. A tua vitória é certa.*

2. Responsabilidade – *como aplicar mal essas energias em que Tu mesmo estás, sabendo sobretudo que a tua plenitude como que será atingida, completa, na medida da realização de cada homem, de toda a criação e do teu Corpo Místico?*

E se isto acontece com cada um dos homens, então neste mundo só Tu existes, encontramos-Te sempre, mesmo que não Te vejamos nem Te sintamos. Obrigada, Senhor, não me deixes esquecer isto, sobretudo nos momentos mais difíceis. Abre para a tua luz a tantos que não Te conhecem, ou Te odeiam e vivem na angústia da incerteza".

E para que a plenitude divina seja como que atingida nela, pede ao Espírito Santo que cada uma das suas fibras seja resposta a esse amor:

"Adorei o Verbo Encarnado nesse silêncio escondido no seio da Virgem, nesse momento em que Ele é semente incorruptível (cf. 1 Ped 1,23) *de Deus. Pedi ao Espírito Santo que imprimisse esse amor infinito, essa misericórdia insondável no meu ser, em cada uma das suas fibras para que eu pudesse corresponder um pouquinho a esse amor, a essa ternura infinita. O Espírito Santo fez de Maria sua Esposa, gerando nela, no seu seio e de sua carne, o Verbo Encarnado. Graças, graças, meu Deus".*

CAPÍTULO IV

BUSCA PERMANENTE DA VONTADE DE DEUS: "DEIXÁ-LO AGIR À SUA VONTADE" "LOUVAR É FAZER A VONTADE DO PAI"

Uma das atitudes fundamentais da sua vida, senão a primeira, é, como a Irmã Maria do Socorro diz, esta busca permanente da vontade de Deus.

Nela encontra o clima favorável à sua vida espiritual, a chave da sua vocação, a motivação profunda de todos os seus actos, ainda os mais insignificantes. A sua vontade purificada e liberta de todo o apego humano e terrestre, torna-se, por dom de Deus, uma só com a vontade divina. Maleável e disponível, como tenra haste que se inclina ao sopro leve da brisa, assim ela, sempre aberta ao querer divino, sempre aberta às inspirações do Espírito, se oferece, sem a mínima resistência, à graça que a invade, às maravilhosas operações do amor.

Para ela tudo é importante, desde que julgue ser vontade de Deus. Por isso procura o discernimento de guias espirituais que a orientam nos seus critérios e controla ela própria tal discernimento à luz das moções do Espírito, que ela expõe com extrema rectidão e clareza. *"Por vezes, creio que o Senhor fala em mim, mas parece que preciso de confirmação através de quem vai pondo no meu caminho, para me ajudar".*

É total a sua adesão à vontade de Deus, donde lhe

vem o espírito de obediência e a necessidade de fazer passar por esta as suas iniciativas e projectos. Daí o seu respeito pelas determinações dos superiores, que acolhe com grande espírito de fé.

Ela não pode deixar de seguir as inspirações do Espírito Santo, quaisquer que sejam as consequências e mostra sempre uma vontade inflexível, incansavelmente aplicada a controlar os movimentos da natureza e a conformá-los com o ideal ardentemente desejado – a vontade de Deus.

Sabe que esta disposição não é fruto de um esforço de vontade, mas efeito da graça. O que ela faz é abrir-se a essa graça, renunciando absolutamente ao seu querer próprio, constituindo-se prisioneira da vontade de Deus e entregando-se, em disponibilidade total nas suas mãos.

A vontade de Deus vem-lhe também através da doença que ela aceita com alegria. E escreve em vésperas de uma operação aos ouvidos:

> *"Já tenho marcada a minha operação aos ouvidos. Seja o que Ele quiser. Estou nas suas mãos e tudo quero aceitar com alegria. Sem Ele nada posso mas* 'posso tudo naquele que me dá força' (cf. Fil 4,13). *Esta a minha grande consolação".*

Escrevendo a uma irmã:

> *"Como dizes, procuro e o Senhor tem-me concedido a graça de estar a cada momento numa entrega incondicional e tenho confiança de que continuará a conceder-me essa graça, totalmente gratuita e fruto talvez das muitas orações que Lhe fazem por mim. A minha saúde continua pouco famosa, mas vai-se aguentando. Seja o que for, para maior glória de Deus. Só isso quero continuar a desejar".*

Na iminência da grave operação ao cancro, escreve à irmã carmelita:

"Peça ao Senhor que me dê força para o que me pedir. Quanto a mim confesso que tenho muito medo ao sofrimento físico, mas penso que só quero que aconteça o que for para maior glória de Deus e da nossa Mãe".

Parece que o seu estado habitual é um mergulho profundo na vontade de Deus:

"A única coisa que importa neste mundo e no outro é que a nossa vontade e o nosso ser miserável sejam assumidos e submersos na sua Vontade e no seu Ser infinito. Que a vontade do Pai se cumpra haja o que houver e que o Filho possa viver em nós os seus mistérios".

E ela própria responde às interrogações sobre a vontade de Deus:

"A vontade do Pai? O que Lhe agrada? Mostrar aos homens como Ele é para que se salvem, isto é para os ajudar a ser como Ele é. Quem ama faz o que agrada ao amado. Também assim para mim. O que Ele quer? Que O ame, que ame os outros no mesmo amor".

Pede a Nossa Senhora que a ajude a abandonar-se assim à vontade de Deus:

"Minha Mãe, apesar da minha miséria e por causa dela, ensina-me e ajuda-me a abandonar-me inteiramente a essa vontade adorável, para que a minha vontade seja uma só com a dele sempre e a cada momento. Que eu seja a sua coisa *de que possa dispor como entender. Espírito de amor, faz-me desaparecer nele, nesse Jesus que vive em mim, mais, que sou eu, para que seja Ele e não eu".*

Esse desejo de contínua e delicada atenção à vontade de Deus vai sendo cireneu na escalada difícil do sofrimento que a identificará com o seu Senhor. Consciente da gravidade da doença – o cancro tinha-se generalizado – escreve, pouco mais de um ano antes da sua morte:

> *"No dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, a médica disse-me que tenho uma grande infecção no pulmão esquerdo e que esta ajudou a descobrir a evolução da doença. Já fiz o primeiro tratamento de quimioterapia. É um petisquito, sobretudo nas primeiras vinte e quatro horas. Para mim foram oito ou dez horas de vómitos constantes em que passei o tempo a dizer com Ele ao Pai:* 'Pai, se é possível afaste-se de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, mas a tua' (cf. Lc 22,42). *Depois de uma noite quase em claro, fui recuperando e hoje sinto-me bem melhor. No entanto, o meu estado é bastante grave. Graças a Deus continuo bem disposta e serena. É uma graça tão grande, que nem posso avaliar".*

Surpreendemo-la sempre no mesmo ritmo de entrega à vontade de Deus. Nos últimos anos de vida escreve a um sacerdote:

> *"Procuro ser dócil às moções do Espírito Santo e colocar-me nas mãos de Deus deixando-O agir, embora no meio de muitas limitações e misérias. Mas sei que Ele é Pai. Bendito seja Deus. Cada vez desejo mais* deixá-Lo agir à sua vontade. *Creio que este desejo é* a minha atitude fundamental de vida *e vai-se apoderando cada vez mais de mim. Mas sei também que preciso que seja mesmo* vida no dia a dia. *É neste sentido que me esforço, embora muitas vezes falhe".*

Outra atitude fundamental de vida, como já vimos, saber que Deus está sempre e em todas as situações:

> *"O que me vale é a grande graça que Deus me tem concedido de saber e até sentir que Ele* está em cada situação, *qualquer que ela seja. E isto é maravilhoso. Creio mesmo que é uma das maiores graças da minha vida".*

A sua vontade de seguir na direcção indicada por Jesus, vai-se fortificando sempre, mesmo em meio de dificuldades interiores nas quais ela sabe que Deus está.

Escreve a uma irmã:

> *"Este ano as coisas parece que não vão muito bem ou então alguma coisa se passa em mim que me torna diferente. No entanto, no fundo de mim mesma, muito no fundo, quase nem se vislumbra, a certeza de que só a vontade dele importa e a disposição de aceitar* seja o que for. *Mas é só lá muito no fundo. Continuo, porém, a crer na imensa e infinita misericórdia do Pai e decidida a caminhar na sua direcção, ainda que seja de rastos".*

Sabendo que Deus está em tudo, não se quer prender a nada senão à sua vontade:

> *"Senhor Jesus, não deixes nunca que eu me prenda a nada: hábito, casa, irmãs, superioras, trabalho, nada numa palavra. Que eu passe por tudo isso presa unicamente a uma coisa e essa coisa sem a largar – a tua adorável vontade. Sei que não mereço essa graça, mas precisamente por isso, porque seria incapaz de a alcançar, Tu tens-ma dado gratuitamente, só por misericórdia. Continua a viver em mim, Senhor, e então será possível porque serás Tu e não eu"*

Numa meditação dos Exercícios Espirituais de mês escreve:

"Nós não sabemos, na nossa intimidade, onde está Deus. No céu? Mas o que é o céu, Senhor? Não será a total e absoluta adesão à vontade do Pai? E então sempre que a realizamos podemos dizer que Tu estás. E Tu não és o céu? Não estão em Ti todos os anjos e santos do céu, da terra e do purgatório? Não é verdade que onde Tu estás, está o Pai e o Espírito Santo? Senhor, faz-me compeender isto: mesmo que eu não Te sinta, nem Te saiba, Tu estás sempre que realizo a vontade do Pai. Mesmo nas sombras mais densas, mesmo na maior escuridão, mesmo quando me envolve o poder das trevas, se eu estou na vontade do Pai, Tu estás e a luz está comigo. Não deixes que me perturbe e perca a tua alegria, a tua paz".

Nas suas notas íntimas e confirmando a mesma ideia:

"O que é o céu? Eu penso que o céu é a posse do amor. Sim, mas o amor não é inactivo, é activo. O amor tende à união de tudo, à fusão, se assim me posso exprimir, de duas vontades – a da criatura e a do seu Criador. Assim parece-me que o grau de amor e portanto, de felicidade prometida, será na medida da união da vontade da pessoa com a vontade divina. O Filho faz sempre o que agrada ao Pai (cf. Jo 8,29) *e a vontade do Pai é o seu alimento* (cf. Jo 4,34). *A vida de Maria é um* fiat *constante. Estou convencida que o maior santo é aquele que melhor consegue realizar a união da sua vontade com a de Deus".*

A sua atitude diante da vida nunca é passiva. Para cumprir o melhor possível os ministérios de que é responsável, ela empenha todas as capacidades do seu ser, num esforço inteligente e acompanhado de discernimento, convencida de que *o resto que Deus faz* assenta sobre o que lhe é possível fazer. *"Eu farei tudo o que depender de mim, Ele fará o resto".*

É durante muitos anos assistente de superioras, superiora de várias comunidades e membro de algumas comissões na Província. O seu jeito é de empenhamento activo por um lado e de pobreza e completa entrega a Deus, em confiança absoluta, por outro.

Escreve à irmã carmelita pedindo orações para uma reunião importante:

> *"Peça à Mãe que me e nos ajude a acolher o Espírito Santo para descobrirmos a vontade do Pai e a realizarmos".*

Chamada a fazer parte da comissão de avaliação de experiências, depois do Capítulo Geral de renovação, escreve à mesma irmã:

> *"Esta comissão tem uma grande responsabilidade. Por isso lhe peço que suplique ao Senhor a sua luz para que apenas nos deixemos guiar pela sua vontade.*
>
> *Quanto a mim, continuo com um desejo grande de aprofundar e viver cada vez mais plenamente a vontade de Deus".*

Numa das suas cartas a uma irmã:

> *"Não sei se a irmã sabe que acabo de ser nomeada assistente da superiora. São tão impenetráveis e estranhos, por vezes, os desígnios de Deus! Digo-lhe que não entendo, mas que procuro aceitar na pobreza e na fé da Mãe. Peça-Lhe que me ajude a deixá-Lo fazer caminho através de mim. Ela*

foi o primeiro caminho pelo qual Ele quis vir até nós. E continua a sê-lo, não de uma maneira abstracta, mas em cada um de nós em que Ele encarna. Quando me fixo nestes mistérios, tudo vai bem. Quando olho para mim, tenho medo, muito medo. Mas não quero olhar para mim e quero deixá-Lo agir".

Convencida da sua pobreza escreve:

"O Senhor é exigente e pede-me um serviço, muito exigente também, pois sou, desde há pouco, superiora da comunidade do colégio de Lisboa. Ele quer mostrar bem que é Ele e só Ele que faz a sua obra e que, para instrumentos da sua acção, escolhe os mais pequeninos e insignificantes. Que Eu o deixe trabalhar à vontade naqueles que acaba de me confiar de um modo mais especial. Preciso tanto de ser pobre e pequenina! Só assim se pode ser instrumento nas suas mãos".

Para ela o exercício da autoridade é:

"Estar sempre disponível para os que precisam de mim. Perdoar a uma irmã que me magoou (porque sou ainda muito pouco humilde), ficando logo à vontade com ela e amando-a mais, se possível. Aceitar, sem fazer acepção de pessoas, a irmã menos simpática, (...) porque Ele ama a cada um com amor infinito. Deixar-se, numa palavra, conduzir pelo Espírito Santo".

Na obediência esclarecida e participativa descobre *a chave da sua porta* para encontrar a vontade de Deus, através da autoridade:

"Creio que só por aí (pela autoridade), se manifestará a tua vontade, Senhor. Isso dá-me imensa paz. Sinto que só saberei efectivamente a tua von-

tade por essa via. O que Tu quiseres é o que eu quero. Creio ter encontrado a chave *da minha porta. Por ela Tu me descobres a tua vontade. Obrigada e perdoa-me porque não acabo de aprender que estás comigo e na hora que é a tua e não a minha, Tu me descobres a tua vontade. Mil graças Te sejam dadas por tudo".*

E é nessa obediência, embora às apalpadelas – porque obediência colaborante – que ela encontra a vontade do Pai.

"Hoje a voz de Jesus vem-me pela obediência através dos superiores. Não quer dizer que a obediência deva ser cega e passiva. Não. Mas depois de postas as cartas na mesa, só há um caminho – obedecer. Posso não compreender, mas sei que acerto com a vontade do Pai. E o superior, se se esforça seriamente para a descobrir comigo, ainda que humanamente erre, também acerta. Creio que nos é pedido apenas o esforço de acertar. A vontade de Deus não está feita, digamos assim. Temos que a procurar às apalpadelas".

Num dos seus últimos Exercícios Espirituais escreve:

"Louvar é fazer a vontade do Pai.

Jesus em mim: 'Pai eis que venho para fazer a tua vontade' (cf. Heb 10,7). *Comecei a meditação pedindo a Nossa Senhora, que sempre Se deixou conduzir pelo Espírito Santo, que Lhe dissesse que aceito, quero aceitar, com a sua força, todos os processos pelos quais me quiser conduzir para que se faça em mim a sua vontade e para assim Lhe dar a glória que Ele de mim quer".*

Nada lhe importa desde que seja para louvor e glória de Deus:

"Norma da minha vida – abandono total à vontade de Deus através das minhas superioras. Por amor, esquecer-me sempre e em tudo, para fazer só o que mais Lhe agrada. Aceitar, com humildade e mesmo com alegria, a minha insignificância e as minhas faltas, deixando-as perder no oceano infinito da sua misericórdia. Senhor, toma-me e faz de mim tudo o que quiseres, sem condições. Tudo aceito e quero desde já. Tudo está certo. Que me importa seja o que for, se isso Te dá mais glória ?"

Já quase no fim da vida, dois meses e meio antes da morte :

"Continuo a esperar o que Ele quer. Só quero louvá-Lo por tudo".

CAPÍTULO V

COMUNHÃO – PARTILHA DE BENS ESPIRITUAIS

Ao tratarmos de comunhão, no sentido em que a Irmã Maria do Socorro a refere em suas cartas e escritos, é necessário esclarecer que se trata da comunhão de vida no Corpo Místico de Cristo, desta realidade sobrenatural que é caminho progressivo para a unidade, a qual começa a realizar-se pelo baptismo, se alimenta dos sacramentos e da oração, se consuma cá na terra, na comunhão com Cristo na Eucaristia, e, no céu, na comunhão eterna com Deus.

A Irmã Maria do Socorro conhecia bem a espiritualidade do P. Gailhac nomeadamente no que se refere à comunhão. Pertenceu à primitiva equipa portuguesa de tradução de cartas do Fundador, em ordem à publicação das pequenas brochuras sobre a Missão. Coube-lhe a ela traduzir integralmente *"Ser Outros Jesus Cristo"*, em que esta ideia de comunhão supõe a transformação progressiva em Jesus Cristo, vivendo pelo Pai. Diz o nosso Fundador: "Era desejo do Salvador divino que, através dos séculos, os cristãos não fossem senão um só coração e uma só alma. Por isso Jesus Cristo quer unir-se a nós para que vivamos por Ele, como Ele vive pelo Pai".

Assim escreve à irmã carmelita:

"O meu retiro foi um autêntico mergulho na oração e uma imensa graça de Deus. A irmã esteve lá

também, pois a comunhão dos santos continua a ser um mistério em que gosto de pensar e em que Ele me tem feito penetrar um pouquinho. Compreendi que, – como para Deus não há espaço nem tempo – quando medito nos mistérios da vida de Jesus, estou lá *e isto é um manancial de água viva que, mesmo que eu não tenha paladar, sacia e alimenta. É uma maravilhosa descoberta para mim.*

Preciso muito da sua união e conto com ela. A irmã só tem que pensar em Deus e embeber-se d'Ele. Eu tenho que embeber tudo n'Ele".

E continua, dirigindo-se à mesma irmã:

"Há coisas tão engraçadas neste mundo! Será mais uma para lhe contar, se alguma vez nos encontrarmos cá. Senão, no paraíso ou no Coração daquele onde não há segredos nem distâncias, o virá a saber".

Numa sua deslocação a Fátima, que lhe proporcionaria visitar esta irmã, mas por esta se encontrar em retiro, não o poderá fazer, escreve:

"Chego a convencer-me que o Senhor me quer fazer viver a experiência *do dogma da Comunhão dos Santos e Corpo Místico e por isso só me deixa comunicar com determinadas pessoas – a irmã é uma delas – no seu Coração, porque aí falo-lhe e encontro-a muitas vezes. Estou pronta para tudo quanto possa identificar-me mais com Ele crucificado e por isso aceito alegremente esta renúncia que muito me vai custar".*

Mais tarde em circunstâncias idênticas, escreve a essa mesma irmã:

"Estive aí no Carmelo e participei no mesmo Sacrifício Eucarístico que a irmã. Eu mal a vi por-

que a minha preocupação foi encontrá-la no íntimo do Coração de Cristo que Se oferecia ao Pai. E vim tão alegre como se tivesse estado com a irmã. Na comunhão com o Senhor, disse-Lhe tudo o que queria dizer-lhe a si e julgo que lhe estive mais unida do que se tivesse falado com a irmã. Foi o que me pareceu compreender e considero-o uma graça imensa. Na Comunhão dos Santos a nossa união é mais profunda, porque mais despida de qualquer coisa de nós, – que se mete sempre – muito mais pura. A união com Cristo é muito mais profunda ainda, porque nada há tão íntimo como a comunhão das almas n'Ele".

A Irmã Maria do Socorro sabe, porém que essa comunhão não provém do esforço pessoal ou desejo de a possuir. Sabe que é dom gratuito de Deus e que Ele mesmo a realiza em nós. E assim escreve a uma irmã:

"No amor infinito de Deus que nos une e onde nos encontramos, continuemos a deixar que Ele faça essa partilha – comunhão que será também com todos os outros.

É bom viver, experimentar essa comunhão, vislumbrezinho da realidade maravilhosa que é a Comunhão dos Santos, não achas? Nada será bastante para agradecer".

Em referência ao sofrimento causado por um tratamento difícil escreve a esta mesma irmã:

"Peço-te que continues bem unida porque eu também o estou sempre e preciso muito da força de Deus para continuar a manter-me serena e numa grande paz".

E a terminar a carta:

"Numa comunhão de vida sempre e cada vez mais funda, vai o meu abraço para ti".

É assim que ela geralmente termina as suas cartas e sabemos quanto de honestidade e coerência há em cada uma das suas palavras. Apenas alguns exemplos:

"Nele sempre em comunhão de vida".

"Na comunhão do seu amor o meu abraço mais amigo".

"Sempre unida, na comunhão de vida que Ele vive em nós".

E continua a sua ideia permanente, ainda em carta a essa irmã:

"Como dizes, essa aliança vem dele que, no seu amor infinito nos quis fazer experimentar *um pouquinho, esse mistério maravilhoso da Comunhão dos Santos".*

Referindo-se à doença de seu pai (que tivera um enfarte do miocárdio, depois de uma trombose e pneumonia e que contraíra várias feridas), e tendo passado com ele a semana santa, escreve:

"O Senhor fez-me viver *intensamente o mistério admirável da Comunhão dos Santos e no corpo macerado de meu pai fez-me senti-Lo bem presente. As missas em que não pude participar oferecei-as ali (junto do pai) com Ele e nele como nunca, com toda a humanidade. Imagine que nem quinta nem sexta-feira santa pude participar nas cerimónias, o que me custou imenso. Mas o Senhor fez-me viver intensamente um pouco da sua Paixão".*

Nos seus escritos íntimos lemos:

"Na minha oração fiquei-me sobretudo nestes três pontos: 1.º – Oração, atitude de quem está aberto, atento à Palavra. 2.º – A oração é a vida cristã em acto. 3.º – Experiência de comunhão com as Pessoas divinas. Aqui fui vendo a experiência de comunhão com cada uma das minhas irmãs, pois

percebi que sem esta experiência de amor, não há verdadeira experiência de comunhão com as Pessoas divinas. E ao lembrar cada irmã, fui pedindo a Deus que fosse fazendo passar *em mim o amor que devo a cada uma delas".*

O Senhor mesmo a faz penetrar no mistério da comunhão infinita e eterna das três Pessoas divinas. Lemos nas suas notas de Exercícios Espirituais de mês:

"O Senhor levou-me à contemplação, vivência do mistério de entrega total do Filho ao Pai numa comunhão infinita e eterna. Depois o Espírito Santo fez-me compreender que para entrar nesta comunhão tinha que entrar toda. Por isso que Lhe entregasse tudo: pensamentos, desejos, sentimentos, movimentos do meu coração ainda os mínimos e até os mais desordenados, tudo, numa palavra, porque me chama a essa comunhão".

É nesta comunhão profunda em Deus que a Irmã Maria do Socorro alimenta e é fiel às suas amizades. Assim, escreve:

"Perdoe que não tenha ainda escrito e acredite que a nossa comunhão de vida *em nada é prejudicada. Não. O que Deus une em Si, é alimentado mais que tudo pela mesma vida e é por isso que, mesmo o silêncio (quantas vezes o silêncio = palavra e palavra = silêncio) alimenta a nossa amizade. Ontem, dia de Todos os Santos, de modo especial, estivemos perto, n'Ele".*

É sobretudo no Sacrifício Eucarístico que ela realiza a sua comunhão, particularmente com algumas pessoas:

"Na Santa Missa, sobretudo na consagração e no Per Ipsum, *estaremos bem unidos no Coração de Jesus e da Mãe. Que o Senhor, que tão intimamente uniu as nossas almas, nos seus desígnios de*

amor e de misericórdia, nos aceite pelas mãos de Maria, ou melhor, através do seu Coração Imaculado".

Por altura do Natal de 1978 escreve:

"Alegremo-nos que já nasceu o Salvador. É esta alegria que me faz quebrar o silêncio. Mas não foi no silêncio que 'o Verbo se fez carne e habitou entre nós'? (cf. Jo 1,14). *Não é ainda no meio do silêncio que tantas vezes O sentimos como que encarnado em nós e nos outros?*

Quantas vezes, pelo mistério da Comunhão dos Santos, no silêncio mais profundo de mim mesma e de Deus, encontro aqueles que Ele pôs na minha vida e mais intensamente uniu a mim.

Também no silêncio daquela noite soaram os cânticos de glória dos anjos e com eles venho dizer-lhe: alegremo-nos, pois nasceu o nosso Salvador e desde que Ele veio, todos os nossos actos feitos n'Ele e com Ele, se tornam divinos".

E termina:

"Pela comunhão dos Santos continuamos unidas no amor com que Ele nos ama".

Ela sabe que, na medida em que se deixa invadir por Deus, mais forte se torna essa comunhão extensiva aos outros e às próprias tarefas:

"Quanto mais o Senhor nos vai invadindo *mais perto encontramos os outros, sobretudo aqueles que, como nós, Ele quis que estivessem em comunhão mais profunda. E creio não me enganar ao dizer que, apesar das múltiplas tarefas que tenho a desempenhar, Ele vai tomando cada vez mais* posse *desta pobrezita que escolheu, ou melhor, escolhe cada dia".*

Pensando na comunhão de toda a Criação em Cristo, que a entrega ao Pai, escreve:

> *"(...) a minha* comunhão, *ou melhor, a* nossa comunhão *é constante. E a mim ajuda-me tanto! Cada vez me maravilho mais com o mistério insondável da Comunhão dos Santos, prenúncio dessa comunhão, no seio do Pai, de todos os filhos e até de toda a Criação, entregue por Cristo ao Pai. E quando há um contrato como o nosso, essa comunhão torna-se, se não mais real, talvez mais consciente e por isso mais vivida".*

Que contrato é este que a Irmã Maria do Socorro aqui menciona? Sabemos que ela fez com algumas irmãs e com alguns sacerdotes, o que ela chama *partilha de bens espirituais* e que refere também como *comunhão especial e mais profunda.* Este contrato é tão importante para ela, que só o faz com o conhecimento do seu director espiritual e depois de muita oração e discernimento. Dele dizia que era de grande ajuda espiritual.

Numa carta, escreve ela:

> *"Na graça de Deus estamos-Lhe tão unidas que nada podemos fazer dentro da sua vontade, que não seja Ele em nós. É esta certeza que me dá uma grande força, e ajuda muito na união com Ele.*
>
> *Sobretudo o Santo Sacrifício da Missa, creio vivê-lo intensamente, pois sei que Ele continua a oferecer-Se em mim ao Pai. Isto é maravilhoso e só a loucura de um Deus podia realizá-lo.*
>
> *Vivamos, pois, nesta união n'Ele, deixando-O tomar posse de tudo e viveremos efectivamente a nossa consagração. Assim nunca há distâncias porque tudo fica reduzido a Ele".*

A sua comunhão ou *partilha de bens espirituais* alarga-se a todo o Instituto a que pertence:

> *"O dia do Coração de Jesus – dia da consagração do Instituto ao Sagrado Coração de Jesus* (1) *– foi um dia de graças partilhadas com todas e cada uma das filhas do Sagrado Coração de Maria. Nessa grande união, ajudemo-nos mutuamente a deixá-Lo fazer de nós tudo o que Ele quiser. Essa consagração será vivida na medida em que O deixarmos a Ele viver em nós. É extraordinário que, em cada um dos seus filhos, Ele reviva os seus mistérios. Assim vivendo apenas trinta e poucos anos na terra, Ele pode ser tudo, desde o mais humilde operário, àquele que tem as maiores responsabilidades. Isto é afinal o mistério da participação da sua vida divina, pela graça. E em tudo isto, que maravilha e que riqueza na Comunhão dos Santos! É ela que nos permite a união em que vivemos, longe ou perto"*

Depois de um serviço de responsabilidade que lhe é pedido, escreve:

> *"Deixe-me agradecer-lhe mais uma vez o nosso contrato. Se hoje sou capaz de dizer um sim alegre ao serviço exigente que me é pedido, sei que o devo à Comunhão dos Santos"*

Neste caminhar progressivo para a comunhão com Deus e com as pessoas, ela comunica, ainda mais íntima e profundamente, com algumas. Esta comunhão especial, o P. José Craveiro classificava-a de *personalização* e dizia que consistia numa espécie de identificação, em presença ou à distância.

(1) 5 de Junho de 1964.

Vejamos alguns testemunhos:

Tratava-se da transferência para o Carmelo da irmã sua confidente espiritual. A mãe desta não se conformava com tal decisão e deixou de se alimentar e dormir, o que muito preocupava os seus familiares e sobretudo a própria filha. A Irmã Maria do Socorro acompanhava com muita oração o desenrolar dos acontecimentos.

Com grande surpresa da irmã, quando esta foi a casa despedir-se, encontrou a mãe completamente mudada. Aceitava a sua ida para o Carmelo e dizia: "o que quero é a vontade de Deus"

E a Irmã Maria do Socorro explica com simplicidade:

"Eu falei com ela em comunhão íntima"

Pela acção de um forte impulso interior, ela penetrava dentro das pessoas, dizia o P. José Craveiro, e estas abriam-se à graça de Deus que ela lhes comunicava.

Não estará relacionada com esta comunhão intensa o facto de ter conhecimento de alguns acontecimentos futuros, à distância?

Assim em Setembro de 1965, diz um sacerdote, teve a comunicação de que Paulo VI vinha a Fátima, o que se realizou em 1967.

Um dia, conta uma irmã, entrou com ela na capela da Praia da Consolação. Ao entrar disse: *"não está cá o Senhor"*. E não estava. Não havia porém algum sinal exterior que pudesse levar a essa conclusão.

Esta comunhão que opera nela uma transformação permanente, tem o seu gerador no próprio Coração de Jesus que não cessa de derramar sobre ela torrentes de graça. Ela dá-nos o segredo nas suas notas íntimas.

"Propuseste-me, Senhor, uma troca que aceitei. Deste-me o teu Coração e o Coração Imaculado de

Maria, tua Mãe, em troca do meu. Senhor, porque hei-de ter medo? Tenho-me esquecido dessa troca maravilhosa que me propuseste. Parece-me que tens andado longe, ou melhor, não Te tenho sentido. Hoje, porém, fizeste-me experimentar a tua presença. Tudo ofereceste em mim ao Pai, muito especialmente a tua serenidade e o teu amor.
Esse Coração, fornalha ardente onde tudo queimas e purificas, Tu O ofereceste em mim".

E continua:

"Senhor, no teu Coração que me deste, queima, purifica, sublima tudo o que é meu para que eu seja verdadeiramente pobre. Ainda me custa perder a boa opinião dos outros, a boa fama, ainda quero ter alguma coisa. Ainda não sou pobre. Senhor, ajuda-me a ultrapassar-me para ser aquilo que Tu queres ser em mim".

E em humilde ousadia, escreve:

"Senhor, algumas vezes fazes-me experimentar que no Sacrifício da Missa és Tu que Te ofereces em mim e que toda a minha vida, pão tão pobrezinho e tão impuro, a transformas no teu próprio Corpo e Sangue. No momento da consagração sinto que dizes em mim também: Isto é o meu corpo. Isto é o meu sangue".

E continua em ousadia ainda maior:

"No outro dia, depois daquelas tentações tão violentas, parece que me fizeste sentir que também essas tentações e lutas Tu quiseste consagrar. Será possível, Senhor? E invadiu-me uma grande paz!"

CAPÍTULO VI

MISERICÓRDIA: "DEIXA-ME POISAR EM TI A MINHA MISERICÓRDIA" – CONFIANÇA

Sentindo-se responsável pelo tempo e pela vida que Deus lhe concede, a Irmã Maria do Socorro é levada, em cada momento, a procurar o sentido mais profundo da sua existência, a estar intensamente presente a si mesma, a Deus e aos outros e a dar imenso valor ao dom divino que é essa vida e esse tempo.

Daí o descobrir em si, não só os dons de Deus, mas também as próprias fragilidades e faltas que ela vê, à luz divina, como graves indelicadezas ao amor. E entra aqui a purificá-la e a acolhê-la, na sua reconhecida miséria, a misericórdia de Deus.

Escreve a uma irmã:

> *"Sabemos pouco quanto a misericórdia de Deus é infinita. Sinto que os dois pontos que me saiem espontâneamente são estes:* amor e misericórdia. *Amor que é encarnação e vida.* Misericórdia *que, com simplicidade, temos de deixar poisar sobre nós.*
>
> *Quanto a mim, continuo a confiar na imensa e infinita misericórdia do Pai".*

Nas suas notas íntimas confidencia:

> *"Mais uma vez me entreguei à misericórdia do meu Senhor para ser e fazer o que Ele quisesse.*

'Deixa-te bafejar pela minha misericórdia, deixa-te beijar pela minha misericórdia, deixa-me poisar *em ti a minha misericórdia – não é isto o que tantas vezes me repetes? Sim, Senhor, sim, Mãe, eis aqui a escravazita da Escrava do Senhor".*

Ao meditar o mistério da misericórdia de Deus, no grito de Jesus na cruz: "Pai perdoai-lhes" (cf. Lc 23,34), escreve:

"Meu Deus, o Coração do teu Filho encontrou a fibra mais sensível do teu Coração de Pai e o seu grito de misericórdia encontrou eco no teu Coração. O teu Filho, com um amor infinito, perdoa aos homens – 'Pai perdoai-lhes...' (cf. Lc 23,34) *também para mim, a misericórdia com os meus irmãos será* chave *a abrir o teu Coração de Pai, apesar de toda a minha iniquidade. E depois, quem sou eu para não perdoar aos meus irmãos? Meu Deus, dá-me um coração misericordioso, que saiba perdoar, isto é, amar mais as pessoas que me magoaram e a quem quero perdoar, desde já, no teu Coração".*

Esta entrega à misericórdia de Deus não está ao abrigo de tentações de desânimo, mas Deus vence sempre. E no fim dos Exercícios Espirituais de mês escreve:

"Nesta meditação tentou meter-se uma pontinha de desânimo. Não sei bem exprimir o que sentia, mas tenho a impressão que era uma espécie de sentimento de frustração: estou aqui, parece que recebi dons sem conta, mas vai começar a vida e serei capaz de viver? *Não seria tudo o que considerei graça, uma forte dose de sensibilidade sem proveito? Mas em breve o Espírito Santo me mostrou que este desânimo, embora camuflado, não tinha nada a ver com a humildade. Esta reconhe-*

ce a sua fraqueza, mas sente-se objecto do amor de Deus e da sua misericórdia e confia em Deus. como a criança nos pais".

Sim, a misericórdia de Deus triunfa e desperta nela um sentimento de gratidão que a envolve toda.

"Na presença de Deus crucificado, uma atitude : a gratidão por tudo o que é essa presença. *Gratidão por tudo o que foi, é e será menos bom e que é remido pelo Senhor. Parece-me que o Espírito Santo me faz viver este mistério de* amor e misericórdia.

Como é preciso queimares no teu fogo tudo o que é menos Tu ! *A esse fogo me entrego. Sou parte de Ti e o que sou, sou em Ti e por Ti. E isto parece-me experimentá-Lo na mais pequena fibra do meu ser".*

A experiência de Deus, na sua vida vai-lhe ensinando cada vez mais claramente que tudo nela é fruto da pura misericórdia de Deus :

"Se Te fazes assim presente em mim, Senhor é por pura misericórdia. Eu não tenho direito a nada. Tu é que tens todos os direitos. Tu é que tens direito a que eu seja sempre, como diz alguém : 'terra pisada por todos, silenciosa, onde se lança o que não presta, aceitando-o e transformando-o de modo miraculoso em nova riqueza, transformando a própria corrupção em nova possibilidade de criação. Aberta ao sol, à chuva, ao vento, pronta a produzir trinta, sessenta, cem por um' (Cf. Mt 13,8).

Espírito Santo, ajuda-me a estar assim abandonada, pronta a aceitar tudo, seja das pessoas, seja de Ti. Só Tu podes conseguir em mim. Sinto que tudo

isso é por pura misericórdia, por um amor louco da tua parte".

Os santos não são santos por não terem faltas, mas por confiarem muito para além da sua fraqueza e se lançarem continuamente nos braços da misericórdia de Deus. A Irmã Maria do Socorro bem o sabe e confia que o amor de Deus transformará mesmo os seus pecados em Vida abundante:

"Entregar-me mais e mais à tua misericórdia – sinto que é isto o que tenho de deixar acontecer. *Os meus pecados, a minha iniquidade e a do mundo inteiro aí estão. Que o teu amor e o fogo do teu Espírito os purifiquem, os queimem e transformem em Vida abundante. E também as alegrias, a vida que há no mundo,* tudo, tudo *aí está. Tudo isto que não sei explicar nem entendo, tudo ponho no Coração Imaculado da tua Mãe".*

Meditando sobre Madalena aos pés do Senhor associa-se a ela para se entregar totalmente numa única preocupação – o Senhor só.

"Tu Senhor e eu a teus pés, pedindo perdão e misericórdia para os meus, os nossos *pecados. O teu olhar poisado sobre mim purificando-me e libertando-me. Com Madalena, com outras mulheres pecadoras arrependidas, entrego-Te tudo o que tenho e me deste, tudo o que sou – corpo e alma, tudo. E, pedindo ao Pai que empregues como Te aprouver, esta capacidade de amar que me deste: Madalena – uma só ideia, um só pensamento, uma só preocupação – Tu, só Tu! Que também assim seja comigo, Senhor, Tu, embora no outro. Tu, só Tu".*

Continuando a mesma meditação:

"Continuei com Madalena aos pés do Senhor, pedindo perdão e misericórdia. A pouco e pouco, porém parece que fui tomando consciência de que, enquanto Madalena estava a seus pés, eu O tinha em mim e estava n'Ele. E foi assim, nesta união que repeti: Jesus, Filho de David tem misericórdia de mim (cf. Lc 18,38). *Perdão e misericórdia para mim, sobretudo para aquelas indelicadezas conscientes, quando Tu me fizeste e fazes tão tua".*

E censura-se pondo-se em paralelo com Madalena:

"Madalena não se cansava de beijar os pés de Jesus, de os lavar com as suas lágrimas, de os enxugar com os seus cabelos e estava a seus pés. Eu tenho-O em mim e canso-me de estar com Ele! Ajuda-me a acolher o teu amor e a tua misericórdia, confessando-me pecadora".

Na meditação da Paixão detém-se nas atitudes de Judas e de Pedro fazendo contrastar o desespero de um com a confiança na misericórdia divina do outro:

"O que mais me impressionou na meditação desta manhã foi a figura de Judas. *Judas que Jesus ama infinitamente mas que não acredita no amor. Quem não acredita no amor não acredita em Deus porque Deus é amor. É esse amor feito carne que merece em nós os dons de Deus, o seu perdão e a sua salvação. Que mereço eu? Nada absolutamente nada. És Tu, Senhor, que tudo mereces em mim. Parece-me perceber que o pecado que fere mais profundamente o Coração de Deus é o desespero, o pensar que por causa dos nossos pecados, já não temos salvação. É a negação de Ti mesmo e da Redenção. Julgo não me encontrar nesta figura de Judas, não porque não Te tenha traído*

muitas vezes, mas porque me tens dado a graça de acreditar na tua misericórdia, me tens feito lançar todos os meus pecados no teu Coração. Senhor, espero em Ti e só de Ti espero essa confiança. Pedro – *Pedro garante ao seu Mestre que está disposto a dar a vida por Ele e, quando O vê em perigo até tira a espada da baínha* (cf. Mt 26,51), *rasgo de generosidade. Depois vacila e cai. Aqui encontrei-me a mim. Quantas vezes Te tenho dito, Senhor, que estou pronta a tudo. E há alguns rasgos de generosidade. Mas depois as cobardias, os medos, que sei eu? Pedro chora amargamente o seu pecado* (cf. Mt 26,75) *e acredita na tua misericórdia, no teu amor. Quem me dera chorar assim amargamente o meu pecado e tudo o que é preferência de mim a Ti! Ajuda-me a não me instalar na tua misericórdia mas também a* nunca *desconfiar dela. Cada dia procurarei começar de novo.*

Essa confiança na misericórdia de Deus vai crescendo sempre nela e as próprias faltas não a abatem ou enfraquecem.

"As falhas? Também lhas entrego e tudo Ele vai purificando. Ou não será capaz, por maiores que elas sejam? Ele é Salvador e Libertador e foi por isso que se fez homem, que tomou a nossa natureza, e vive em nós. E eu procuro uma só coisa: abandonar-me e deixar que, na realidade, tudo vá sendo cada vez mais só dele. Mas como Ele está em cada um dos que me cercam, tento desprender-me cada vez mais de mim, para O servir neles".

A uma irmã que a visitava na sua última doença, ela confidenciava com simplicidade:

"Os meus pecados? Já não penso neles e Ele também já os esqueceu".

Nesta dialética de falhas da sua parte e de perdão de Deus, cava-se mais profundamente a sua humildade e pobreza. E sente que só a força do amor de Deus a levará a ultrapassar as suas fraquezas.

> *"Senhor, preciso tanto que me dês* amor, *que vivas em mim o teu* Amor *para que eu ame e esse amor seja capaz de tudo ultrapassar. Não porque o mereça, mas por misericórdia, vive-o em mim, embebe-me nele. Só nele quero acreditar. Foi aquela hora junto de Ti que me deu força para ultrapassar. Obrigada, Senhor e continua a ser a força da minha fraqueza".*

Como vimos, o Senhor é muito exigente com ela na atenção a dar aos outros. Ferir este ponto da caridade é uma grande falta para ela que, por vezes, levada pelo gosto da leitura, cede nesta matéria.

> *"Ontem e hoje, Senhor, foram dois dias de faltas. Agarrei-me ao livro e pronto, já não fui capaz de estar atenta aos outros. Meu Deus, ajuda-me a recuperar o perdido. Está bem? Olhei primeiro e mais ao meu gosto, várias vezes".*

Deixá-Lo manejar à vontade a sua fraqueza é o que lhe importa:

> *"Ao mesmo tempo que sinto a minha incapacidade e miséria, sinto que Ele está comigo e que é na minha fraqueza que está a sua força. Ele gosta de agir através dos mais fracos. Só Lhe peço que eu não Lhe ponha obstáculos, que O deixe manejar à vontade a minha fraqueza".*

Nesta mesma linha de pensamento escreve a uma irmã:

> *"O Senhor pediu bastante durante este ano e eu fui muito pouco pobre e humilde. Mas Ele acaba de me conceder novas graças. É assim o Amor de*

Deus: sobre as nossas faltas, parece que ainda nos tem mais amor. Só com Ele isto se pode dar. Peça ao Senhor que me faça verdadeiramente pobre e humilde para que Ele me possa encher dele e comunicar-Se aos outros. Isto é o que interessa. E isto não poderá fazer-se sem cruz. Até porque, quando Ele entra verdadeiramente numa pessoa, vem Ele todo e Ele não se entende sem a cruz onde morreu para nos dar a vida".

Num desejo de transparência total consigo mesma e com a sua superiora e sentindo-se jogada entre os movimentos da natureza e os anseios da graça, escreve nas suas notas íntimas, ao ser transferida do Porto para Braga:

"Senhor, para minha humilhação, vou escrever o que me parece foi causa do meu estado de espírito nestes dias. E se me deres força hei-de mostrá-lo à minha superiora.

A transferência? Nem sei às vezes o que quero. No entanto penso que tenho uma certa pena de deixar de ser assistente da superiora (1).

Por outro lado, peço ao Senhor e desejo sinceramente ser pequenina e escondida. Como entender este paradoxo? Não será que no fundo do meu subconsciente há um desejo de aparecer, de governar? Meu Deus como isto me humilha e faz sofrer! Senhor, como preciso que vivas em mim os sentimentos do teu Coração, na tua vida oculta, no teu sepulcro, em cada sacrário. Tem piedade da minha imensa podridão".

(1) *De facto continuaria a ser assistente da superiora em Braga, sem interferência alguma da sua parte.*

Atenta ao que se passa no seu íntimo, sente dificuldades de dizer *sim* a um curso que lhe propõem, recorre à oração e humilha-se pelas suas faltas:

"Perdoa-me Senhor, fui e continuo a ser uma miserável. Depois de três quartos de hora de oração, não fui capaz de dizer sim, com calma a esse curso. E fui brusca com uma irmã. Ando insuportável. Porquê? Nem eu sei. Tem compaixão de mim, Senhor, e salva-me mais uma vez. Apesar de tudo, confio em Ti. Comunica-me o teu sorriso, a tua mansidão"

E o Senhor mostra-lhe as suas faltas e censura-a do seu pecado, levando-a depois, como que em contraste, a louvá-Lo pelas maravilhas realizadas nela e no mundo:

"Senhor, pequei. Fui extremamente orgulhosa. Agradeço-Te teres-mo mostrado e perdoa-me (sei que perdoaste) ter-Te magoado naquela irmã. Ela tem razão e ainda que me censurasse mais, nunca diria tanto como na verdade é. Reconheço ainda que julguei aquela outra irmã e não acreditei na mudança, que nela se operou, pela qual Te dou graças.

Fui à capela e o Senhor censurou-me do meu pecado: fingi que não via e fiz esperar bastante uma irmã que queria falar-me. E depois, nem sei se o mostrei, estava impaciente por a deixar e ir para a capela. Esqueci-me que o Senhor estava nessa irmã. Pedi-Lhe perdão e pedi à Mãe que me levasse ao Espírito Santo para Ele conduzir a minha oração. Depois de acompanhar, por algum tempo, Jesus na Agonia do Horto e de por lá ter feito passar as minhas irmãs, o Espírito Santo levou-me a louvar a Deus pelas maravilhas realizadas no mundo e em mim".

Apesar de todo o sofrimento físico e moral, acredita que, pelos caminhos do pecado, passam planos de salvação divina.

"Dia de terrível depressão física e moral. Cedi, lendo cerca de uma hora para me distrair. Mas, Senhor, os caminhos do pecado não têm também lugar nos teus planos de salvação? Sinto-me desorientada, numa angústia e incerteza tão grandes, Senhor. Que é feito daquela serenidade e daquela paz que tantas vezes experimentei?"

Para uma tal desorientação e angústia contribuem poderosamente as grandes tentações contra a pureza que o Senhor permite em diferentes fases da sua vida:

"A carne atormenta-me e arrasta-me, o espírito está turbado e indeciso. Ó meu Deus, não queres vir em meu auxílio, como tantas vezes tens feito? Senhor, custou-me ir comungar por não saber se não teria havido alguma adesão da minha parte. Mas fui porque preciso da tua santidade e do contacto com a tua carne virginal, para purificar a minha carne pecadora. Liberta-me hoje dessa tentação. Mãe puríssima entrego-Te a minha pureza. Confio-ta".

Volta a tentação. Volta a angústia da dúvida e da incerteza:

"Senhor, mais uma vez voltou a tentação. Suplico-Te que me libertes desta escravidão. Eu não quero, mas nunca sei até onde é que não quero".

Entre vitórias e fracassos que a sua delicadeza ao amor avoluma, o Senhor vai-Se mostrando e escondendo, aumentando nela o desejo de O possuir em humildade e pobreza espiritual:

"Senhor, consegui vencer uma batalha, mas perdi logo outra a seguir. Que miséria! Roubei-Te dez

minutos de oração para satisfazer um capricho. Perdoa-me porque confio em Ti e ajuda-me a dar-Te logo mais cinco minutos de oração, pelo menos. Também me parece que há uns dias não tenho aproveitado bem o tempo. Tenho muito que fazer, mas fico-me numa apatia sem saber o que fazer. Quando me fazes sentir a tua presença, quase como se Te visse, tudo me parece claro e fácil e as tuas manifestações também se explicam na minha vida do dia a dia. Quando Te escondes, então parece que tudo perde o sentido e nada entendo já. Mas tudo Te agradeço: luz e escuridão".

Ao meditar a entrada de Jesus em Jerusalém, nos Exercícios Espirituais de mês, é tocada pela humildade de Jesus "que escolhe as coisas vis e desprezíveis para manifestar a sua glória". E como que a repudiar algum sentimento de vã glória, escreve:

"Foi hoje de manhã, ao acordar, que o Espírito Santo fez cair o meu olhar em Jesus montado num jumentinho. Porque não num cavalo? Porquê aquele e não outro? Que mérito teria aquele jumentinho em ser escolhido, entre tantos outros, para ser montado pelo Filho de David? Não seria estúpido e ridículo se ele se atribuisse os hosanas cantados a Jesus Cristo? Como se ririam as pessoas se soubessem que ele se atribuía aqueles hosanas? E pensei no meu caso, quando atribuo a mim os dons de Deus, de maneira velada. Quando não compreendo e não aceito que Jesus possa montar este jumento que eu sou. Jesus escolhe as coisas vis e desprezíveis para manifestar a sua glória".

E o Senhor que a quer assim desprezível a seus próprios olhos, para a manter na humildade, mostra-lhe como as suas faltas O ofendem mais que os grandes pecados dos pecadores:

> *"O Senhor fez-me perceber que os grandes pecados e até crimes dos grandes pecadores – como lhes chamamos – O ofendiam menos do que os meus pecados. Porque muitos daqueles não O conheciam e não mediam a gravidade da ofensa que faziam a Deus: 'mas tu, disse-me o Senhor, tu sabes porque já to dei a entender'"*

Até onde vai o que ela chama pecado, podemos talvez intuí-lo do que ela escreve a seguir:

> *"Esta noite fizeste-me sentir que eu nem sequer cumpro os teus mandamentos: 'Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração com toda a tua alma e com todas as tuas forças (cf.* Dt 6,5) *e ao teu próximo como a ti mesmo' (cf.* Mt 22,39). *Vê, como estou longe. E, se por um lado me senti triste, por outro lado alegrou-me não continuar cega. E as bem-aventuranças? E o meu compromisso de fidelidade ao teu Espírito? E o amor infinito que continuas a manifestar-me? Meu Deus, como fui e sou louca e cega não vendo o meu pecado! E como Te dou graças, peço perdão e Te suplico que não mais me deixes esquecer isto. Mil vezes obrigada, Senhor e tem piedade de mim. E fiquei sob o olhar de Jesus pedindo-Lhe que me tornasse* nova *e humilde, fazendo-me sentir a alegria da minha fragilidade, para que nela passe a sua graça.*
>
> *Mãe, conduz-me ao Espírito de teu Filho para que Ele continue e orientar-me".*

Nunca desiste de confiar, nunca desanima, quaisquer que sejam os sentimentos que a levam a ser mais pobre e mais humilde, como deseja:

"Invadem-me uma apatia e um fastio tremendos. Uma sensação de fracasso apodera-se de mim, embora eu faça um tremendo esforço para continuar a acreditar e confiar em Ti. Senhor, torna-me mais pobre e humilde e ajuda-me a entrar na tua intimidade em que Te encontro a sós e em que me sinto unida a toda a Criação".

O Senhor em Quem ela confia não a larga de sua mão e não deixa que ela desanime mesmo em meio de algumas faltas de generosidade:

"Depois de me teres deixado sofrer e gemer sob todo o peso da minha miséria e incapacidade, estendes-me a mão e aquilo que não era capaz de fazer, faço-o agora, sem saber como. Não me negues a tua força e não deixes que eu me negue ao esforço que Tu queres de mim. Senhor, não deixes que o desânimo entre comigo".

E à medida em que o Senhor a vai purificando e transformando em Si, o pecado aparece-lhe com mais gravidade – graves indelicadezas ao amor.

"Quem é Deus? Quem sou eu? Deus a santidade infinita. Eu, a pecadora – o pecado. O Senhor fez-me perceber que os meus pecados de hoje, o mais pequeno, O magoa mais que todos os outros que cometi até agora. E para me mostrar a gravidade de cada um deles, fez-me ver o que o pecado fez de Deus, apresentando-me o Senhor Crucificado, as suas Chagas. Meu Deus tem piedade e misericórdia de mim, que sou pecadora. Só na tua misericórdia eu confio. Espírito Santo, não me deixes esquecer o que acabas de me mostrar. Sim,

compreendi: culpada do Sangue derramado. Meu Deus, perdão e misericórdia".

Anotando a reflexão que fez sobre o seu pecado, escreve durante os Exercícios Espirituais de mês:

"Diante de Ti e pedindo ao Espírito Santo que me conduzisse, passei na minha frente os meus pecados. A certa altura censuraste-me não me lembrar de um contrato que fizeste comigo na véspera da nossa consagração, como Instituto, ao teu Sagrado Coração. Esse dia também era aniversário da minha comunhão solene e crisma. E o contrato foi simples: davas-me o teu Coração e O de tua Mãe e eu entregava-Te totalmente o meu com os seus pecados. Tu cobririas cada um com a tua virtude oposta. E foi isso que estivemos a fazer. Tudo o que há de perverso em mim, toda a minha lepra fui lançando no teu Coração adorável. A minha soberba (agarrada a mim como não sei quê), o meu egoísmo, a minha sensualidade e luxúria, a minha cobardia, a minha falta de liberdade, a minha falta de simplicidade (tão característica no meu Instituto), a minha falta de zelo (virtude tão querida ao nosso Fundador), a minha falta de fé, a minha falta de humildade, as minhas grosserias e faltas de atenção e caridade para com os outros, enfim todo esse cortejo de podridão que me faz sentir como que leprosa. Em contrapartida, Tu foste-me penetrando, embebendo, se assim posso dizer, de tudo o contrário".

O seu olhar, porém, vai mais longe. Passa para além das fronteiras do seu próprio ser para se dar conta do pecado social e suas consequências, nos que sofrem.

"Vejo ainda o que é pecado *na sociedade em que vivemos, cujas estruturas de exploração, consumo*

e prazer são satânicas, no rosto (o teu rosto) de tantos milhões de irmãos meus que sofrem de todas as maneiras. Senhor, ajuda-me a deixar-Te assumir *isso tudo em mim, como Tu quiseres, como Tu queres".*

E na festa de anos de Nossa Senhora – 8 de Setembro – o melhor presente que encontra para Lhe oferecer é a sua fragilidade:

"Senhor, a minha oferta a tua Mãe, como presente de anos, foi o que me pareceu tinha de maior naquela hora: a minha fragilidade e miséria. Hoje, aniversário do dia em que Te dei o meu sim *para sempre (oficialmente) estou mais calma, mas como preciso da luz e força do teu Espírito para me manter pobre e serena!"*

Mas, por momentos, parece-lhe que a consciência de pecado enfraquece e ela perturba-se:

"Espírito Santo, Espírito de luz e verdade, dá-me consciência do meu pecado, da minha iniquidade e da sua gravidade. Parece-me que não a sinto e isso assusta-me. Não porque mereço, mas só por misericórdia, concede-me essa graça, 'Jesus é vítima de expiação pelos nossos pecados' (cf. Jo 2,2). *Embebe-me desta consciência".*

A sua delicadeza de consciência e desejo de fidelidade ao amor, levam-na a procurar mais assiduamente o Sacramento da Penitência:

"Parece-me, Senhor, que nestes momentos que passei contigo, me fizeste ver algumas falhas e me indicaste um caminho a seguir para lhes dar remédio. Fizeste-me ver que:

1. Embora tenha feito oração todos os dias (salvo

uma ou outra excepção) muitas vezes tenho roubado alguns minutos e isso somado...

2. Não tenho sabido pôr-me sempre no último lugar e muitas vezes tenho em conta se me apetece ou não, fazer isto ou aquilo. Por isto e ainda porque, com bastante frequência continuo a ser tentada, sem saber o grau de culpabilidade que tenho, parece-me ter compreendido que será bom confessar-me quinzenalmente pelo menos, e, sendo possível ao director espiritual. Preciso de dar contas para uma maior exigência na fidelidade ao amor".

E passados alguns dias continua, repetindo a mesma ideia:

"Obrigada, Senhor, pela graça da confissão de ontem. Creio que dar contas de quinze em quinze dias me ajudará, não digo a estar atenta – porque isso estou e tenho bem consciência do que faço – mas, na medida em que me custa depois dizê-lo, talvez seja mais fácil evitar as quedas. Não será um motivo muito perfeito, mas quero procurar também que seja um estímulo e uma exigência de amor".

A graça sacramental da Penitência leva-a à confiança e ao abandono, mesmo depois de recair no que ela chama as suas falhas:

"Parece-me que a confissão é uma imensa ajuda. Mas, Senhor, tornei a falhar e sinto que sou capaz de recair. No entanto disseram-me, em teu nome, que devia procurar ser fiel, mas sem angústia, sem inquietação. E parece-me que encontro, de novo, aquela confiança e abandono filial, que me davam tanta paz. Apesar de tudo e contra tudo. eu creio no teu amor para comigo".

Num esforço permanente de conversão, a resolução generosa de recomeçar sempre:

"Ontem à noite apresentei ao Senhor a minha miséria, a minha alma magoada *por não Lhe ser totalmente fiel. Disse-Lhe que ia começar de novo. Hoje, à homilia fixei estas palavras: 'A conversão é de toda a vida. Até S. Francisco macerado pelas Chagas de Cristo, sentia o peso do seu corpo'. Não sei o que senti, mas aquelas palavras estavam ali para mim e invadiu-me uma imensa gratidão. Que palavras tão certeiras! Era como se me dissesses, meu Senhor: como te admiras?"*

Limitar o tempo de audiência da T.V. e da leitura é também objecto das suas determinações:

"Agora à noite, na capela, o Senhor pediu-me sobretudo estas coisas:

1. Que fosse fiel à nossa intimidade.

2. Que estivesse mais atenta a cada irmã (sobretudo às mais novas), esquecendo-me de mim e procurando-O dentro delas.

3. Que fizesse tudo o que tinha a fazer e só depois pegasse em algum livro.

4. Que procurasse levantar-me às 9h (2). *Que fizesse o meu exame de consciência sobretudo nos dois primeiros pontos.*

Ver-Te, olhar-Te, encontrar-Te cada vez mais nos meus irmãos. Ajuda-me, Senhor. Sem ti nada *posso. Ficar na sala da comunidade à noite, na T.V., só enquanto for presença para as minhas irmãs. Sair se possível, nunca mais tarde do que as 22h., a não ser excepcionalmente".*

(2) *Na última doença.*

CAPÍTULO VII

VIDA DE INTIMIDADE E ENTREGA A NOSSA SENHORA

Desde os primeiros tempos de vida consagrada, a Irmã Maria do Socorro manifesta uma grande familiaridade, uma intimidade profunda e simples e uma relação filial com Nossa Senhora, as quais vão crescendo sempre até tomarem posse de toda a sua vida. Em quase todas as suas cartas há uma referência a Nossa Senhora a quem gosta de chamar simplesmente *Mãe*.

Jesus convidara-a, no silêncio e no segredo de Maria, a aceitar a transformação decisiva que lhe viria, não só da última doença, como também das exigências que a sua fidelidade a Deus e à Senhora, lhe colocariam.

As dúvidas, a insegurança, o sofrimento a que muitas vezes se refere, vêm em grande parte, de um chamamento interior a uma entrega à Igreja e ao seu Instituto, no serviço do Imaculado Coração de Maria, porque o Senhor a escolhera para trabalhar na glorificação de sua Mãe:

> *"Sentindo a minha fé muito fraca e pedindo-Lhe que a aceitasse na fé da sua Igreja e especialmente nas pessoas da sua predilecção, disse-me: 'tu és uma delas. Tu és*

eleita do meu Coração e escolhi-te para trabalhar na glorificação de minha Mãe. Todas as portas te estão abertas, (...) Eu estou contigo. O Espírito Santo será a tua força' ".

E conclui:

"Compreendi que o serviço que o Senhor me pede é apenas uma missão que está dentro da minha – trabalhar pela glorificação do Sagrado Coração de Maria".

E refere-se a essa missão como:

"Nossa *mensagem porque me parece que ela não é minha, mas do Instituto do Sagrado Coração de Maria. Não é o triunfo do Imaculado Coração de Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e de todos os homens que está em jogo? Talvez por isso Ela veio bater à porta do seu Instituto que tanto ama".*

Estes caminhos em que Deus parece conduzi-la, levam-na a adorar os desígnios de Deus:

"Custe o que custar, quero, com a vossa graça, adorar os vossos desígnios impenetráveis, mas cheios de salvação e amor".

O triunfo do Imaculado Coração de Maria é uma das grandes obsessões da sua vida, mas não a única, como vemos em carta escrita a uma irmã:

"Peça também muito pelo triunfo do Imaculado Coração de Maria, pela unidade da Igreja, pelos frutos do Concílio e pela beatificação do nosso Fundador".

Sentindo-se bem comprometida e apanhada pela Mensagem de Fátima, louva o Senhor pelas maravilhas operadas através de sua Mãe:

"Lá na capelinha procurei louvar o Senhor por todas as maravilhas realizadas por Ele através de sua Mãe – concretamente pela Mensagem de Fáti-

ma – nos milhões de homens de todo o mundo e em mim".

O seu compromisso com essa Mensagem tem as suas exigências e parece-lhe que estas, por vezes, a desintegram física e moralmente:

"Senhor dá-me a graça de, não só à hora da morte, mas nas horas dolorosas e sombrias da minha vida, reconhecer que és Tu que me desintegras física ou moralmente, ou ambas as coisas".

E a Senhora não lhe falta, prometendo-lhe estar com ela:

"Hoje sobretudo, foi a Mãe que falou: 'aproxima-se a tempestade (dúvidas, incertezas). Faz tudo o que Ele disser. E Ele fala de muitas maneiras. Nada temas. Eu estou contigo. O meu Coração Imaculado é o teu refúgio' ".

De tal maneira a Senhora tomara posse da sua vida, que a surpreendemos com frequência, a contemplá-la nas suas virtudes ou junto à cruz de Jesus, no calvário, como Mãe Dolorosa e Imaculada.

A simplicidade e humildade de Maria são muitas vezes objecto dessa contemplação e descobre que nela se identificam a dor e a alegria:

"Procurei viver com a Senhora o mistério da sua simplicidade e esquecimento – humildade. Mãe que vai purificar-Se como qualquer mãe. Ela a Virgem, a mulher, *a criatura que, de mais perto entrou no mistério de Deus, da sua Vida Trinitária! E porque entrou nesse mistério, e porque gozou a alegria da oferta de seu Filho, a alegria do amor oferecido e da comunhão, Ela suportou a dor, o sofrimento, firme como a rocha, (embora tão delicada, tão sensível como nenhuma outra), até ficar de pé junto à cruz de seu Filho. E pedi-*

-Lhe que suplicasse ao Espírito Santo me abrasasse nesse amor oferecido, nessa comunhão de amor para ser simples e escondida, para nada mais querer como Ela, senão a vontade do Pai".

Aprofundando a sua contemplação, vê, nessa oferta, como Mãe e Filho Se identificam na obediência à Vontade do Pai:

"Amor de Jesus que Se oferece, Amor de Mãe, que se fundem num só pela obediência à vontade do Pai – a comunhão de Maria no Amor Trinitário. É o 'que sejam um' (cf. Jo 17,11) *realizado entre a primeira simples criatura e a Santíssima Trindade"*

Tendo como atitude fundamental da sua vida, como já vimos, a abertura permanente à vontade de Deus, é natural que ela a descubra e encontre plenamente realizada em Nossa Senhora:

"Continuei a contemplar Nossa Senhora, sempre atenta e com um único fim: fazer a vontade do Pai. Pareceu-me que assim, mesmo em situações dolorosas e difíceis da sua vida, Ela era sempre feliz. E a razão é que as suas aspirações, os seus desejos estavam sempre centrados na vontade amorosa do Pai que Ela amava acima de tudo, do Filho a quem servia, do Espírito Santo a cujos sinais estava sempre atenta. Pedi-Lhe muito este amor, esta predilecção pela vontade de Deus".

E avançando sempre neste caminho de contemplação, chega ao calvário, onde encontra Maria de pé junto à cruz:

"Maria com Jesus, no abandono do Pai – fui contemplando Maria de pé junto à cruz, com S. João, o discípulo fiel, a quem Jesus entrega a sua Mãe. O discípulo que teve a sorte de viver com Maria e

ouvir da sua boca recordações preciosas. Fui tentando viver essas recordações com a Mãe, pedindo-Lhe que me deixasse entrar um pouquinho e participar dos sentimentos do seu Coração Doloroso e Imaculado, nessa hora de dor. Maria com Jesus morto em seus braços, por minha causa e por meu amor".

Não admira que se adense cada vez mais, em sua vida, esta presença espiritual de Maria e ela a vá sentindo intimamente:

"O Pai, como que apresentando-me Nossa Senhora, foi-me dizendo o que Ela era para Ele, como tinha aceite ser Mãe do seu Filho, até às últimas consequências, até à última gota do seu Sangue (o Sangue que circulava em Jesus era Sangue de Maria), até ao mais íntimo do seu Coração Doloroso e Imaculado. De repente, não sei como, parece que A senti junto de mim: 'Hoje entrego-te uma coroa de espinhos, um dia terás uma coroa de glória'. E como que vi essa coroa de espinhos sobre a minha cabeça. Queixei-me por A sentir por vezes tão distante: 'Mas estou perto, muito perto. Refugia-te no meu Coração'. Pedi-Lhe que me abençoasse. Então pareceu-me sentir uma pressão muito suave sobre a minha cabeça. Quando deixei de sentir a minha Mãe, ficou-me ainda, durante algum tempo aquela sensação muito suave sobre a cabeça. Depois tudo se desvaneceu"

Sabemos que ela reservava todos os dias algum tempo para consolar Nossa Senhora. Talvez aqui esteja a chave dessa inclinação:

"Reserva no teu dia, alguns minutos para consolar o Coração Doloroso de minha Mãe, esse Coração que sofreu o que nunca poderás imaginar. Ela te

dará coragem, como Me deu a Mim. Ela te acompanhará como Me acompanhou a Mim, até ficar de pé junto da cruz".

E querendo levar a sua entrega, até às últimas consequências, olha para Maria:

"A Virgem Mãe aceitou até às últimas consequências a vontade do Pai e a missão do Filho. Ela é verdadeira mulher. *Não sofre fisicamente, mas o seu Coração em uníssono com o do seu Filho, é um mar de dores e esquece-Se completamente. É a verdadeira* mulher *e é assim que seu Filho A trata na cruz".*

CAPÍTULO VIII

SOLIDARIEDADE COM A IGREJA, COM O SANTO PADRE E COM OS PECADORES – DIFICULDADES NOS CAMINHOS DE ADAPTAÇÃO E RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

Como não podia deixar de ser, a Irmã Maria do Socorro é fiel e autêntica filha da Igreja, vibrando com as suas alegrias, acompanhando com amor e interesse todas as suas situações, e sofrendo com as suas dores. Essa relação forte à Igreja concretiza-se na comunhão profunda com todos os irmãos e com o Vigário de Cristo na terra, de quem se sente solidária.

É também uma verdadeira religiosa do Sagrado Coração de Maria. Preocupa-se e procura compreender bem o carisma e missão do Instituto para os assumir em totalidade, dando-lhes o máximo das suas capacidades espirituais e físicas. Vive intensamente e em fidelidade a Deus o seu espírito, as grandes transformações que se operam na vida religiosa, após o Concílio Vaticano II, integrando-as profundamente na sua vida, assumindo-as na fé e ajudando a que muitas irmãs as aceitem e assumam também. Esta fé leva-a a olhar tudo com profundidade. Ninguém e nada trata superficialmente, mas desce ao âmago de tudo, para aí encontrar a presença de Deus e sementes do Reino. E aconselha-se, procura conhecer e discernir com a segurança possível, os verdadeiros caminhos de renovação apontados pelo Concílio Vaticano II.

Para ela a Igreja é o espaço de circulação de vida e de amor. E com imensa gratidão olha para o que recebe através dela, para o pôr ao serviço do bem comum:

"Tudo o que recebi através da Igreja, desta Igreja que nós formamos, não é para mim, mas sim para o bem comum. Do meu testemunho depende a fidelidade de muitas vidas, assim como da fidelidade e testemunho delas, depende a minha. É uma corrente que circula, não pode parar e será tanto mais intensa quanto mais amor houver em cada um. Que responsabilidade! Mas também que força e que esperança! Que corrente de vida e de amor! Tantas centenas de milhões de cristãos em quem circula esta vida! Todos participam desta corrente de amor".

E aprofundando o que recebe, põe-no em paralelo com as grandes carências de tanta gente:

"O que recebi?
O Pão da Palavra e da Eucaristia – e há tanta gente esfomeada.
Luz – e há tanta gente em trevas.
Calor – e há tanta gente fria e gelada.
Força – e há tanta gente caída no caminho.
Vida – e há tanta gente morta pelo pecado.
Esperança – e há tanta gente desesperada.
Tudo isto lhes pertence por direito. A minha vida terá que falar-lhes, comunicar-lhes tudo isto. A minha infidelidade seria uma ofensa a Deus, um insulto e um roubo a essa gente daquilo a que tem direito".

Ela sente na carne e no espírito os sofrimentos da Igreja e do Papa, as contradições e resistências à aplicação das determinações do Concílio.

Assim numa das suas cartas escreve, convidando à oração pelo Santo Padre:

> *"Peçamos muito pelo Santo Padre para que o fortifique e ilumine a luz de Deus. Pio XII sofreu muito, é certo, mas Paulo VI não sofre muito também? Haverá pior sofrimento do que ver os filhos voltados contra si? E não é isso o que está a acontecer? Peçamos pelo Papa da* dor e da esperança".

Repete a mesma ideia numa outra carta:

> *"Precisamos de pedir pelo Santo Padre escolhido precisamente para esta* hora de dor e de esperança. *As nossas vidas devem ser consumidas por estas intenções: Unidade da Igreja e triunfo do Imaculado Coração de Maria".*

Mas, se a hora é de dor para o Santo Padre, não é menos difícil para a Igreja e Instituto que nela se renovam e purificam:

> *"Apesar de ser muito difícil a* hora *que a Igreja e portanto nós, Instituto, atravessamos, não gosto de a considerar* de luto. *Prefiro encará-la como uma purificação para uma Igreja mais autêntica, mais de Jesus Cristo. Mas é dolorosa, sem dúvida e extremamente difícil para todos. Porém, nós temos esperança e por isso, acreditamos no triunfo final de Cristo".*

Também para ela essa hora é de muito sofrimento, de discernimento e de uma busca séria da verdade. Ela porém, está sempre disposta a obedecer.

Na comunidade em que se encontra e em que é superiora, trabalha com todas as suas forças pela renovação e adaptação da Vida Religiosa, convencida de que elas são queridas por Deus e pela Igreja. E escreve à referida Irmã carmelita:

"Se a vida, hoje, não fala por si, as palavras pouco ou nada dizem. Que Deus nos ajude a ser autêntico sinal para aqueles sobre quem temos responsabilidade. E que, no meio desta rápida e tremenda evolução, eu saiba discernir o que é do Espírito e o que não é, e isto não só para mim, mas para todas aquelas em quem sirvo o meu Senhor.

E digo-lhe que não é fácil. Só a certeza de que Ele está e escolhe o mais vil para fazer a sua obra, me dá força para continuar às apalpadelas em busca do caminho. Há coisas de muita responsabilidade a resolver e precisamos de muita luz e muita coragem.

Aí talvez não se sintam tanto as exigências desta hora, visto que a adaptação não é tão necessária nas ordens contemplativas, dado que não têm tanto contacto com o mundo. Mas nos institutos apostólicos, como o nosso, essa adaptação é mais urgente e traz-nos a necessidade de uma maior consciencialização e responsabilidade pessoal. Isso cria uma certa tensão normal e sã, mas que causa muito sofrimento e é motivo de provação".

Apesar de ser confusa e demasiado rápida a evolução que se vai fazendo, ela sabe que para ela o caminho é:

"Seguir para a frente, abrindo-me o mais possível ao mundo, às pessoas e às coisas. O caminho não é nada claro, embora nunca me tenha faltado uma certeza – Ele está e está sempre. É esta certeza que me dá toda a força de que preciso nesta hora tão confusa, por vezes, mas tão rica! Há, no meio desta confusão, tanta coisa maravilhosa. escondida! A semente fica sempre encoberta pela terra, para poder produzir e isto só acontece se ela

morrer. Quanta semente lançada e escondida no seio do homem! Eu diria mesmo: a semente da Encarnação de um Deus que se faz Homem. Nossa Senhora devia ter entendido isto melhor do que ninguém e talvez daí o seu canto do Magnificat, daí também o guardar tudo no seu Coração".

Quanto mais confusa é a hora que ela vive, mais necessidade sente de intensificar a oração e de levar outras a fazê-lo, com ela. E escreve:

"O mundo de hoje apresenta-nos situações tão confusas e obscuras que, sem oração, o mais certo é falhar. Por isso, além do retiro anual que fizemos na Semana Santa, penso fazer dez dias de oração com algumas irmãs (umas nove) nas férias grandes. O que mais peço nesta altura é o dom da Sabedoria".

A sua inteligência e lucidez de espírito ajudam-na a compreender que neste esforço de renovação, há uma transição difícil, com os seus riscos e as suas compensações:

"Parece-me que é preferível que as coisas corram exteriormente menos bem, mas que haja mais liberdade de movimentos, e, por conseguinte, mais responsabilidade. À primeira vista pode parecer um descalabro. A mim, pelo contrário, parece-me que há progresso e maior união na comunidade. Fala-se um pouco de mais? Em contrapartida, há maior abertura e as pessoas sabem o que se pensa. Há quem não tenha espírito religioso? Mas também é certo que as que se aguentam firmes têm mais mérito porque precisam de maior força de vontade para se manterem. Quanto aos recreios, parece-me que é necessária aquela flexibilidade que nos ajudará a crescer no amor e na responsabilidade".

Procurar a parcela de verdade que cada uma tem e acreditar nas pessoas, parece-lhe muito importante:

"Não é verdade que só seriam destrutivos, na comunidade, os elementos de má fé? E que aqueles que têm boa vontade, embora errando, podem até ser centelha e acender uma luz? Na nossa comunidade pode haver e há pessoas com ideias mais ou menos avançadas, mas todas têm boa vontade e procuram a verdade. Cada uma tem o direito e até o dever de falar e todas o de procurar a parcela de verdade que cada uma tem. Senhor, ensina-nos a dialogar *verdadeiramente".*

Mas nem sempre é fácil o diálogo sobretudo quando se trata de encontros comunitários. Ela porém fomenta esse diálogo, abre-se a ele, apesar das dificuldades, convencida de que ele é elemento importante na formação e crescimento de cada irmã e da comunidade em si.

Fala sempre com íntima convicção, o que dá grande credibilidade a tudo o que diz. No diálogo, tem coragem de lançar interpelações e desafios com firmeza e bondade, sobretudo na condução da comunidade em que as irmãs a vêem como irmã mais velha, com quem podem conversar e encontrar ajuda para crescer. Todas sentem o seu desejo de tornar feliz a comunidade.

"Ia sempre directa ao essencial, em atitude de muita amizade e, com muita rectidão, dizia o que achava de negativo em cada uma", diz uma irmã que a teve como superiora.

Apesar de, no contexto da situação em causa, a razão parecer estar do seu lado, escreve nas suas notas íntimas:

"Não sei dialogar, é verdade. Porque será? Ontem exaltei-me e tive pena. Afinal talvez tenham razão. E mesmo que a não tenham, sem calma nada se consegue. Faz-me pobre, Senhor, verdadeiramente pobre".

Ao lado de pessoas mais ou menos avançadas, como a Irmã Maria do Socorro refere atrás, também as há – e até entre as mais novas – que estão demasiado presas às tradições e costumes. Na fidelidade ao que o Espírito lhe diz na oração e num discernimento sério, ela é firme nas suas convicções, com risco de até escandalizar essas irmãs.

Por isso mesmo nem sempre lhe é fácil falar. Contudo não hesita quando a consciência lhe diz que o deve fazer.

> *"Preciso de manter firme a minha resolução de falar sempre que me parece que o devo fazer, com calma, sim, mas sem me deixar desanimar ou acobardar com as consequências. Sê Tu a minha força, Senhor. Dá-me a coragem de falar segundo o que for justo e custe o que custar. Sobretudo vive em mim a tua serenidade e paz. Que eu nunca perca a calma".*

Na comunidade em que vive, ela é impulsionadora de grupos de *revisão de vida.* Esta por vezes torna-se difícil e muito exigente sobretudo para ela que procura dar o máximo em tudo o que faz. E lança nas suas notas íntimas:

> "Na revisão de vida *as coisas não correram bem. Uma irmã mais nova fez-me notar que estranhava que, em certos princípios que ela dizia fundamentais, não houvesse unidade de vistas e de pensamento. Não pude chegar à conclusão que ela queria, apesar dos seus argumentos. Receio tê-las desiludido, visto ser eu a mais velha do grupo. Senti que queriam apoiar-se em mim e que lhes faltou esse apoio".*

É fácil compreender de que 'princípios fundamentais' se trata, pelo que ela escreve a seguir:

> *"Afinal em que consiste a vida comunitária? Onde está a sua essência? Uma comunidade que*

não tenha missa em casa, todos os dias, deixa por isso de ser comunidade? É certo que a busca da verdade traz sempre uma certa angústia".

E tão radical ela é consigo mesma, que a *revisão de vida* se lhe torna um suplício. Escreve nas suas notas íntimas:

"Ontem aquela revisão de vida foi para mim um suplício. Senti uma repugnância extrema (...) em dar contas. Eu que tanto insisti para que ela se fizesse. Compreendi depois, na missa, como tem sido para mim uma exigência, embora dura. Algumas vezes tenho chegado a desejar libertar-me de ser assistente (da superiora). Sinto necessidade de pedir perdão e de agradecer a confiança que continuam a depositar em mim, apesar de eu não merecer".

A responsabilidade de assistente da superiora leva-a a uma experiência dura da sua fraqueza:

"Senhor, que dura é a nossa condição de seres humanos! Queremos e não queremos. Não queremos e queremos. Sou rebelde e agressiva. É grande a tentação de querer libertar-me deste peso de ser assistente. É pensar que seria mais livre, se o não fosse, para poder manifestar o que penso ou então para deixar correr. Nem uma coisa nem outra são caminho, no entanto".

Também ela sente em si uma evolução dolorosa em todo este processo de renovação. E escreve à irmã carmelita:

"Tenho sofrido uma grande evolução, por vezes bem dolorosa. É que para se entrar pela 'porta estreita' (cf. Mt 7,13) nem sempre é fácil e, talvez hoje mais do que nunca, se corra o risco de desvios, em todos os aspectos. Parece, no entanto que,

finalmente a luz me surge, mais clara, mas à custa de muitos desaires e sofrimentos".

Não só para ela pede luz, mas também para as suas actividades a nível de Província e para todos os trabalhos que esta empreende no sentido de *aggiornamento.*

E escreve à mesma irmã:

"Peça ainda muita luz ao Espírito Santo, pois vamos ter que fazer um aprofundamento dos documentos capitulares, para ver se há alguma coisa a mudar (...). É preciso reflectir, rezar e guardar silêncio. É o que tenho tentado fazer".

Algum tempo mais tarde, procurando solidarizar essa irmã com o projecto provincial em curso e com outras iniciativas a nível provincial e geral, escreve:

"Peça também pela nossa Província, pois está em planificação e reestruturação comunitária, momento muito importante e talvez decisivo, em alguns aspectos. Que o Espírito de Amor ilumine as superioras maiores reunidas em Conselho Geral ampliado, em Lisboa, e também as superioras locais que se reunirão na Covilhã com o Conselho Geral".

A renovação não pode deixar de atingir o campo apostólico em que ela se move – o colégio. E escreve:

"Devo ir ao curso do P. Quintanilha que nos vai ajudar a organizar os nossos colégios em sistema de escola comunitária. *Que todas aproveitemos e nos convençamos de que, enquanto os nossos colégios não derem às alunas uma* experiência *de vida em Igreja, nós falhamos nos desígnios de Deus e nos desejos do Fundador a nosso respeito, na obra que nos confiou".*

A ordem sobrenatural em que ela tem consciência de se mover e viver constantemente, leva-a a intensificar a cada momento a sua entrega e a estar sempre ao serviço de Deus e do mundo – o mesmo serviço – mais concretamente, dos pecadores.

> *"O mundo – e de modo especial o nosso País – precisa cada vez mais da nossa entrega total e sem condições. De facto, parece que Deus quer precisar de nós, mas o que quer, mais que tudo é que nos entreguemos a Ele, sejamos dele até ao mais fundo de nós mesmas e que as nossas comunidades sejam* centros *de irradiação de Cristo, como dizia o nosso Fundador. Só isto nos interessa. E que* tudo *saibamos perder quando os interesses do Reino estiverem em jogo. Sim, deixemos que Ele em nós salve muitos pecadores. Só peço uma coisa: o amor e a paixão que Jesus teve pelos homens – por nós – paixão essa que Lhe custou a vida".*

Ao meditar no extremo abandono de Cristo pelo Pai, por ter amado os homens ao ponto de assumir o seu pecado, escreve:

> *"Percebi ou pareceu-me perceber, que foi esse o momento culminante da sua solidariedade com os pecadores – comigo. Não entendi o que isso podia significar na minha vida e disse-o ao Espírito Santo que me pareceu dizer-me: 'a seu tempo o entenderás, não com a cabeça, mas com o coração. E o viverás'. Creio que acabo de o entender: ao rezar a oração de Paulo VI ao Espírito Santo e ao chegar à frase 'para sofrer por todos', parece que o Senhor me perguntou se queria deixá-Lo ser em mim solidário com os pecadores e oferecer-me a mim também. Apesar do medo que sinto pelo so-*

frimento sobretudo físico (1), *disse-Lhe que sim, mas que fosse Ele mesmo a minha* força – *Senhor, sei que nunca me pedirás nada acima das minhas forças. Mais uma vez aqui me tens. Faz de mim o que quiseres, contanto que a tua vontade se cumpra em mim e em todas as criaturas. Nada mais sei, Senhor".*

Sabe, sim, sabe que o Senhor a torna solidária com os pecadores:

"Comecei a orar, dizendo: 'Jesus Filho de Deus vivo, tem misericórdia de mim' (cf. Lc 18,38). Mas a certa altura foi como se não só tivesse presente o meu pecado, mas todos os pecados do mundo e então parece-me que o Senhor tomou *o meu lugar e ia dizendo: 'Meu Pai, perdoai-lhes que não sabem o que fazem' " (cf. Lc 23,34).*

Em 1964 oferecera a sua vida em solidariedade com os pecadores, dos quais ela se sente parte. Assim o lembra, vinte anos mais tarde, a 13 de Maio de 1984:

"Faz neste dia 20 anos que Lhe ofereci a minha vida pela conversão de nós pecadores".

E interroga-se sobre um certo mal estar. Não será efeito dessa oferta de si mesma pelos irmãos?

"Porquê este mal estar espiritual? Algum desejo inconsciente? As angústias e inquietações dos meus irmãos que me ofereci partilhar e sentir na minha carne e no meu espírito? Parece-me que tenho procurado ser fiel à oração, em não me recusar aos outros, então? Esse mal estar físico e espiritual que não me tem largado? Seja o que for. Bendito sejas porque acredito que és meu Pai".

(1) Trata-se da operação cirúrgica que ela fará dentro de alguns meses.

Também ela tem receio de ofender a Deus e se vê no número dos pecadores. E depois de repetir a oferta da sua vida, aceita perder tudo e apresentar-se de mãos vazias:

"Tenho medo de Te ofender. Aceita o arrependimento de todos aqueles que são verdadeiramente pobres. Torna-me verdadeira e autêntica na tua verdade e tem compaixão de mim que sou pecadora.

Quando Te ofereci a minha vida pela paz e pela conversão dos pecadores, julguei que os teus caminhos eram diferentes. Hoje quero aceitá-los tais como os traçaste para mim.

Mas faz-me livre e comunga-me na tua verdade, para que esteja sempre em Ti. Faz-me pobre, verdadeiramente pobre para aceitar com serenidade perder tudo o que não sejas Tu, mesmo a boa fama, o que houver de mais íntimo a mim mesma, tudo, numa palavra. Que, depois de ter feito o esforço que me pedes, eu possa, com toda a paz, entregar-Te as minhas mãos vazias".

E parece-lhe que Deus a marca para que viva nela a vida dos homens.

"Estás marcada *sim, mas por escolha, por predilecção, para que vivas em ti a vida dos homens, teus irmãos".*

A repetida oferta da sua vida, em solidariedade com os homens é, como vemos, uma tónica constante que ela actualiza de modo particular no ofertório da Missa, no louvor da Santíssima Trindade:

"Ao ofertório quando mais uma vez me punha nas tuas mãos e, como que sentindo toda a Humanidade em mim, me oferecia com ela, percebi de novo que queres que Te deixe solidarizar em mim com todos os homens. O maior acto de lou-

vor ao Pai é a prova máxima do teu amor e da tua obediência. Assim, tudo fica unificado, ou melhor, há uma perfeita unidade entre esses dois aspectos: solidariedade com os homens e louvor da Santíssima Trindade. 'Não és tu, sou Eu em ti'".

Finalmente, ela sabe e acredita que Jesus quer solidarizar-se nela com os pecadores:

"Creio que acreditava em Jesus Cristo, mas hoje acredito n'Ele, no meu *Jesus Cristo de uma forma nova. Neste momento eu sei que Jesus Cristo quer solidarizar-Se, em mim, com os pecadores. 'És toda minha e Eu sou todo teu em cada um dos nossos irmãos'. E o Senhor explicou: 'Em cada um é só a Mim que tu deves procurar. Em ti é só a Mim que eles devem encontrar'".*

CAPÍTULO IX

SOFRIMENTO FÍSICO E INTERIOR – FELICIDADE NO SOFRIMENTO

Toda a vida da Irmã Maria do Socorro se passa em maior ou menor sofrimento. Desde muito nova, compreende que amor e sofrimento não vivem um sem o outro e prefere a dor ao gozo, ou melhor, quer não só associar em si, um ao outro, mas sobretudo unir o seu sofrimento ao de Jesus: *"Senhor, ajuda-me a passar o resto do meu dia, unindo alegremente o meu sofrimento ao teu".*

Sabe também que o sofrimento é redentor e por isso, chega a classificá-lo de óptimo: *"Afinal, Senhor, tudo isto é óptimo, se me causa tanto sofrimento. E este é redentor".*

Há em todo o seu ser motivações profundas para aceitar o sofrimento com alegria e amor: o triunfo do Imaculado Coração de Maria, a unidade da Igreja, a paz do mundo, o seu Instituto e a conversão dos pecadores, como temos visto.

As três vertentes: *"Ver Deus em tudo, fazer em tudo o que é do agrado do Pai, deixar-se amar exactamente como Deus quer,* unificam-se num vértice comum para o qual convergem as arestas cortantes, em que ela se vai imolando e o Senhor purificando e preparando para maiores graças.

Para ela é grande graça o sofrimento, apesar da repu-

gnância que por ele sente, como ela mesmo o confessa.

E a verdade é que o Senhor nunca a poupou. Desde muito nova sofreu as consequências de uma doença, cujas causas se não conseguiram descobrir, com o cortejo próprio de humilhações e incompreensões dolorosas. Várias operações: à vesícula, duas aos ouvidos; zona do trigémeo que a fez sofrer imenso e sobretudo a grande operação já referida. Finalmente, o consequente sofrimento psíquico a que mais tarde se fará referência. E como pano de fundo quase permanente, um grande mal estar de que, por vezes, se queixa ao Senhor, mas que aceita sempre com amor e numa atitude de entrega conscientemente assumida.

Num momento de sofrimento indeterminado, escreve nas suas notas íntimas:

> *"Continuo apenas a aceitar e oferecer este mal estar tão grande, que Tu queres ou permites, pelas nossas grandes intenções. Aceito-o hoje, Senhor, por esta querida comunidade e pelos trabalhos do Capítulo Geral. Mas faz com que se descubra o que tenho. Estou tão cansada deste sofrimento incógnito e desconhecido de todos! Mas que ele continue por quanto tempo quiseres. Por misericórdia dá-me força, a tua força para que vá seguindo, enquanto puder e com um sorriso de aceitação – o teu sorriso. Obrigada e perdão".*

Sofrimento é também o pensamento de que ele é inútil ou não passa de egoísmo:

> *"Se é para que esta comunidade se torne mais* viva *e mais* rica, *seja Senhor. Mas se o meu sofrimento não passa de egoísmo e vai prejudicá-la, tem piedade e dá-me força. Liberta-me de egoísmos disfarçados ou encobertos. Tu sabes, Senhor, que com muitas dores a gente não se pode mexer. Dá-me, ao menos, força para reagir com calma".*

O Senhor confirma-a no amor que lhe tem e mostra-lhe que do sofrimento pode depender o amor:

> *"O Senhor disse-me: 'Tenho-te muito amor, custaste-Me muito Sangue, muito sofrimento. Quanto mais sofreres pelas pessoas que amas, mais amor lhes terás! Senhor, disse eu, amo-Te, quero amar-Te muito. 'Não amas não, ainda não. Quando sofreres muito por Mim, amar-Me-ás. Mas deixa-te apenas conduzir pelo meu Espírito'".*

Em 1960 é operada aos ouvidos e o Senhor faz-lhe sentir, que em comunhão de amor e de dor, o seu sofrimento a aproxima d'Ele e dos irmãos que sofrem:

> *"A operação correu bem, mas dentro de seis meses a um ano terei de ser operada novamente. Nada disto me preocupa, pois me sinto nas mãos d'Ele e tenho de confessar que, mesmo que as operações não tivessem êxito, esta paragem foi uma* chuva de graças, *sobretudo nas duas noites de maior sofrimento, em que não sabia 'onde reclinar a cabeça' (cf. Mt 8,20) e em que senti bem a* presença *dos que me estavam unidos. E pensei: eu ainda estou deitada e tenho um certo apoio do resto do corpo, mas o Senhor, suspenso entre o céu e a terra, que suplício incalculável! Procurei unir a minha migalhinha de sofrimento ao d'Ele e ao de todos os meus irmãos que sofriam naquele momento, talvez mais do que eu e... foi quase fácil. Meu Deus, como o sofrimento por amor é quase um sacramento! Como o compreendi e senti, a ponto de, apesar de ficar sem Missa por uma semana, quase não lhe senti a falta".*

A partir de 1984, ano em que foi operada ao cancro, o seu sofrimento vai aumentando progressivamente até se tornar tão intenso que um sacerdote carmelita o classifi-

cou nos últimos meses de vida de "experiência mística da Agonia de Jesus no Horto".

Alguns meses antes da operação, escreve nas suas notas íntimas:

> *"Divino Espírito Santo, presente em mim, concedeste-me a graça imensa de uma enorme serenidade, nada querendo ou mesmo desejando, perante essa operação e seus resultados. Continuai a conceder-me essa graça perante seja o que for, ainda o dom mais precioso. Nada quero desejar ou querer".*

Essa serenidade que o Espírito Santo lhe concede é um dom gratuito, sim, mas que ela não cessa de pedir, juntamente com a graça de não fazer sofrer ninguém:

> *"Que eu sofra, mas não faça sofrer, ao menos culpavelmente. Sim, aceito-o e até o quero (o sofrimento). Peço-Te, no entanto, continues a conceder-me a serenidade. Parece que a tenho sentido e me tem ajudado muito".*

A médica responsável pelos serviços da secção em que foi operada, no Instituto Maternal Dr. Bissaia Barreto, diz o seguinte:

"A Irmã Maria do Socorro foi uma doente muito boa, muito simpática e com uma capacidade de sofrer extraordinária. Nunca dava a perceber quanto sofria e mostrava-se sempre contente. Encontrando-a um dia, no Instituto sentada e bem disposta, perguntei-lhe: então, está à espera de fazer o tratamento? 'Não, já o fiz' respondeu ela. Como? Acabou de fazer o tratamento e está aí, tão risonha? A sua resposta foi um sorriso. Fiquei muito admirada, pois os tratamentos de quimioterapia provocam grande mal estar".

A médica que a operou e acompanhou de mais perto, nessa última fase da sua doença, dá dela o seguinte testemunho:

"Foi uma doente espectacular e excepcional. Nunca se queixava, aceitando sempre tudo com disposição extraordinária e sempre de acordo com tudo. Quando se perguntava como estava, dizia que estava mais ou menos bem, sabendo nós que ela sofria. Colaborou sempre e sempre com esperança. Manteve-se consciente até à última hora".

Depois de um tratamento de quimioterapia, escreve ela:

> *"Senhor, custou-me tanto este último tratamento! Que impaciência por me ver livre daquele* cocktail, *como diz a enfermeira, e daquele enjoo. Poucas vezes fui capaz de Te louvar e só soube tentar unir-me à Tua prece no jardim das Oliveiras. Quantas vezes a terei repetido? Como senti a minha fragilidade e que só contigo é possível vencer. Mas hoje sinto-me melhor e, na minha oração da manhã, conduzida pelo Espírito, a água do teu Lado foi-me saciando, lavando e purificando o meu amor tão pequeno e manchado de tanta coisa ainda. Sei que perdoaste e esqueceste tudo o que é passado e é, agora, de cada dia que tenho de dar-Te contas. Procurarei deixar que essa água divina continue a purificar-me e dessedentar-me".*

Estar toda ela, toda inteira em cada instante, é para ela viver intensamente cada momento da sua vida, é amar o sofrimento, sem todavia deixar de procurar alívio.

> *"Para estar n'Ele e Ele permanecer em mim basta fazer a cada instante a vontade do Pai e, em cada instante, estar eu* toda inteira. *Obrigada Senhor. Hoje mesmo fizeste-me compreender, disseste-me que ame o sofrimento que me deres, mas que pro-*

cure aliviá-lo com os meios que me dás, pois só Tu sabes doseá-lo à medida das minhas forças".

Num período em que a doença parece estacionária escreve a uma irmã:

"Penso que não estou melhor nem pior. Seja o que Deus quiser, que é a única coisa que quero querer. Continuo e quero continuar nas suas mãos, entregue aos seus desígnios. Mas preciso da tua oração e união para que Ele continue a ser a força da minha fragilidade".

Porém depressa piora e então escreve a uma antiga aluna:

"Depois de algumas melhoras provisórias, *como eu lhes chamo, tive de recomeçar de novo os soros (quimioterapia). São um pouco menos violentos que os anteriores e parece causarem-me menos náuseas. Farei em breve novo tratamento (penso que são mais onze). Louvado seja Deus por tudo.*

E ainda:

"A minha saúde não continua famosa sobretudo pela rejeição total da comida. De resto continuo a fazer os soros e a esperar o que Ele quer. Só quero louvá-Lo por tudo. Lembre-me ao Senhor para que eu saiba sofrer com amor e alegria o que for do seu agrado. Tenho muito medo ao sofrimento físico, mas tenho confiança que Ele será a minha força".

A outra irmã escreve:

"Vou indo, ora com mais, ora com menos dores, mas pergunto-me, por vezes: que importa tudo isto perante tantas delicadezas, tantas graças do Senhor? Que importa, se Ele tem sido sempre a minha força?"

Apesar da impressão de caminhar sobre um abismo, da falta de apoio e da insegurança, quer acreditar e confiar:

"Senhor, dá-me a graça de crer, nas trevas, aquilo que vi na luz. Por vezes tenho a impressão de caminhar sobre um abismo para onde a carne me arrasta e o espírito nada vê. Mas apesar disso e até por causa disso, quero acreditar e confiar em Ti. Mas não Te esqueças que sofro, e vem, como tantas vezes tens feito. Antes, tinha apoio, sentia segurança. Hoje parece que tudo é um ponto de interrogação. Se ao menos eu soubesse que também isto é dádiva tua! Mas então, já teria algo em que descansar. Contanto que não Te desgoste, aceito que seja assim. Antes sentia-Te tão perto! Falaste-me, toquei-Te durante muito tempo. A tua respiração parece que era a minha e vice-versa. Que aconteceu? Perdi-Te? Não sei, mas quando se toca o sobrenatural e se vive nele, é muito doloroso descer à terra. Será isto, Senhor? Ajuda-me então a servir-Te e a encontrar-Te nos outros, esquecendo-me de mim".

Causa de sofrimento é ainda a sua fragilidade de que o Senhor a não liberta para a conservar na humildade:

"'Deixar-te-ei alguns defeitos e as tuas limitações acompanhar-te-ão sempre, para que não te envaideças com os meus dons'.

Senti uma grande paz e como que a libertação ao aceitar a minha fragilidade e mesquinhez. Depois disse-me: 'Deixo-te a minha paz, mas esta paz implica luta e tentação'.

Tu não queres que sejamos perfeitos, pelo menos à nossa maneira (percebo agora), queres sim, que nos entreguemos completamente à tua misericór-

dia. Queres que me entregue simplesmente, a começar pela minha miséria e meu pecado – o que é mais meu – sabendo que humilde *só Tu és,* amar *só Tu o sabes e podes. Aqui me tens, pois sou tão frágil, Senhor! 'Sim, tremendamente frágil, mas Eu te farei forte, como uma árvore robusta' ".*

Na Eucaristia daquele Domingo, encontra no Corpo de Cristo que recebe pelas mãos do sacerdote (o P. José Craveiro), a força para o que Deus lhe pedir. E no Sangue de Cristo que ela comunga por suas mãos, o sofrimento livremente aceite:

"Ontem ao começar a Eucaristia, o Senhor disse-me: *'Hoje tomarás o meu Corpo das mãos do sacerdote, o meu servo fiel. O vinho do sofrimento, que aceitas voluntariamente, tomá-lo-ás pelas tuas mãos'. Pareceu-me perceber: o Corpo do Senhor – a* força *para o que me pedir. O sangue do sofrimento aceite voluntariamente. O Corpo do Senhor, a força recebida pelas mãos do seu servo – árvore robusta. Eu, arbusto frágil que Ele irá fortificando".*

E parece-lhe que a Senhora a não curará, por serem outros os desígnios de Deus:

"Não, não vou curar-te, mas pedirei ao Senhor que te dê força para sofreres o que Ele te pedir! Percebi, também confusamente que são outros os desígnios de Deus sobre mim".

Além do sofrimento físico, há um outro sofrimento que ela refere nos seus escritos íntimos e que é o medo de não ser fiel a tantas graças recebidas. Há ainda o sofrimento da incerteza e das trevas nas quais, sem dúvida, Deus quer purificar a sua fé. Há a angústia da dúvida e do desânimo.

E escreve num dos seus Exercícios Espirituais:

"Será que estou a duvidar do meu Senhor? Qual a razão porque temo e tremo numa angústia interior tão grande? Porquê? Não é Ele o meu Senhor em quem caminho, vivo e sou? (cf. Act 17,28) Então porque temo?"

Mas o Senhor quer que ela se Lhe entregue totalmente:

"O Senhor acaba de me dizer *que é preciso que eu me entregue de forma total e absoluta: 'Ainda tens muito medo. É preciso que te entregues, como uma criança nos braços de sua mãe, aos meus desígnios".*

E nas suas comunicações íntimas, o Senhor previne-a contra o desânimo:

"Como eu Lhe dissesse que tinha medo de não ser fiel: 'Isso é desânimo, minha filha, o pecado que mais magoa o meu Coração, porque magoa a minha divindade, nega o meu Amor e a minha misericórdia – atributo muito querido ao meu Coração. A minha misericórdia não tem limites. Só Deus é capaz de misericórdia e o homem só é capaz dela quando se torna divino'"

Tem medo até de perder a fé e a vocação:

"Não vejo claro, Senhor! Há ainda tanta sombra no meu caminho! Tanta interrogação e sobretudo quem sabe?, talvez muita cobardia. Entre muitas horas de certeza, sobretudo do teu amor, quantas de dúvida, inquietação, insegurança na vocação e, por vezes, na fé! E que angústia isso me não provoca! Tenho medo de mim, medo de perder a fé. É certo que, por vezes, Te fazes sentir e Te oiço dizer que nada tema, que estás comigo. Mas outras vezes, que horror, meu Deus!"

E percebendo que o Senhor a prepara para sofrimentos maiores, confia às sua notas íntimas:

"Senhor, sou um traste. 'Eu sei. Conheço-te como nem podes imaginar, mas amo-te e o meu amor purifica-te. Terás mais que sofrer mas não tenhas medo. Eu serei a tua força. De ti só quero que te deixes conduzir pelo meu Espírito' ".

Mas se Deus permite e cava na alma vazios imensos e dolorosos, é para os encher com a superabundância incompreensível do seu amor:

"Senhor, Tu que és luz ilumina-me. Tu que és força faz-me forte na tua própria força. Que eu seja capaz de sorrir mesmo quando sinto o coração rasgado".

Depois dessa operação que acabará por a vitimar em dois anos, escreve a uma irmã:

"Eu vou indo, ora com mais, ora com menos sofrimento, mas feliz porque Ele me dá a graça de amar a sua vontade mais que tudo. Creio que o Senhor me pegou *mesmo e* sinto-me feliz, *confiando que sempre me dará* força *para o que me for pedindo. Isto não quer dizer que não haja lutas bem difíceis no caminho que Ele para mim escolheu, mas repito, sinto-me feliz".*

Por essa altura escreve a uma outra irmã:

"A minha saúde não é famosa, mas sinto-me feliz na Vontade dele. Faço tudo o que posso e depois entrego-me e como te disse, sou mesmo feliz, pois Ele cumula-me de amor. Ele vai purificando mais e mais e é bom sinal. 'O meu Pai poda a videira para que dê mais fruto' (cf. Jo 15,2)!

Sinto-me tão feliz que até tenho vergonha de tão grande felicidade. O que mais desejo é deixá-Lo

ser em mim como Ele quer, como me *pensou e ama*"

Por isso, talvez, como Santa Teresa, ela prefere a dor ao gozo:

"*Senhor, se posso escolher, então a dor e não o gozo, uma vez que me fazes esta dádiva preciosa – a dor. Sei que serás a minha força e esta certeza e confiança vem-me só de Ti, pois só de Ti a posso esperar*".

Mistério de duas faces, a dor e alegria, na unidade do mesmo amor!

A quem conheceu de perto a Irmã Maria do Socorro, ressalta de imediato a sua liberdade interior e o desejo de libertar, como já vimos, a todos os que de alguma maneira eram oprimidos. Nas suas relações com as irmãs, sacerdotes ou leigos, sempre que vê alguma coisa menos recta ou menos conforme à vontade e glória de Deus, ela intervém e diz o que pensa, não sem discernir com o Espírito, o que deve dizer e como dizer.

Não admira que essa liberdade vá crescendo progressivamente nela à medida – e que medida! – em que se aproxima de Deus e da sua eterna verdade: "a verdade vos libertará" (cf. Jo 8,32) e "se o Filho vos liberta sereis livres" (cf. Jo 8,36). E ela foi verdadeiramente liberta pelo Filho que tanto amou.

Na altura do Natal, escreve:

"*A poucos dias do nascimento do Menino, venho desejar-lhe que Ele lhe traga as suas melhores graças e sobretudo uma verdadeira liberdade interior. Talvez porque sinto uma grande necessidade dela, eu a peço também para si. Creio que foi para no-la dar e tornar possível, que Ele veio*".

Escreve nas suas notas íntimas:

"São bem impenetráveis os teus desígnios, Senhor, e a liberdade que concedes ao homem.
Sim, Senhor, fala-me de amor e de liberdade. Do teu Amor que respeita a minha, a nossa liberdade. Vejo-Te falar, quando é necessário revelar, manifestar a verdade.
Senhor faz-me livre, livre de tudo aquilo que não és Tu!
Tenho medo de perder uma certa liberdade interior para não criar conflitos, de ser menos recta, de me acomodar. Senhor, vive em mim a tua verdade, oferece-a ao Pai e dá-me a graça de Lhe ser fiel".

Nessa ânsia de total libertação, tudo joga na misericórdia de Deus:

"Senhor, procurei jogar *tudo na tua misericórdia. Espírito Santo, torna-me leve, leve e joga-me Tu para onde e quando quiseres. Mais uma vez Te entrego toda a minha liberdade".*

A sua rectidão e liberdade estão ao serviço de uma inteligência lúcida que a conduz na busca da verdade.

"Na condução da comunidade, diz uma irmã, tinha coragem de lançar interpelações com firmeza, rectidão e simplicidade".

E outra irmã: "Era pessoa de grande liberdade interior sem preocupações de agradar a quem quer que fosse e procurando sempre a verdade".

Essa liberdade interior dá-lhe grande independência da crítica e do que se pode pensar dela. Muitas irmãs se referem à sua rectidão e amor à verdade no trato com elas ou com a comunidade.

E olha para Jesus de Quem quer aprender a verdade que liberta:

"Jesus vive humildemente a verdade. Não teme o escândalo e a crítica quando se trata de salvar alguém".

A liberdade que o Espírito lhe concede de ser nela e por ela o que Ele quer, dá-lhe uma visão nova das coisas, das pessoas, dela mesma e do próprio mistério divino.

"Jesus centrou em mim o seu peso *divino! Não é isto o que sinto tantas vezes? Parece-me que estás tão longe que nada distingo de Ti, mas no mais íntimo do meu ser* pesas *e sinto-Te. E a verdade é que o teu Espírito vai-me libertando e fazendo ver com olhos novos, as coisas, as pessoas, eu mesma, o teu* mistério – *mesmo no* silêncio *que por vezes, gravas em mim, mas que é o teu silêncio. Meu Deus, uma só coisa desejo: deixar-Te ser em mim e por mim o que Tu queres ser. Meu Senhor, mesmo que eu o não sinta nem saiba, que esse teu* peso *e a tua Vida me transformem cada vez mais num* sim *ao Pai. Mãe, ponho esse* sim *no teu Coração Doloroso e Imaculado para que o entregues ao teu Filho".*

E continua, afirmando a sua confiança, – mesmo quando o Senhor se ausenta – e deixando que Deus a liberte:

"Eu sei que nunca me faltaste e nunca me faltas. Até mesmo o teu silêncio é Palavra viva *que vai gravando em mim a tua Vontade, a Vontade do Pai, que me vai fazendo* ler e escutar *em cada fibra do meu ser, no mais fundo do teu silêncio. Ó meu Deus, obrigada por isto que me disseste. A tua* ausência? *Ela só existe da minha parte porque Tu és sempre* presença *que corrige, exige mais, sempre mais, que ama e encoraja. Sim. E ao mesmo tempo que me dás, um pouco, a dimensão*

da minha iniquidade, dás-me a capacidade de deixar que me libertes".

Deus pede-lhe também que aceite a sua simplicidade:

"Deus é tão simples que nós complicados, temos dificuldade em O aceitar. É tão simples que é infinitamente Um em três Pessoas. É tão simples que é infinitamente um *connosco, comigo. E pediu-me mais uma vez que aceitasse essa* simplicidade *e me deixasse conduzir pelo seu Espírito. Só os simples e 'puros verão a Deus' (cf. Mt 5,8). Mas, para ser simples é preciso ser pobre, dependente de Deus, nada mais querendo senão Ele"*

E insiste:

"Deus é o mais simples de todos os seres. Continuarei a deixar-me conduzir sem porquês, sem raciocínios. A sua presença *é uma realidade – mesmo a sua* ausência. *É esta simplicidade, esta* presença *que tenho de deixar passar para os irmãos, disse-me Ele".*

Parece que ela tenta perceber os planos de Deus sobre ela, mas o Senhor diz-lhe:

"Porque queres tentar perceber?' Deixa-te amar simplesmente, com a simplicidade de uma criança. E percebi que me irá purificando até que me torne simples, como Ele quer, para realizar comigo o que Ele quer".

E pede a Nossa Senhora que a torne simples:

"Mãe, que eu O deixe passar e viver concretamente na minha vida. Ainda receio fazer má figura. Como preciso que me tornes simples, simples".

Deixar-se consumir por aqueles a quem o Senhor a envia, para que nela eles encontrem a Deus:

"Como desejo e Te peço força e humildade para me deixar consumir *por aqueles a quem me* envias! *Espírito Santo torna-me forte e humilde para que me aproxime dos que mais precisam. E que, ao encontrarem-me não parem em mim, mas Te encontrem a Ti.*

Jesus Cristo esqueceu-se totalmente de Si mesmo e viveu absolutamente para os outros. Assim, quanto mais eu viver só para os outros, mais sou eu e mais atinjo a plenitude da pessoa. Como tenho eu vivido? Só para os outros? E as irmãs, aquelas de quem me não tenho aproximado por soberba ou comodismo? E os alunos? E os professores e os empregados? Meu Deus, não permitas que se percam por minha causa as ovelhas que me entregaste".

Nesta convicção profunda de que Deus quer realizar com ela o que Ele quer, não pode deixar de se sentir enviada. E comenta Is 61,1:

"Na oração, conduzida pelo teu Espírito, Senhor, abri nesta passagem: 'O Espírito de Deus repousa sobre mim'! Repousa *agora, hoje, amanhã e sempre.* Repousa, *um presente eterno. Impregna-me, embebe-me desta verdade até à mais pequena fibra do meu ser.* Sobre mim, *sim, sobre Jesus em mim. E enviou-me a anunciar a Boa Nova, tal como a Ele, melhor, a Ele em cada um dos homens.*

Força e missão *de cada momento, em cada momento.*

... aos humildes, aos cativos, aos tristes. Repousa: *como acredito eu nesta verdade? Não a experimento? Mas como a deixo fazer-se* vida? *Senhor,*

não tenho ainda tantos medos? Porquê então? Hoje ajuda-me a deixá-la viver. *Ela me será força para a missão".*

Ungida e enviada, desde o baptismo, parece-lhe que o Senhor a *tomou* e toma para sempre.

E continuando a sua oração sobre o mesmo tema acrescenta:

"O que mais me tocou foi: o Senhor me ungiu para me enviar. Ser enviada significa, deixar tudo, seja o que for. Deixar logo *como os apóstolos deixaram as redes. Este deixar implica mudança. Foi isto que pedi ao Espírito Santo fosse gravando em mim. Preciso deste deixar* logo, *em coisas até pequenas, para ser enviada. Meu Deus não sei bem explicar o que se passa em mim, mas parece-me. sei que me* tomaste e tomas *para sempre.*

'O Senhor ungiu-me e enviou-me'. Estou enviada sempre. Sou sua mensageira de paz, de esperança. sobretudo aos que sofrem. Em primeiro lugar aos de mais perto, depois aos de mais longe".

'Preciso de pessoas que se deixem ser *em Mim e Me deixem* ser *nelas' ".*

CAPÍTULO X

JESUS IMPRIME NELA A SUA FACE ADORÁVEL. EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE MÊS

Logo nos primeiros anos da sua consagração religiosa e num desejo de tornar mais radical essa consagração, ela oferece espontaneamente a sua vida a Deus. E através das experiências do dia a dia, Deus vai-lhe fazendo entender velada e progressivamente que a oferta será aceite em holocausto pelas grandes intenções do mundo e da Igreja, sobretudo a glorificação do Coração Imaculado de Maria, a unidade da Igreja e a paz.

O seu coração torna-se desde então, pelo desejo, cada vez mais conforme ao do Esposo Crucificado.

No Sacrifício Eucarístico, em que ela participa cada dia intensamente – aliás ela punha em tudo grande intensidade de presença e participação –não pode deixar de se sentir invadida pelo desejo imenso de se oferecer em união com o Sacrifício de Cristo, de dar a sua vida, de se entregar na própria entrega de Jesus que, por sua vez, a entrega ao Pai. *"Hoje sou Eu que em ti ofereço o meu Sacrifício e te ofereço a ti".*

Tendo-a associado à sua Cruz, Cristo comunica-lhe a virtude da sua Paixão redentora que ela deve completar em si, para a salvação da humanidade.

Não admira que a Paixão de Jesus se revista para ela de grande e sobrenatural atractivo. É que a sua vida, que toca o fim, passa a ser dominada pela misteriosa força da Cruz do Salvador que se levantou sobre ela e a seduziu.

Numa das suas meditações dos Exercícios Espirituais fala com Jesus agonizante, contrastando os seus sofrimentos com o pecado dela:

> *"Senhor, nessas três horas e meia em que procurei acompanhar-Te na tua agonia, pouco ou nada percebi do teu mistério de dor e aniquilamento. Mas vi o meu Deus, o Verbo Encarnado* cozido *com a terra, vencido, aniquilado pelos meus pecados (a leviandade da minha vida – Tu não me amaste a brincar, não!) e pelos pecados de todos, todos os homens de todos os tempos.*
>
> *Assim como o Espírito Santo me mostrou um pouquinho, o amor infinito, sempre novo, a cada um de nós – amor sem limites, amor de Deus – assim também me pôs diante dos olhos a enormidade do pecado que Jesus carregava. E estava ali, não conhecido nem amado por muitos. E eu também, numa ingratidão sem nome!*
>
> *O Verbo Encarnado, por um prodígio do poder de Deus, ali abandonado pelo Pai. Sozinho, em luta com as forças diabólicas – as minhas também, porque todo o pecado é fruto e consequência dessas forças – lutando contra essas forças do mal.*
>
> *Mas vi também que a prova da divindade do meu Senhor estava ali porque só Deus é capaz de tais extremos. Pedi ao Espírito Santo que me convertesse ao meu Senhor, que me libertasse do meu egoísmo, da minha soberba, das minhas forças diabólicas numa palavra, e que a minha vida não mais continuasse a ser leviana como até aqui".*

E contemplando o Deus da comunhão, o Deus Trinitário ali prostrado, coloca-se sob o seu olhar e faz um acto de fé no Filho de Deus vivo:

"Ao meu Senhor Jesus, ali prostrado, pedi que cravasse em mim aquele seu olhar dorido, magoado, como que perdido, buscando consolação, buscando um olhar do Pai (meu Deus, como é possível? O Deus da comunhão, o Deus Trinitário!) para que eu nunca mais possa esquecer esse olhar, centrando nele toda a minha vida. Depois e muitas vezes, chamando a mim todos os que lembrei, repeti, olhando para o Senhor ali prostrado, como um verme da terra (Ele fez-Se verme, mas eu sou-o e só o seu amor infinito me faz sua filha): 'creio, Senhor, que és o Filho de Deus' (cf. Jo 11,27). Que nunca esqueça essas três horas, para que a minha vida mude de facto".

No dia seguinte continua a meditação sobre a agonia de Jesus e acrescenta:

"Parece que o Espírito Santo me pôs diante do meu Senhor Jesus feito um farrapo e me disse: 'Eis o preço da troca. Tu um verme da terra feita filha de Deus e, para isso foi necessário como que esgotar a omnipotência divina. Queres ainda ser glorificada? Olha o teu Deus, feito um farrapo. Queres ainda levar uma vida fácil, leviana e superficial? Olha o teu Deus feito nesse farrapo que vês aniquilado por terra e abandonado pelo Pai. É o preço da salvação de todos os homens, de todos os bem-aventurados e o preço também, não da salvação de Maria, mas da sua preservação do pecado'".

E ainda na mesma meditação:

"Jesus está perturbado, angustiado até à morte.

Sente-Se condenado, rejeitado pelo Pai em vez de objecto do seu amor. Ajuda-nos, Senhor, a não olharmos para nós, mas para o Pai que, embora se esconda, nos ama infinitamente e não nos quer condenar, mas sim salvar. E a prova está no seu Filho ali aniquilado por seu e nosso amor.

Senhor, por esse momento de agonia, liberta-me do desânimo de olhar para mim. E faz-me olhar só para o amor do Pai manifestado em Ti".

Pede então ao Senhor a graça de participar no mistério do seu aniquilamento:

"Sentindo o meu coração morno, quase frio, pedi repetidas vezes ao Espírito Santo que me concedesse a participação no mistério de aniquilamento do Senhor e que incendiasse o meu coração no amor e na fortaleza que permitiram a Cristo vencer aquela prova, cumprir a vontade do Pai.

Faltavam uns dez minutos para acabar a meditação quando me disse: 'agora cala-te e ouve, lança aqui junto do Senhor, prostrado em agonia, todos os teus crimes e pecados'. Eu fui dizendo, um a um todos os pecados de que me lembrava. De vez em quando Ele dizia: 'e mais este', até ter uma lista bem grande. 'Agora põe aqui também todos os dons que tens recebido'. Da mesma forma, eu fui dizendo e Ele acrescentando. Depois disse-me: 'vai em paz. Eu sou o teu Defensor – e insistiu – o teu Defensor, o amor do Pai e do Filho (olha-O aí), o Espírito de Comunhão. Vai em paz!' Foi isto que me pareceu ouvir de uma forma muito nítida. E no meu coração entrou uma profunda paz e alegria".

Parece que a imagem do "Ecce Homo" a seduz e o ... maior desejo é que o Espírito Santo a grave nela:

"A noite, depois de cerca de duas horas de uma certa aridez diante do Santíssimo, procurando acompanhar Jesus na noite da sua Paixão, parece que Se me apresentou então a imagem do 'Ecce Homo'. Sim, eis o homem à maneira divina, o Homem que amou até ao fim e que, por esse amor venceu tudo, absolutamente tudo, em obediência ao Pai.

Pedi, então, ao Espírito Santo que gravasse em mim essa imagem. Pedi-Lho como a maior graça deste retiro e até, da minha vida".

E insiste:

"Compreendi que a grande graça da minha vida será o Espírito Santo gravar em mim a imagem do Crucificado. Esta a maior graça que tenho de pedir à misericórdia de Deus, pelo seu Espírito. E pareceu-me que o olhar de Jesus, como foi mostrado à multidão, me penetrava profundamente, repetindo eu o pedido da graça que me disse continuasse a pedir".

A imagem do Senhor *feito chaga* não lhe sai do pen... e o pedido de que a grave nela é insistente:

"Continuei a contemplar essa imagem do meu Senhor, feito chaga, acusado e condenado como blasfemo, ridicularizado como louco, insultado e cuspido, que sei eu? Eis o homem divino! Comparando com Ele a minha vida, que diferença, que distância infinita! Continuo a pedir ao Espírito de amor a maior graça deste retiro e da minha vida: que grave essa imagem em cada uma das minhas células – imagem do amor que Se dá até

à última gota de sangue do corpo e da alma, para que, ao olhá-la, a minha vida mude de facto".

E acrescenta com humildade:

"E terei tanto que mudar! Tenho que ser mais austera com o meu corpo (dar-lhe o indispensável), mais desinstalada, mais disponível, mais humilde..."

E continua a mesma ideia meditando no "Ecce Homo":

"Creio que percebi. Tu, Senhor, amaste infinitamente o Pai e amaste infinitamente os homens, odiando, tal como o Pai, tudo o que destruiu e destrói o homem – o pecado. E por isso Pilatos sem saber exclama: 'Eis o homem' (cf. Jo 19,5). Mas, Senhor, essa forma desfigurada, esse farrapo humano é o verdadeiro Homem? Então como temos que virar tudo do avesso. Eu gosto do prestígio, do poder, das comodidades e bem estar. Quanto egoísmo, meu Deus! Que vida ainda tão morna!".

Intensificando cada vez mais diante do Senhor o pedido de gravar a sua imagem escreve:

"Pedindo-Lhe eu que gravasse a sua imagem de Crucificado na minha alma, que nada, nada mais queria do que isso, disse-me: 'Sim conceder-te-ei a graça que Me pedes amanhã na Eucaristia. Imprimirei a minha imagem de Crucificado na tua alma, pelo fogo do meu Espírito. Continua a pedir-me essa graça'".

À medida que se aproxima a concessão da graça pedida, Jesus associa-a ao seu amor pelo Pai e pelos homens:

"Parece que Jesus em mim, ia oferecendo ao Pai os sentimentos que O animavam na sua Paixão: ódio ao pecado e amor infinito ao Pai. Ódio por

todo o pecado da humanidade e o meu pecado que pesava sobre Ele. Ia-os oferecendo ao Pai e como que os ia passando para mim. Amor infinito ao Pai e amor infinito ao homem, a mim, por quem Se entregava. Jesus em mim e por mim ia oferecendo ao Pai os seus sentimentos".

E chega o grande momento que ela descreve com emoção:

"Foi na comunhão, como prometera, que me concedeu a imensa graça de imprimir em mim a sua imagem (o seu rosto desfigurado, como depois me disse).

Que darei ao Senhor por tantas graças recebidas?"

E acrescenta:

"Tinha dado os primeiros passos no Instituto havia trinta e seis anos nesse dia (1).

Ainda durante os Exercícios Espirituais, o Senhor promete-lhe imprimir nela as suas Chagas e dá-lhe a entender que esta graça será ainda mais excelente do que a impressão da sua imagem. (Tal promessa realizou-a o Senhor nela, nos Exercícios Espirituais do ano seguinte – 1984):

"Ao contemplar o 'Ecce Homo' o Senhor disse-me: 'a imagem que deixei impressa em ti, ontem na comunhão, foi a que te seduziu o coração – a do meu rosto desfigurado. A seu tempo imprimirei em ti as minhas Chagas'.

Adoro-Te, Senhor, neste estado extremo a que Te levou o teu amor e reconheço em Ti o Filho de Deus. 'Sim adora-Me no teu coração, mas sobretudo na tua vida. Procura este rosto desfigurado em

(1) Era o dia 25 de Agosto de 1983.

cada um dos teus irmãos: irmãs, alunos, professores e todos os que baterem à tua porta'".

Ao imprimir nela a sua imagem, o Senhor como que a torna participante do seu mistério de dor:

"Ao procurar meditar na Ressurreição de Jesus, senti-me como que impedida de entrar nesse mistério de glória e entendi que o Senhor Jesus, imprimindo em mim a sua imagem, me tinha feito um pouco participante do seu mistério de dor. Ele tinha sido feito pecado *assumira o pecado de toda a Humanidade e como tal, tinha sido entregue, condenado, rejeitado e abandonado, sendo embora o Verbo de Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Ele tornou-me participante desse mistério. Um* peso *em sentido de rejeição, de condenação, pesou sobre mim durante alguns minutos, enquanto o Senhor me dizia: 'Fiz-te participante deste mistério, ao imprimir em ti a minha imagem'".*

Depois da grande graça vem a confusão:

"A confusão na minha alma é total e praticamente só consigo dizer jaculatórias: meu Deus eu creio, mas aumenta a minha fé. Jesus manso e humilde de coração ajuda-me".

E assalta-a a ideia de que tudo possa ter sido efeito da sua imaginação:

"Tudo se turvou de novo e já não sabia o que pensar de tudo isto. Será que tudo não passou de uma fantasia forjada pelo meu subconsciente desejoso de vãs glórias?".

Porém, antes de terminarem os Exercícios Espirituais o Senhor tranquiliza-a com a palavra do director dos mesmos:

"Senhor, acaba de mo garantir aquele que Te representa. Tudo o que se passou é obra tua. Deste-me, por ele, a tua bênção para que eu possa partir em alegria, amor, fidelidade".

O Senhor confirma-a ainda no Sacrifício Eucarístico: *"Na Eucaristia o Senhor disse-me mais uma vez: 'Hoje ofereço Eu em ti o meu Sacrifício ao Pai e entrego-te a Ele'.*

No fim, a bênção da Santíssima Trindade pesou sobre mim, dando-me imensa paz e alegria".

CAPÍTULO XI

JESUS IMPRIME NELA AS SUAS CHAGAS – ÚLTIMA FASE DA SUA VIDA – ÚLTIMOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS, EM 1984

Os Exercícios Espirituais de mês e os de 1984 são os únicos dos quais a Irmã Maria do Socorro nos deixou as suas reflexões. Seguindo-as em parte, vamos acompanhá-la nos Exercícios Espirituais de 1984, dirigidos pelo P. José Craveiro dois anos antes da morte da Irmã Maria do Socorro.

Creio ser uma graça podermos descer com ela ao abismo dessas profundidades misteriosas do amor de Deus, em que continuará a mergulhar progressivamente durante estes dois últimos anos de vida. No silêncio de tais profundidades, ela tem uma consciência viva de colaborar na obra da redenção e o Senhor parece associá-la cada vez mais intimamente à sua Paixão, pela participação nos seus mistérios.

O Senhor prometera-lhe, como vimos nos Exercícios Espirituais de mês do ano anterior, gravar nela as suas Chagas, mas ela quer apenas o que Deus quer para ela. "*Nada querer, nada desejar ainda o dom mais precioso*". E escreve:

> "*Se essa grande graça não foi querida pelo Senhor, não a quero nem desejo. Se foi* promessa do

Senhor, *e Ele quer conceder-me essa graça, também quero. Se me enganei e não foi a sua voz que eu ouvi, nada quero desejar nem querer, pelo menos conscientemente. Do meu subconsciente sois Vós mais Senhor do que eu".*

Realmente, parece que o Senhor a vai preparando para esse dom. O Senhor costuma preparar pela prova, quando quer conceder uma grande graça. Não a impõe, oferece-a e vai abrindo caminho para ela. E este caminho, para a Irmã Maria do Socorro, passou por provas duríssimas no aspecto da castidade.

Se o Senhor a quer solidarizar com os pecadores, ela tem que enfrentar, como Ele, em certo modo, o poder das trevas.

Ouçamo-la nas próprias expressões:

"O Senhor tinha-me mostrado que iria deixar cair sobre mim e ainda com mais violência, o poder das trevas. Que não temesse porque Ele estava comigo.

E assim aconteceu. Esse poder das trevas martirizava-me com a própria graça que o Senhor me prometera e isto até durante uma parte do descanso em que acabei por adormecer. Ao acordar, o Senhor disse-me que essa tentação não me manchava nem O feria, mas me purificava. Enquanto que o pecado, o mais leve desvio à Vontade do Pai, me feria a mim e ao seu Coração adorável. Então começou a entrar em mim uma alegria, uma força nova para receber essas jóias preciosíssimas, *(Chagas) enquanto soavam aos meus ouvidos as palavras do Cântico dos Cânticos: 'Vem minha amada!' E parece que deixei de ter medo à tentação".*

Continua a prova e ela recorre ao Espírito Santo:

"Espírito Santo liberta-me do poder das trevas que me envolvem, que continuam a envolver-me e obrigada porque me deste força para aguentar firme aquele tormento. Louvado sejas meu Defensor e continua a vencer em mim este tremendo embate.

Mãe, ponho toda essa tremenda prova (apesar de ser tão nojenta) no teu Coração Imaculado"

E conclui:

"Mas se isto me mete horror, muito mais horror me deve meter o mais leve desvio à vontade do Pai".

Faltam dois dias para o fim dos Exercícios Espirituais e o Senhor quer que ela os viva em alegria, certamente na perspectiva da graça que lhe vai conceder, no último dia e apesar das tentações que continuam com violência:

"Vive em alegria estes dois últimos dias, quaisquer que sejam as tentações, que virão mais violentas. Eu estou contigo, és minha eleita e cumpro as minhas promessas. Depois disse-me mais uma vez que tivesse mais horror, muito mais ao mais leve pecado, do que a essas tentações. Disse-me ainda que guardasse a minha intimidade com Ele. Que tivesse a caridade como regra absoluta da minha vida".

Continua a apoiar-se no Espírito Santo para dizer sempre *sim* a todos os processos de purificação pelos quais Deus a fará passar:

"Deste-me o teu Coração, Senhor, não deixes que nunca de lá saia. E deste-me o Espírito Santo por Defensor. É sobretudo neste apoio que quero confiar. Disse sim *e quero dizê-lo até para além da*

morte. Só Te peço, divino Espírito, que uses os processos que entenderes, mas faz-me um *com o meu Senhor. Em plena consciência, mais uma vez jogo toda a minha vida em Ti, através do Coração Doloroso e Imaculado da minha querida Mãe".*

Intuindo que é Nossa Senhora que a preparará para a grande graça prometida, escreve num momento em que as tentações parecem abrandar:

"Parece-me que é a Mãe extremamente bela, porque imensamente simples (durante algum tempo o Senhor fez-me contemplá-la nessa imensa beleza, porque sem misturas, simples, simples) que me vai preparar para a imensa graça *do Senhor e que Ele quer que eu receba com a maior simplicidade possível. Como Ele me quer simples, sem misturas, à imagem da Mãe! Foi com Ela que passei esta última parte da manhã. Parece que foi Ela que preparou no meu coração o caminho ao seu Filho, desde pequena, jovem e já religiosa e ultimamente em Fátima. Agora, sim, também é Ela que me prepara para essa imensa graça. Que Ela seja louvada e que eu ajude outros a louvá-la e a glorificá-la, como o Senhor quer".*

Continua porém a agitação interior, a perturbação e a prova a que o Senhor a não poupa porque, como Ele, também ela é *feita pecado.*

"O Senhor disse-me: 'Não te pouparei à prova, mas ela não tem poder contra ti'. E assim foi de facto, horrível. Bendito sejas, Senhor. À ida para o jantar disse-me: 'És tu, feita pecado! Nem imaginas a depravação que existe. Imagina toda essa depravação, desde o princípio dos tempos, a pesar sobre mim' ".

À angústia da dúvida sobre o seu consentimento na tentação, o Senhor responde, tranquilizando-a:

"Estava a ficar um pouco angustiada a pensar se aquela coisa horrorosa que se tinha passado, teria alguma parte em mim, isto é, alguma anuência da minha parte. Agora, à noite, o meu Senhor disse-me: 'Nada do que passou por ti teve parte em ti. Fica em paz'. Como o Senhor é bom!"

E acrescenta:

"Na oitava estação da Via Sacra disse-me que estivesse muito atenta para não deixar entrar os critérios do mundo na comunidade. Pediu-me depois que fosse para junto do Sacrário. Aí, mais uma vez, como um relâmpago, mas bem claro, o seu Corpo Crucificado parecia gravar-se em mim. E mais uma vez me prometeu que amanhã me daria as suas Santíssimas Chagas. Mãe, prepara-me para uma graça tão grande".

Estamos no último dia dos Exercícios Espirituais. Tivera licença para passar toda a noite em oração, na capela, onde foi assaltada por tentações mais violentas que nunca. É o dia da grande graça, Matrimónio Espiritual, na opinião do director dos Exercícios Espirituais com quem a Irmã Maria do Socorro se abriu totalmente ao longo dos oito dias, o P. José Craveiro.

"Logo, desde as 8,30 horas, o Pai foi-me dizendo que tudo – e ia especificando tudo – 'é oferta do meu amor por ti desde toda a eternidade'. E assim continuou sempre até que, depois de me falar da oferta do seu Filho único, solidário com os pecadores, até ao abandono (mistério espantoso!) do Pai, me falou do seu Filho glorioso, possuindo todo o poder, toda a glória e toda a plenitude do

Espírito Santo e ia dizendo sempre: 'é oferta do meu amor por ti'".

Na medida em que se aproxima o momento da realização da grande promessa, a Irmã Maria do Socorro exulta de alegria e júbilo em todo o seu ser. Tinha passado a tempestade e o céu da sua alma estava límpido e transparente, capaz de vibrar de gratidão pelas maravilhas nela operadas por Deus.

"Depois de tantas graças que o Pai me foi mostrando ('oferta do meu amor por ti'), havia que agradecer. Mas eu não sabia e pedi ao Espírito Santo que o fizesse por mim. E assim foi. Da parte da tarde, o Senhor disse-me: 'Escuta os teus sentidos, não só os cinco sentidos, mas todos os teus sentidos". Mas como, Senhor? 'Escuta os teus sentidos do corpo e da alma, até à mais pequena fibra do teu ser. E sentirás vibrar em cada um a alegria, o júbilo, o louvor do Espírito Santo em ti. Sentirás os seus gemidos inefáveis de alegria e gratidão pelas maravilhas realizadas, pelas graças e dons recebidos'. E assim foi, até mesmo na Via Sacra que foi também, toda ela, um hino de louvor".

Mas não tem palavras para descrever a imensa graça. Acolhe-a em simplicidade e como o Senhor a quer: simples, imensamente simples, à imitação de Maria, para que Ele a possa desposar em Matrimónio Espiritual:

"Na Eucaristia, à comunhão, o Senhor cumpriu a sua promessa *que eu não sei como descrever: algo que senti, que vivi, mas tenho receio de não ser fiel, se o exprimir por escrito".*

Em breve porém veio a dúvida, como costuma acontecer depois das grandes graças:

"Como sempre, depois das grandes graças que o Senhor me concede, assaltou-me a dúvida: imaginação? Pode ser de facto verdade, ou ter-me-ei enganado?"

De tal maneira fôra intensa a experiência da impressão das Chagas, que ela sente necessidade de voltar a referi-la com frequência, durante o resto da sua vida, o que não acontecera com a impressão do rosto desfigurado de Cristo, nos Exercícios Espirituais de mês. Esta desvaneceu-se e foi como que uma preparação para aquela, que permaneceu.

"Quando já ia a caminho de casa, o Senhor repetiu-me: 'Não tenhas dúvidas' e confirmou-me que, de facto realizara a sua promessa e imprimira em mim as suas Chagas".

Descendo logo ao concreto, ela traz para a vida prática de cada dia os dons que recebe, traduzidos na caridade:

"Mas é no dia a dia que a solidariedade com os pecadores tem de ser vivida, assumida e procurando compensar, pela caridade, estas ou aquelas falhas dos meus irmãos e as minhas próprias.
Espírito Santo, obrigada. Continua a conduzir-me como quiseres. Concede-me e vive em mim o dom da fortaleza e do amor apaixonado *a Jesus Cristo. naqueles que pões no meu caminho. Entrego-Te toda a minha fragilidade e pecado. Purifica-me, salva-me! Sê em mim um hino de louvor.*
Mãe querida, no teu Coração Imaculado deposito todas as minhas preocupações, dons e alegrias".

E em seguida começa os Exercícios Espirituais na vida corrente.

A sua primeira meditação é sobre Ez 39,8: "Farei passar diante de ti a minha Bondade".

"O Espírito Santo foi-me mostrando que assim era desde o princípio. Mas a certa altura fez-me entender que essa bondade não passava diante de mim, mas dentro de mim nesses sinais sagrados *(chagas) que o Senhor imprimira em mim. E então, não sei como explicar, parece-me que nesses* sinais *o Senhor me fazia sentir o seu amor e a sede de amor que tem de ser amado. Não sei explicar, mas foi algo de tremendo e maravilhoso".*

Afligindo-se com um certo enfraquecimento da consciência de pecado, refugia-se no Coração Imaculado de Maria:

"Hoje de manhã, pedi-Te, Senhor, que me desses consciência da gravidade do pecado e do meu *pecado. Parece que não encontrava agora em mim pecados e assustei-me. Desde já ponho tudo, Senhora, no teu Coração Imaculado. Sei que teu Filho me escolheu, me marcou e que esses* sinais sagrados *não mais me deixarão. Louvado seja Deus! Que eu Lhe seja fiel. Nada mais quero, nada mais desejo".*

E percebe que o Senhor a irá purificando para poder realizar nela os seus desígnios:

"Sim, escolhi-te, marquei-te com as minhas Chagas. Não mais podes separar-te de mim!" "E percebi que me irá purificando até que me torne simples como Ele quer, para realizar comigo o que Ele quer" (1)

Como é natural, tudo atribue com verdade, à pura misericórdia de Deus.

---

(1) Referência ao que Deus lhe pediu: a glorificação do Coração Imaculado de Maria.

"Senhor, sinto que é por pura misericórdia, por um amor louco da tua parte que sou tua criatura, me fizeste à tua imagem e semelhança (porque assim o quiseste e só por isso) e me fazes participar de Ti. Pelo baptismo fizeste-me tua filha e cada dia me dás a comer a tua Carne e a beber o teu Sangue. E, não contente ainda, marcaste-me com as tuas Chagas, sinais inequívocos da prova máxima do teu amor ao Pai e aos homens – a mim. Esta é a experiência que hoje me fazes sentir, nessas Chagas encontrei a minha família, os meus irmãos de sangue e os meus irmãos em Ti. Pode acontecer que algum dia eu nada veja, mas hoje, neste momento, é esta realidade maravilhosa que experimento. Nada pode separar-me do amor de Jesus Cristo Crucificado" (cf. Rom 8,35).

E parece que não pode afastar o seu olhar interior contemplativo de Cristo Crucificado e do seu silêncio:

"Cristo, silêncio para salvar os homens, para me salvar. Cristo Crucificado mal articulando três, quatro frases. E este silêncio é palavra *e* oração. *'Quem perde a sua vida ganha-a' (cf. Lc 9,24). Senhor, as tuas Chagas benditas não são já apenas* palavra *que me diz isto. O teu Espírito, Tu mesmo me disseste: 'Deixa que em ti o meu Espírito to faça sentir, nessas chagas que em ti gravei'.*

Meu Deus, quem senão o Espírito Santo me poderia dizer e fazer sentir tal coisa? Eis-me aqui, Senhor, o que quiseres, quando quiseres e como quiseres. Todo este mistério me mostra a gravidade do meu e do nosso pecado e iniquidade. E todo o teu amor ao Pai e a nós, a mim. Mil vezes obrigada e perdão por nós, por mim. Nessa contem-

plação como que senti que o amor de Deus e a iniquidade dos homens estão escritos nas Chagas do Senhor: Senhor, mal comecei a ler a parábola do trigo e do joio, senti internamente que ela, como o teu amor e a minha iniquidade estão escritas, estão *nas tuas Chagas Sagradas. E ao longo da meditação foi isso que percebi. Porque duvidar ainda da minha imaginação ou do que fôr? Tudo está nessas Chagas Sagradas e Tu as puseste no mais fundo do meu ser (mãos, pés, lado). E como que senti o olhar do Pai (meu Deus parece que cada vez Te conheço e percebo menos), mas senti o teu olhar poisar várias vezes nesses sinais sagrados. Perdão e misericórdia. Faz-me continuar a viver hoje este mistério insondável. Senhor, eu creio, mas aumenta a minha fé" (cf. Lc 17,5).*

Providencialmente, vem-lhe às mãos uma estampa com o seguinte pensamento de Santa Teresa: "Procura-te em Mim e a Mim busca-Me em ti".

E faz a sua leitura:

"Não é realmente a confirmação desse Matrimónio Espiritual e dessas dádivas preciosas? Senhor, procurarei fazer o que me dizes: procurar-me-ei em Ti e a Ti, procurar-Te-ei em mim".

E, finalmente, o Senhor parece confirmá-la, mais uma vez, na impressão das suas Chagas nela:

"Costumava, há uns tempos, beijar no crucifixo a sua Chaga do lado e esse beijo era por alguém que mais precisasse. Depois, beijava sempre os seus pés dizendo: 'meu Senhor e meu Deus' (cf. Jo 20,30). Anteontem, se não me engano, o Senhor disse-me: 'Passarás a oferecer-Me esse beijo na Chaga do meu lado, mas em ti!"

Estamos chegados aos últimos meses da sua vida.

Descrever o que eles foram para a Irmã Maria do Socorro não é fácil. Ela encaminhava-se para sofrimentos indescritíveis.

Segundo a opinião de algumas irmãs que a acompanharam mais de perto, parece que tudo se desmuronou à sua volta e ela ficou entregue à sua própria debilidade física, tendendo a fechar-se em si mesma. Tinha perdido a objectividade e a capacidade de reagir. Mas que admira, se atendermos à torrente de sofrimento físico em que estava imersa? Num tal estado de depressão, em que o sofrimento atingia o cume, é natural que todas as forças e capacidade de reacção tivessem desaparecido, que a lucidez se apagasse e ela ficasse entregue a um individualismo que parecia negar tudo o que de sobrenatural envolvera a sua vida.

Um sacerdote carmelita, como já vimos, habituado ao discernimento dos dons místicos e que a visitara na altura de maior sofrimento, na sua última doença, dizia que a Irmã Maria do Socorro fizera a experiência da agonia de Jesus.

Parece que o Senhor, nestes últimos tempos quis abismar em Si totalmente o cerne da vida da Irmã Maria do Socorro, deixando exteriormente apenas o que era limitação humana e espiritual.

Creio que se aplica a ela, lá no mais profundo do seu ser, a palavra de S. Paulo: "quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome e a nudez, os perigos e a espada?" (cf. Rom 8,33).

Seria, numa previsão inconsciente deste seu estado de aniquilamento, que um dia, em Abril de 1984, escreveu:

> *"Hoje o Senhor disse-me uma coisa que me parece inaudita. Para além da razão há um campo muito mais profundo, o íntimo mais íntimo do nosso*

ser, onde nada nem ninguém conseguiu, ou conseguirá jamais penetrar. Mesmo naquele que perdeu a razão, a iniciativa continua a ser de Deus e continua a haver comunicação. Nunca tenhas medo de nada nem de ninguém e respeita profundamente aqueles que parece não terem a razão. Que mistério insondável!"

Por iniciativa de Deus e pela força do seu amor ela sentira, durante toda a vida, que levava consigo o peso da salvação da humanidade – *nós pecadores*, segundo a sua expressão – e oferecera-se por ela sabendo que todos os seus pecados e imperfeições eram assumidos por Jesus Cristo e consumidos nas chamas do seu amor.

Este peso, contudo, à excepção dos últimos meses de vida, não a torna pesada. Alguém dá dela o seguinte testemunho: "Era muito leve, não pesava em sítio nenhum, muito feliz, muito intensa, de ar alegre e transbordante, como que vindo de dentro e passando para o seu corpo. Muito simples e próxima, muito transparente".

Pálida, magra, olhos escuros e de olhar tranquilo, os cabelos negros emolduravam um rosto oval, ao qual uma grande serenidade e um sorriso acolhedor emprestavam frescura e transparência. Um ar de juventude acompanhou-a sempre, excepto nos meses mais cruciantes da sua vida, nos últimos tempos, em que a sua psique desceu, como já vimos, às profundidades de um sofrimento muito superior ao sofrimento físico.

Houve, no entanto, excepções mesmo nestes últimos tempos. Assim dois meses antes de ela morrer, a Superiora Geral visitou a Irmã Maria do Socorro no Lar em Coimbra e testemunhou o seu rosto radiante dizendo-lhe que oferecia pelo Instituto o seu sofrimento.

E na antevéspera da sua morte – 21 de Julho de 1986 – uma irmã, que passava por Coimbra, foi visitá-la.

Apesar de gravemente doente e limitada nas suas faculdades físicas, estava muito lúcida, sorridente, jovial e de rosto sereno. Conversou um pouco e até com certo humor e fez, a propósito, umas breves referências a Nossa Senhora, em tom de preferência: "a Mãe! a Mãe!"

Parecia, porém, ter chegado o tempo da ceifa nesta seara que o Senhor tinha tão maravilhosamente cultivado. No dia seguinte, 22, já quase não falava, mas num momento de intenso sofrimento abriu muito os olhos e disse: "coragem!" No dia 23 entregava-se serenamente nos braços do Pai, como último gesto de adesão absoluta e radical à sua Vontade.

CONCLUSÃO

"Algo de maravilhoso me marcou desde então" diz-nos a Irmã Maria do Socorro, referindo-se à sua consagração pessoal ao Sagrado Coração de Jesus em 1963.

Assim marcada, ela viveu sempre uma vida de grande simplicidade, ao ritmo das grandes graças com que o Senhor a agraciara e das quais a maior terá sido a sua fidelidade permanente, atenta e consciente ao Espírito, em todos os momentos da vida. Não houve quebras, interrupções ou desvios, pelo menos a partir da sua entrada para o Noviciado em 1947. Foram quase quarenta anos de entrega sem reservas, não só em todas as coisas, mas a um nível de generosidade impossível de manter constantemente, sem uma especialíssima graça de Deus.

O Espírito Santo é o amor que ela é chamada a dar a Deus. E deseja-O calmamente, espera-O firmemente na certeza de que também para ela há-de vir o Pentecostes, o dia da plenitude, segundo as suas expressões.

Ela sabe também que Deus irá tomando posse total dela e confia que a caminhada difícil e exigente alcançará o termo desejado:

"Se esta confiança foi inabalável, atingem-se, mais cedo ou mais tarde, as culminâncias do amor, a doação total na caridade".

A sua confiança foi realmente inabalável e constante, por isso ela atingiu as culminâncias do amor.

Nunca perdeu *a sede ardente de, em tudo fazer radicalmente a Vontade de Deus e o que era do seu agrado,*

de deixar Deus ser nela para os outros e de se deixar amar ao jeito de Deus. E não há dúvida que estas atitudes de alma nunca desmentidas, só podiam manter-se à custa de uma atenção progressivamente intensa a Deus, em todos os pormenores da vida. "Parecia distraída, diz uma irmã, mas era a sua forte presença a Deus em si e nos outros que dava essa imagem a quem não a conhecia". Uma outra irmã testemunha que, quando se aproximava dela, sentia uma tal impressão de intensidade e densidade de vida interior na pessoa da Irmã Maria do Socorro, que ela própria era levada à união com Deus.

Quando alguém vinha ter com ela, tinha a impressão de a fazer voltar de um mundo distante – o seu mundo interior plenificado por Deus. E, como que despertando para a realidade, abria-se num sorriso de acolhimento e de presença ao outro.

Seria excessivo referir os testemunhos de todas as irmãs interrogadas sobre a Irmã Maria do Socorro – em vista deste trabalho – além dos que já foram incluídos em um outro capítulo.

Deixamos aqui apenas alguns:

- Intensa na caridade – sempre pronta a ajudar a todos e a todos os níveis – atenta às pessoas menos aceites ou marginalizadas
- Muito sensível à justiça
- Dócil ao Espírito – intensa na oração
- Muito atenta à vontade de Deus
- Interiormente livre e transparente
- Muito profunda, vivendo tudo por dentro
- Toda intensamente de Deus e com grande intuição para o sobrenatural
- Profundamente humilde e simples
- Autêntica e sincera na sua vida e relações – muito comunicativa

– Feliz e alegre, de uma alegria que vinha de dentro
– Serena e calma, sorrindo sempre
– Aberta aos dons de Deus, ao diálogo, ao progresso e às transformações post-conciliares
– Inteligente e sensata
– Firme nas suas convicções
– Ardente e filial na relação com Nossa Senhora.

Uma das suas últimas palavras, na antevéspera da morte, fora, como já vimos, a palavra *Mãe.*

Sem querermos fazer juízos de valor, vamos referir o que parece ter sido uma graça de Nossa Senhora, nos últimos tempos. Passou-se com o P. José Craveiro. Tinha ido visitá-la e ela disse-lhe, apontando para a cadeira em que ele se sentara:

"Esteve aí Nossa Senhora".

E repete-lhe o diálogo breve:

– *"Sois tão bela Senhora!"*
– *"Ver-Me-ás quando eu te vier buscar".*

Ninguém supunha, todavia, que Ela viesse tão depressa. Mas a Irmã Maria do Socorro deixara transcrito nas suas notas dos Exercícios Espirituais de mês:

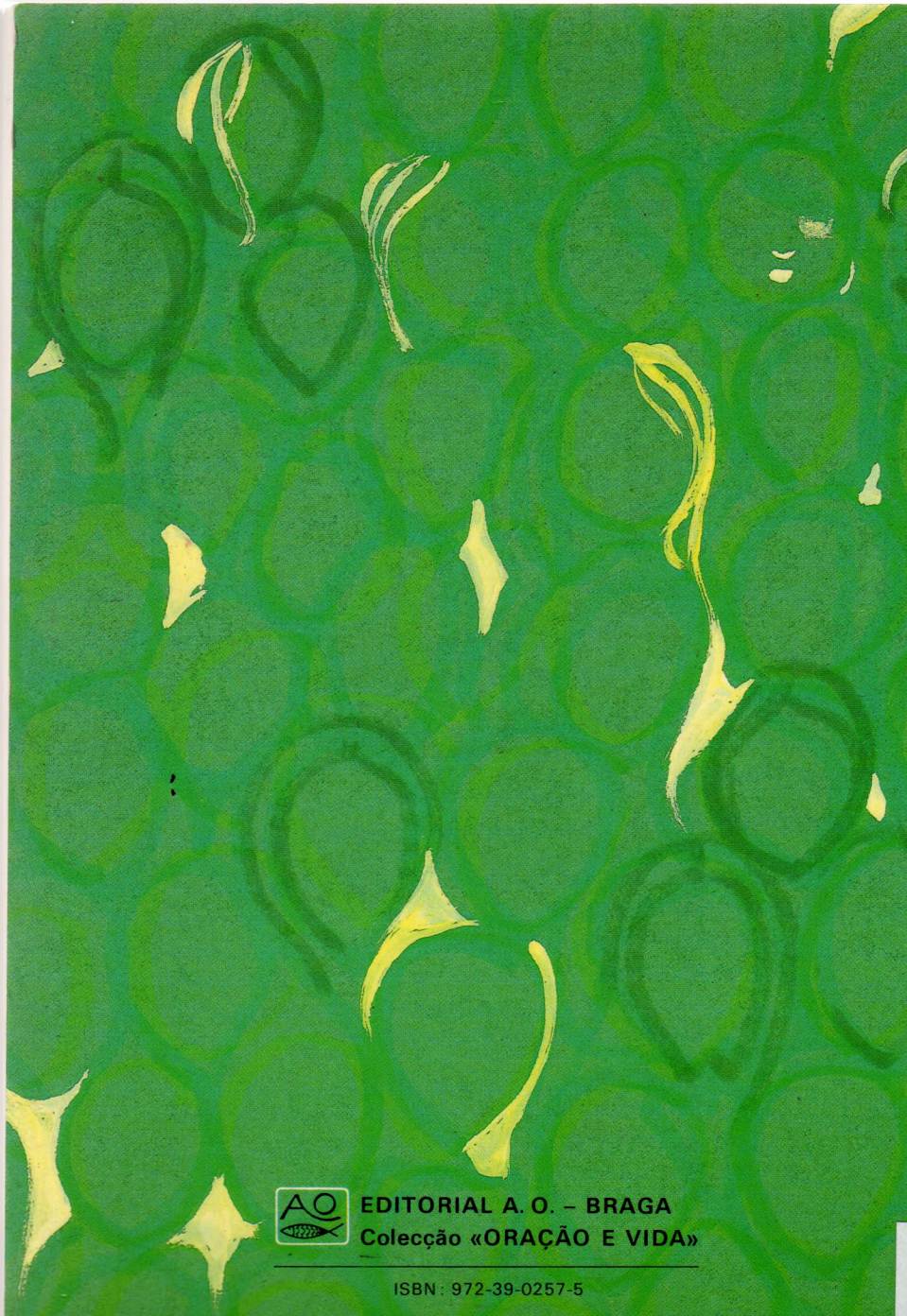
"Virei como um ladrão" (cf. Ap 3,3)!

Era a hora de Deus para ela, o momento supremo da comunhão sem fim.

ÍNDICE

Prefácio de Patricia Connor RSCM – Superiora Geral 7
Introdução 9
Capítulo I – Infância e primeiros anos – Noviciado
Dom em missão 13
Capítulo II – Docilidade ao Espírito – Oração e vida em Deus 21
Capítulo III – "Tocar em alguém só com uma pena leve"
Deixar-se amar 33
Capítulo IV – Busca permanente da vontade de Deus: "Deixá-lo agir à sua vontade" – "Louvar é fazer a vontade do Pai" 43
Capítulo V – Comunhão – Partilha de bens espirituais 53
Capítulo VI – Misericórdia: "Deixa-me poisar em ti a minha misericórdia" – Confiança 63
Capítulo VII – Vida de intimidade e entrega a Nossa Senhora 81
Capítulo VIII – Solidariedade com a Igreja, com o Santo Padre e com os pecadores – Dificuldades nos caminhos de adaptação e renovação da vida religiosa 87
Capítulo IX – Sofrimento físico e interior – Felicidade no sofrimento 101
Capítulo X – Jesus imprime nela a sua Face adorável – Exercícios espirituais de mês 117
Capítulo XI – Jesus imprime nela as suas Chagas – Última fase da sua vida – Últimos exercícios espirituais, em 1984 127
Conclusão 141

O RISCO DE AMAR – UM PERFIL DE COMUNHÃO – IRMÃ MARIA DO SOCORRO BETTENCOURT RSCM, FOI FOTOCOMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA TILGRÁFICA, LDA. – BRAGA, PARA A EDITORIAL A.O. – BRAGA E RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA, NO MÊS DE JANEIRO DO ANO DA GRAÇA DE 1992.



EDITORIAL A. O. – BRAGA
Colecção «ORAÇÃO E VIDA»

ISBN: 972-39-0257-5